

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração da Unidade de Fabricação de Estruturas Metálicas – UFEM

Itaguaí–RJ, 1º de março de 2013

Bom dia a todos.

Eu queria iniciar cumprimentando o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral - um grande parceiro do governo federal nessa verdadeira epopeia que tem sido construir, aqui neste estado, uma infraestrutura que permita ao país, de fato, se afirmar no mundo, mas, sobretudo, se desenvolver de forma soberana.

Queria cumprimentar aqui os ministros de estado que me acompanham hoje: o ministro da Defesa, Celso Amorim; o ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marco Antonio Raupp; o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, José Elito, general José Elito.

Queria também cumprimentar as senhoras, os senhores deputados federais aqui presentes: o Edson Santos; o Felipe Bornier; o ex-ministro da Pesca, Luiz Sérgio; o senhor Mauro Lopes; a Perpétua, minha querida amiga Perpétua Almeida; o Vanderlei Siraque e o Zoinho.

Queria cumprimentar os comandantes das Forças Armadas: almirante-de-esquadra Júlio Soares de Moura Neto, da Marinha; general do exército Enzo Martins Peres, do Exército; tenente-brigadeiro-do-ar Juniti Saito, da Aeronáutica. Queria cumprimentar os almirantes Alfredo Caron e Mauro Cezar, ex- ministros da Marinha.

Queria cumprimentar o vice-governador do Rio, meu querido Pezão, Luiz Fernando Pezão.

Queria cumprimentar o prefeito que nos recebe hoje, aqui em Itaguaí, o prefeito Luciano Mota.

Cumprimentar o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Fernando Eduardo Studart Wiermer, por intermédio de quem eu cumprimento todos os oficiais-generais aqui presentes. E uma saudação especial para todos os integrantes da Marinha brasileira.

Queria cumprimentar o vice-prefeito de Itaguaí, Wesley Pereira Gonçalves.

Cumprimentar também o querido amigo Jaime Cardoso, o presidente da Nuclep. O diretor-presidente da Odebrecht, Marcelo Odebrecht, e de quem eu saúdo todos os empresários aqui presentes. O senhor Patrick Boissier, diretor-presidente da DCNS.

Cumprimentar a Alcinéia Nunes do Couto e Silva, agradecer pelas rosas. E por meio da Alcinéia eu queria cumprimentar todos os trabalhadores. E, sobretudo, eu queria dirigir um cumprimento especial a todas as trabalhadoras e a todas as mulheres aqui presentes.

Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Eu estive aqui há três anos atrás, e era um momento especial para todos nós – naquela época eu era ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República, durante o governo do presidente Lula. Era janeiro, se eu não me engano, de 2010. De lá para cá, toda essa fantástica estrutura foi construída, e aqui neste lugar se erigiu um projeto que é muito importante para o Brasil. E eu me refiro tanto à unidade de fabricação de estruturas

metálicas que está nesse momento sendo inaugurada, mas a toda a infraestrutura construída aqui nessa região. Foram três anos e, por isso, é muito importante que a gente dirija uma saudação especial à Marinha do Brasil, aos seus oficiais, a todos aqueles da Marinha que contribuíram para que isso, junto com o Ministério da Defesa, ficasse de pé.

Mas eu cumprimento também a empresa construtora desta obra, a empresa Odebrecht, pela grandiosidade e pela qualidade e a rapidez com que foram construídas estas estruturas.

Queria destacar também a importância de ter tido, nesse processo que se inicia há alguns anos atrás, a recuperação da Nuclep. Porque foi na Nuclep - e aqui nós temos um símbolo dessa obra que acaba também de ser descerrado - foi na Nuclep que nós mostramos que era possível construir, com mãos, cérebros e a vontade de brasileiros e de brasileiras, construir aqui em Itaguaí, com toda a infraestrutura que também foi feita em parceria com o governo do estado, com o Sérgio Cabral e com o seu vice, Pezão, foi possível construir aqui todo esse empreendimento que é uma parte fundamental da indústria da defesa no nosso país.

Nós podemos dizer, com orgulho, que essa obra, ela é produto da iniciativa de várias, de múltiplas instituições privadas e públicas. Podemos dizer que, de fato, com ela nós entramos no seleto grupo que é aquele dos integrantes do Conselho de Segurança das Nações Unidas - únicas nações que têm acesso ao submarino nuclear: Estados Unidos, China, França, Inglaterra e Rússia.

Sobretudo, eu acredito que nós podemos afirmar com orgulho que o programa de desenvolvimento de submarinos é uma realidade. É importante a fase em que se projeta, cria, se planeja uma obra e uma iniciativa como essa. Mas é um grande desafio para todos os aqui presentes ter realizado e ter dado esse passo importante com a UFEM.

Junto com o programa nuclear da Marinha, nós estamos vendo que aqui também se cria um pólo de referência. Um pólo de referência baseado nesse contrato que nós firmamos com a França em dezembro de 2008. E esse contrato tem por objetivo garantir a transferência de tecnologia e a formação de profissionais brasileiros na construção de submarino.

Essa parceria, ela tem de ter sempre o olhar cuidadoso de todos aqueles que nela participam. Porque nós temos, por parte do povo brasileiro, a missão de garantir e assegurar que de fato essa tecnologia nos seja transferida conforme contrato.

Eu gostaria de louvar um fato que é muito importante: uma indústria da defesa, como disse o ministro Celso, é uma indústria da paz. Mas eu acho que a indústria da defesa é, sobretudo, a indústria do conhecimento. Aqui se produz tecnologia, aqui tem também um poder imenso de difundir tecnologia. É isso que nos outros países a indústria de defesa faz. Ela difunde por toda a indústria do país, ela difunde o uso de tecnologia que, preliminarmente, está muito focada e concentrada num ponto, que é a indústria de defesa, e na sequência ela permite que nós generalizemos essa difusão por toda a cadeia produtiva. A mais diferenciada, inclusive.

Meus amigos e minhas amigas,

Nós somos uma nação muito característica. Nós somos um país continental, nós vivemos em profunda paz com todos os nossos vizinhos. Nós somos uma região do mundo que não faz disputas bélicas, não tem conflitos e, sobretudo, uma região pacífica.

Todos nós temos consciência, no entanto, que o mundo é um mundo complexo. O Brasil assumiu, nos últimos anos, uma grande relevância. Um país como o Brasil tem esse mérito de ser um país pacífico. Isso não nos livra de termos uma indústria da defesa e temos toda uma contribuição a dar na garantia da nossa soberania, e nos inserimos cada vez de forma mais pacífica e dissuasória preventivamente no cenário internacional.

Por isso, aqui, hoje nós temos a confluência de várias, múltiplas correntes, múltiplos fluxos do que é o desenvolvimento do país. De um lado, a afirmação da importância e do orgulho que nós sentimos quando - os senhores não podem olhar - mas quando olhamos para ali e vemos escrito: fabricado no Brasil. O conteúdo local, o conteúdo nacional do que é produzido aqui mostra a pujança da capacidade brasileira, tanto do ponto de vista da empresa privada, que constrói um empreendimento dessa envergadura, quanto do ponto de vista da Marinha, que o concebe, quanto do fato de que milhares de empresas privadas do Brasil forneceram equipamentos, bens e serviços para que isso tornasse realidade. Aí está, eu diria, o fluxo característico da geração de emprego e renda para um conjunto bastante significativo da nossa população. Tem o outro que é essa capacidade de gerar tecnologia a qual nós mencionávamos. Tem um terceiro que é esse papel de afirmação soberana do Brasil como um país que se torna, cada vez mais, um país que é considerado no cenário internacional.

Agora, eu acredito que o que é mais importante, que nós podemos destacar aqui, é que o Brasil é capaz, que o Brasil pode e faz, que o Brasil tem todas as condições de cumprir simultaneamente seu duplo papel. O papel do desenvolvimento científico e tecnológico, o papel da exploração de um seguimento crucial para uma nação que a indústria da defesa com todos os desafios científicos e tecnológicos. E, ao mesmo tempo, um papel gerador de renda e de emprego, e um país que é capaz de lidar também com a superação e a eliminação da miséria.

E eu digo isso aqui diante desse cenário, porque nós nunca podemos esquecer que para essa nação se afirmar, para essa nação ser de fato uma nação desenvolvida, seu povo tem de ser desenvolvido. Por isso, eliminar da miséria e tirar da miséria, eliminar a miséria da nossa história, superar a miséria em nosso país, elevar milhões de cidadãos e cidadãos brasileiros, milhões de famílias, é complementar com o projeto dessa envergadura. E é também complementar com o projeto dessa envergadura – e eu queria aqui dirigir-me à trabalhadora que veio me entregar as rosas – é complementar a formação profissional. Fico extremamente emocionada pelo fato de ver uma trabalhadora sendo formada por esse projeto Acreditar, que é o mérito da Odebrecht, eu já o conhecia da usina hidrelétrica de Santo Antônio. Mas também mencionar algo que eu vi na entrada: uma escola de soldadores. Esse também é um mérito desse projeto, forma soldadores extremamente especializados. Nós precisamos muito da capacitação da nossa mão-de-obra. Então, por isso também ao entrar aqui eu fiquei muito feliz.

E queria concluir dizendo que também o fato de ser uma trabalhadora, uma operária, que me entregou as rosas me emociona muito, porque mostra a força da trabalhadora brasileira num projeto tão sofisticado como esse.

Muito obrigada a todos, tenho certeza que hoje é um grande dia para todos nós.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração do Hospital Municipal Evandro Freire

Rio de Janeiro-RJ, 1º de março de 2013

Eu queria, primeiro... quando a gente vai numa festa, a gente chega e deseja feliz aniversário. Primeiro, eu vou desejar para todos os moradores do Rio de Janeiro, e em especial para os moradores aqui da Ilha do Governador, para as mulheres aqui presentes, para os homens, para todos os moradores: Feliz Aniversário!

Eu gostaria de cumprimentar aqui, e também com eles, desejar feliz aniversário, e vou quebrar um pouquinho o protocolo, vou começar pelo prefeito. Queria desejar feliz aniversário para o prefeito Eduardo Paes.

Em seguida, quero desejar feliz aniversário para duas pessoas: o governador Sérgio Cabral e o vice-governador, Pezão, em nome do meu governo.

Como eu já desejei feliz aniversário para cada um de vocês, eu queria dizer que uma pessoa muito especial nós temos, aqui, de homenagear, que é a minha cara Maria Regina Freire, viúva do doutor Evandro Freire. Ela e seus filhos médicos, que trabalham aqui, que são cirurgiões aqui, eles demonstram um grande amor por essa profissão que implica no atendimento das pessoas, um grande amor pela Ilha do Governador, um grande amor pelo Rio de Janeiro. Por isso, a ela eu desejo um grande feliz aniversário e nosso muito obrigado.

Queria cumprimentar os ministros que me acompanham: Alexandre Padilha, da Saúde, e general Elito, do Gabinete de Segurança Institucional.

Queria cumprimentar o vice-prefeito do Rio de Janeiro, Adilson Pires.

Cumprimentar aqui os dois secretários de Saúde, que eu muito respeito, o secretário de Saúde estadual, o nosso Sérgio Côrtes, e o Hans Dohmann, secretário municipal responsável também por esta grande realização aqui.

Queria agradecer ao diretor Paulo Maurício dos Santos Cabral, diretor-geral aqui do Hospital Municipal Evandro Freire, a recepção, o entusiasmo e a apresentação que me foi feita do hospital.

E, ao cumprimentar o Paulo Maurício, eu queria cumprimentar cada um dos funcionários e das funcionárias, porque aqui tem muitas mulheres. É uma coisa muito gratificante as funcionárias aqui do Hospital Evandro Freire.

Queria dar... fazer um cumprimento também e desejar feliz aniversário para o Melquíades, o Melquíades Chagas Martins, presidente da Federação das Associações de Moradores da Ilha do Governador. Parabéns para os moradores, na pessoa do Melquíades.

Queria cumprimentar os profissionais da área de saúde aqui presentes.

Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Como eu disse para vocês, dia de aniversário a gente comemora e a gente dá presente. Eu acho que aqui vocês receberam hoje um presente histórico. É muito importante um hospital dessa qualidade, que eu tive oportunidade de visitar, de ver o cuidado com os

equipamentos, a qualidade dos equipamentos, a amplitude do que é possível fazer aqui dentro, e eu acredito que esse é um presente especial para esta comunidade, um presente que qualifica todos aqueles que o recebem. Num país como o nosso, nós temos de caminhar a passos largos para garantir à população esse nível de qualidade e de atendimento público.

Uma das coisas que me chamou muito a atenção aqui foram os leitos disponíveis para o tratamento de urgência do crack. De fato, nós lançamos um programa e também essa presença do governo federal na parceria aqui com o governador Sérgio Cabral, e, especificamente hoje, com o nosso querido Eduardo Paes, ela faz parte dessa consciência que nós temos da importância de cada um de nós, e aí não como presidenta ou como qualquer outra autoridade, mas como cidadãos deste país, de vencer e combater o crack, porque o crack destrói jovens, destrói a vida deles e o futuro deles. Por isso eu fiquei muito impressionada também com a qualidade do atendimento nessa área. E queria dizer para vocês algo que, para mim, é muito importante. Eu tenho vindo aqui no Rio, antes eu vinha junto com o presidente Lula, quando eu era ministra-chefe da Casa Civil, e sempre vim aqui a partir do momento em que o Sérgio Cabral foi eleito, porque nós conseguimos aqui fazer uma parceria de qualidade, e eu tenho muito orgulho, viu, Sérgio, dessa parceria. E depois você trouxe o Eduardo Paes, e nós continuamos. Aí a parceria ficou melhor porque era o governo federal, o governo do estado e o Eduardo Paes.

Muita gente... muitas vezes as pessoas pensam: "Não, o problema é dinheiro". Eu queria falar para vocês o seguinte. É verdade, tem uma parte do problema que é dinheiro, mas eu queria falar para vocês algo muito importante: o problema não é só dinheiro. O problema é ter parceiros da qualidade do governador e do prefeito como eu tenho tido aqui no Rio de Janeiro, e isso se expressa em várias áreas, em várias áreas.

Por exemplo, hoje de manhã, nós fomos lá em Itaguaí. E o que é que nós fomos fazer em Itaguaí? Nós... eu acho, assim, que seria importante vocês verem o tamanho, a força, a complexidade do que tinha lá em Itaguaí. Itaguaí tem uma unidade que faz parte de um todo, que é a construção de um submarino nuclear. Alguns países do mundo constroem submarino nuclear: os Estados Unidos, a China, constroem submarino nuclear; a Inglaterra, a França e a Rússia. Cinco. Nós, agora, estamos entrando nesse clube dos que constroem submarino nuclear.

Pois bem, lá em Itaguaí tem uma unidade que orgulha o Brasil – não orgulha só os cariocas, orgulha o Brasil –, que é uma unidade de construção de um submarino nuclear, um de muitos que nós estamos construindo em parceria com os franceses. Fui lá inaugurar. Eu estive lá três anos atrás. Pois muito bem, lá está pronta essa unidade completa, com uma infraestrutura fantástica, com máquinas e equipamentos, e a boa notícia é que essas máquinas e esses equipamentos são produzidos pela indústria brasileira, 95%. Quando a gente vê a força deste país, a gente vê onde? A gente vê na capacidade de seus homens e mulheres de produzirem essas coisas que são mais sofisticadas, e isso, eu fico muito, muito feliz, porque isso significa que são mãos brasileiras, são cérebros brasileiros. É o esforço brasileiro, a força produtiva e criativa do nosso povo que está fazendo isso.

Pois vejam vocês como é que eu sou uma pessoa de sorte, de sorte, uma pessoa de sorte. Agora, também contribuímos bastante para a nossa sorte, como todos nós temos de ajudar a sorte. E agora eu estou aqui, junto com o ministro Padilha, participando da inauguração de um hospital desta qualidade, e eu fico muito feliz, muito feliz porque eu acredito que o nosso país está se transformando num país de classe média, país de classe média. E aí está se transformando por quê? Porque criamos empregos, porque aumentamos a renda e porque combatemos a pobreza. Dos 36 milhões de brasileiros cadastrados no Bolsa Família hoje, nenhum deles está abaixo da chamada linha da pobreza extrema, ou seja, todos hoje ganham R\$ 70 *per capita* – por cabeça – em cada família/mês. Não é muito, mas isso é apenas o começo. Eles terão de ter formação profissional, eles terão de ter educação de qualidade, alfabetização na idade certa, creche. Agora, um país de classe média quer o que também? Quer saúde deste tipo, saúde com esta qualidade, saúde ofertada para as pessoas.

Nós estamos caminhando, porque isso, eu queria dizer para vocês, isso é o compromisso do meu governo, é saber que quando as pessoas melhoram de vida, elas têm direito e faz parte de melhorar de vida querer mais, faz parte. Uma pessoa, uma mãe que conseguiu ser atendida direito numa UPA, quer que seu filho tenha acesso a um hospital se tiver de fazer uma operação. Uma mãe que colocou o filho no ProUni, que deu ao filho condição de estudar numa faculdade privada, o que é que ela quer? Ela quer também que esse filho possa estudar numa das melhores faculdades, lá do resto do mundo, através do programa Ciência sem Fronteiras. Todo mundo quer melhorar e é isso que eu tenho certeza que essa parceria entre nós está fazendo aqui, não só na área de saúde, mas nas grandes conquistas na área de segurança pública e em tantas outras atividades. Por isso, eu quero dizer que, com esses parceiros, além do dinheiro que é possível que nós... o governo federal bota uma parte, o estado bota outra, o município bota outra, mas é com a capacidade de gestão desses homens e mulheres deste país que nós vamos em frente. E aí nós precisamos de todos vocês.

Quero [dar] um abraço muito grande em cada um e em cada uma. Um forte beijo porque hoje, afinal de contas, é parabéns para vocês!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração do Museu de Arte do Rio (MAR)

Rio de Janeiro-RJ, 1º de março de 2013

Primeiro, eu queria... eu queria, primeiro, cumprimentar aqui a todos os cariocas, a todos os que vieram aqui fazer esta comemoração sobre um momento muito especial, que é este museu que se chama MAR, e eu acredito que todos nós aqui sabemos o que isso significa para esta cidade. É mais um museu. Quando alguém vem de outros estados aqui ou quando alguém vem de fora, aqui no Rio de Janeiro, ele vai ter um lugar para conhecer a nossa história artística, a nossa alma, o que nós sentimos e pensamos ao longo dos séculos.

Por isso, eu queria cumprimentar o Sérgio Cabral e o Eduardo Paes, e dizer para eles que hoje é um dia, de fato, especial. Hoje se comemora os 448 anos do Rio de Janeiro.

Queria também dizer para o João Roberto Marinho e para o Murilo, um das Organizações Globo, e o outro da Vale, sobre a importância dessa parceria que mostra um avanço do Brasil, um avanço do Brasil porque é uma parceria em que se unem os governos e se unem também os empresários.

E queria cumprimentar a nossa ministra Marta Suplicy, que aqui representa a participação do governo federal em todas essas atividades.

O Museu de Arte do Rio - MAR, marca, sem sombra de dúvida, uma cidade. O Rio de Janeiro tem várias marcas. O Rio de Janeiro, ao fazer o Aterro do Flamengo, mudou o cenário desta cidade. Ao fazer os túneis, uniu aquilo que, aparentemente, a natureza tinha separado. O que é mais importante, ainda, porque era a Zona Sul unida com o resto do Rio, o Rio mais rico com o Rio mais pobre. Ao se fazer a Avenida Atlântica, e todos nós sabemos o símbolo, o que bate no nosso coração quando a gente vê esse movimento que está agora impresso lá no teto, que é o movimento das ondas, que está no chão de Copacabana e que é uma marca do nosso país, nós nos emocionamos. Por isso eu queria também cumprimentar o Pezão, meu querido Pezão, que sempre foi um grande parceiro, queria cumprimentar o nosso querido vice-prefeito e os dois ministros, Lobão, e também queria cumprimentar o general Elito.

Eu quero contar para vocês uma coisa. Quero contar, viu, Ana de Holanda, um episódio da minha vida que se une com hoje. Em torno do início de 1971, eu fui transferida da Operação Bandeirantes, eu estava no Tiradentes, fui para a Operação Bandeirantes, e vim transferida aqui para o Rio. E fiquei ali, na Polícia Federal. Ali era a Polícia Federal, tinha celas. A minha cela era muito interessante. Metade dela era cinza e tinha muita barata. É o que eu lembro. A gente lembra de algumas coisas, não lembra de tudo, o que até é muito bom.

Mas eu estou contando isso porque eu acho que esse país mudou. Não só pelo Museu de Arte do Rio, mas mudou porque hoje nós convivemos, um presidente da República convive perfeitamente com o som das ruas, com as manifestações, com o processo democrático, o que na minha época de juventude não era o usual. Agora, esse barulho das ruas tem um grande efeito sobre nós. Ele faz com que nós tenhamos certeza que esse é um país democrático, um país em que todos têm o direito de se manifestar, que nós aqui achamos perfeitamente natural que haja essa convivência. Por isso eu contei esse episódio, porque a vida, a vida é isso, a vida tem essa riqueza, essa diversidade, essas idas e vindas, como dizia o João Guimarães Rosa, esse esquentar-esfria e apertar-afrouxa. Agora, há uma coisa que a gente sabe também. Há só um meio da gente entender a vida, ou, eu diria melhor, pode ter vários meios, mas tem um meio que nós sabemos que é aquele que pode nos encantar, fazer com que nós tenhamos uma comunhão de afetos, de impressões, de avaliações sobre o que que é viver. E esse meio é a arte. E aqui eu estou com um pedaço imenso da arte. Aquele, por exemplo, que mais me motiva. Vir aqui ver os nossos artistas, ver a Tarsila do Amaral, o Volpi... Eu acho que é uma grande contribuição que hoje é dada, mais uma vez, para conformar aquilo que é a alma de um povo, que é esse apreço por sua cultura.

E aí, que queria dizer uma coisa: um dos efeitos mais importantes, ou uma das manifestações mais importantes, quando a gente vê de fato que um país evoluiu, que um país está mudando, que nós estamos nos transformando num país de classe média, num

país que valoriza não só a superação da miséria, mas valoriza a ciência, a tecnologia e a cultura, é o fato também de que nós temos aqui um acervo que nós vamos preservar. Mas, também, que temos obrigação de ampliar.

Queria cumprimentar o Eduardo Paes, porque foi lá e comprou uma Tarsilinha, porque foi lá e comprou um banco que tem uma pintura do Guignard, dando a sua contribuição. Agora, quando a gente viaja no resto do mundo, nós assistimos à contribuição dada por grandes empresários, empresários que legam, legam como parte importante da sua contribuição para o seu país, legam, dão, fazem, fazem doações de obras, de pinturas, enfim, daquilo que conseguiram, que conseguiram e aí nós devemos agradecê-los, conseguiram comprar, conseguiram adquirir. E eu acredito que esse museu, pela quantidade de colecionadores privados que eu olhei e vi que existia nos quadros, eu acredito que esse museu é um passo do Brasil nessa direção. Não só as aquisições do Manerj, e eu queria cumprimentar o Sérgio Cabral, não só aqueles acervos que nós temos, mas também os acervos privados.

Eu queria dizer para vocês que eu vejo, com grande encantamento, as filas que se formaram lá em São Paulo quando foi a exposição do Caravaggio, as filas que se formam no nosso país. Porque o nosso país tem, sim, sede de cultura. E a cultura, ela é algo que fala para cada um de nós. Não interessa, é de um profundo elitismo supor que o nosso povo não entenda de cultura. Pelo contrário, um povo com a diversidade, a riqueza e a contribuição que o nosso dá para formar, talvez, uma das mais ricas culturas populares, tem a percepção bem aguçada, capaz de entender, de compreender e de desfrutar deste museu de arte moderna.

Finalizando, eu não vou fazer hoje, aqui, um discurso que saia desse tom, porque eu acho que nós temos de valorizar isso que foi feito aqui. É tão importante o Museu de Arte do Rio como o que nós fizemos hoje. Lá em Itaguaí, nós presenciamos o estabelecimento da capacidade do país para produzir submarino nuclear. Depois, na Ilha do Governador, nós vimos a excelência de um hospital geral, um hospital feito depois de milhares de promessas ao longo de várias décadas, um hospital que foi feito para a comunidade. E agora nós estamos aqui, naquilo que talvez seja a obra, a iniciativa mais geral, que atende a todos os brasileiros, a todos os cariocas e a todos aqueles, homens e mulheres, que vêm de outras partes do mundo para conhecer a nossa alma. E aí eu queria dizer: eu encerro hoje, neste momento, a minha visita aqui e dou mais uma vez os parabéns e acho que nós temos de encerrar esta cerimônia cantando, mais uma vez, parabéns para vocês e para nós... Parabéns para vocês, nesta data querida, muitas felicidades... A voz não ajuda, gente.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de entrega de 576 unidades habitacionais do Residencial Jardim Veneza e de 22 máquinas retroescavadeiras a municípios do estado da Paraíba
João Pessoa-PB, 04 de março de 2013**

Boa tarde, eu queria cumprimentar aqui, nessa semana que é a semana do Dia Internacional da Mulher, eu queria cumprimentar as mulheres da Paraíba.

Cumprimentar também nossos queridos companheiros e dirigir uma saudação especial, primeiro, aos beneficiários do Programa Minha Casa, Minha Vida, e aos prefeitos dos municípios beneficiados com a entrega das 22 máquinas retroescavadeiras.

Queria também dirigir um cumprimento especial à nação potiguar.

Para mim é muito importante vir aqui na Paraíba - e é a primeira vez que eu estou aqui como Presidente da República - e é muito importante porque aqui nós temos um exemplo de parceria. Parceria que eu acredito que será muito bem sucedida, e que essa parceria, ela congrega o governo federal, o governo do estado. E aí, eu queria saudar o governador da Paraíba, Ricardo Coutinho, meu grande parceiro. Cumprimentar a senhora Pâmela Borio, e o meu outro parceiro, o Luciano Cartaxo, prefeito eleito de João Pessoa, e a senhora Maísa Cartaxo.

Ao cumprimentar a Pâmela e a Maísa, eu saúdo também mais uma vez as mulheres paraibanas.

Queria cumprimentar o nosso ministro Agnaldo Ribeiro, que tem sido um grande colaborador, um grande ministro, ministro das Cidades, também um paraibano de fibra.

Queria cumprimentar o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; o nosso ministro Fernando Bezerra, da Integração Nacional; o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, general José Elito; a ministra Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; e a ministra Helena Chagas, da Comunicação Social.

Quero cumprimentar também o vice-governador da Paraíba, Rômulo Gouveia. O presidente da Assembleia Legislativa, Ricardo Marcelo.

Eu gostaria também de cumprimentar parceiros que me ajudam lá no parlamento em Brasília. Cumprimentar os deputados federais Benjamim Maranhão, Damião Feliciano, Luiz Couto, Wilson Filho, Major Fábio, Efraim Filho e Manoel Junior.

Cumprimentar o vereador, presidente da Câmara, Durval Ferreira. O ex-prefeito de João Pessoa Luciano Agra. O vice-prefeito Nonato Bandeira.

Agradecer ao presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda.

E dirigir um cumprimento especial a dois representantes dos movimentos sociais: a Maria José Alves, que representa o Movimento de Luta por Moradia; e o Antonio Junior Ferreira Coelho, do Movimento Nacional de Moradia.

Um cumprimento especial às cinco famílias: a família da Maria Elinete dos Santos Oliveira, a família da Rita de Kássia Duarte Barbosa, a família da Cláudia Cristina Alves de Araújo, a família da Rita Nunes da Silva e a família da Girlene Monteiro Coelho.

Gostaria de mandar uma saudação toda especial do fundo do coração para os integrantes do grupo folclórico Nova Geração, que cantaram aqui para nós, e que encheram nosso coração de alegria, e nos lembraram do nosso ritmo, esse ritmo fantástico que ninguém escuta e consegue ficar parado.

Queria cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos, os senhores cinegrafistas e a todos os prefeitos aqui presentes.

Eu disse para vocês que essa é a primeira vez que eu venho aqui depois que eu me tornei presidenta - que eu venho aqui na Paraíba. Mas eu tenho certeza que será a primeira vez de muitas outras, muitas outras.

E eu venho aqui hoje para um dos programas do meu governo que eu tenho em mais alta conta, que é o Minha Casa, Minha Vida. E hoje eu estou especialmente feliz e eu vou

dizer pra vocês por que: porque eu vi aqui nessa nossa Porta do Sol, eu vi aqui apartamentos, moradias, com acabamento muito bem feito. Sempre que eu vou visitar e vou entregar chave, eu aproveito e dou uma olhada, uma olhada na casa, como qualquer mulher faz na sua casa, eu faço nas casas do Minha Casa Minha Vida. Então, eu estava olhando, se o chão está com bom acabamento, se as paredes da cozinha e do banheiro estão com bom acabamento, e eu fiquei muito feliz, viu Jorge Hereda, e queria dar os parabéns aqui, para o superintendente da Caixa, e para o construtor, para o construtor que fez essas casas. Por que eu estou dizendo isso pra vocês? Por um motivo muito simples: além da casa onde essas famílias irão morar, essas mais de 500 famílias vão morar, a casa ser um lar, um lugar onde a gente cria filho, recebe amigo, conversa, toma uma cervejinha, faz uma festinha, a casa onde a gente volta do trabalho e descansa, a casa também representa cidadania. E o que é que é cidadania? Cidadania é o Estado brasileiro olhar para os moradores do Minha Casa Minha Vida e querer que as casas sejam de qualidade. As casas têm que ser de qualidade, a gente tem que respeitar o consumidor. Quem tem que respeitar consumidor? O próprio governo e todo mundo que trabalha prestando um serviço para o povo brasileiro. Por isso, eu fiquei muito feliz de ver aqui hoje essa qualidade nas moradias, porque é um respeito com o povo brasileiro, que nós sabemos que é, antes de tudo, um cidadão. Sabe qual é a diferença dessas moradias pra algumas outras que se fizeram no Brasil? Eu vou dizer para vocês qual é: essa moradia não é – eu estou entregando a chave aqui para essas famílias em nome de vocês, porque essas casas foram feitas com o dinheiro de vocês. O governo federal coloca nessas casas o dinheiro de vocês. Eu represento vocês aqui quando eu entrego a casa. Eles, os que recebem a casa, não devem nada a ninguém. Nada a ninguém. Não devem à presidenta da República, não devem ao governador, nem devem ao prefeito, nem ao empresário que fez.

Isso é aquilo que se chama obrigação e dever do Estado brasileiro. Um exercício de cidadania. Por isso é que a relação é assim: o dinheiro sai do governo federal e vai para a Caixa Econômica. Da Caixa Econômica, a Caixa contrata um empresário. Mas o empresário para receber tem que ter um morador, porque é para o morador que o dinheiro é destinado. É para o morador. É para quem mora ali, que é dono do dinheiro. Então eu queria dizer para vocês que sempre que eu olho o Minha Casa, Minha Vida eu tenho a mesma impressão que eu tenho quando eu olho o Bolsa Família. Por que? Porque o Bolsa Família também é assim. Não é benefício dado por ninguém. É benefício do povo brasileiro para o povo brasileiro. Do povo para o povo. E é isso que caracteriza esses programas generosos.

Eu queria dizer que essas casas elas fazem parte de várias iniciativas que nós estamos levando a cabo aqui na Paraíba e no resto do Brasil. Mas eu queria dizer aqui na Paraíba, nós já temos aqui 14.300 famílias que realizaram o sonho da casa própria, somente aqui em João Pessoa. Na Paraíba são quase 36 mil moradias. E nós vamos investir aqui R\$ 2,6 bilhões. Por que é que eu estou falando esses números todos? Porque eu sei que muita gente acha chato. Por que é que eu estou falando? Para dizer para as pessoas que ainda não têm acesso ao Minha Casa, Minha Vida que nós não descansaremos até que o último brasileiro tenha acesso a uma moradia digna.

Por isso é que a gente conta a história: “olha, nós já entregamos 1 milhão, mas não fica preocupado nem nervoso, nem nervosa”. Nós estamos construindo agora mais 1 milhão, em torno de 1,3 milhão de casas e faltam contratar 1,1 milhão. Então as pessoas podem ter certeza que elas serão atendidas. E vamos supor que a gente chegue a 1 milhão e 100 [mil] e não deu conta de tudo. Aí nós contrataremos mais outro milhão. E assim nós iremos garantir que a população deste país tenha uma coisa que é fundamental: tenha um teto sobre sua cabeça. Mas que um teto, tenha um lar. E que nesse lar as famílias sejam felizes.

Tem uma coisa que eu tenho muito orgulho também, e vou repetir isso porque essa semana é a semana do Dia Internacional da Mulher, tanto no Bolsa Família quanto no Minha Casa, Minha Vida – que são os dois maiores programas sociais do governo – nós focamos o recebimento dos recursos na mulher. Por que nós focamos na mulher? É algum preconceito contra os homens? Não, não é! Até porque eu sempre digo: metade da população é mulher, a outra metade é filha dessa metade. Portanto, todo mundo em casa. Então, por que são as mulheres que recebem? Porque a mulher representa a família. E não é eu que estou dizendo. Até conto para vocês um comentário do presidente Lula. No início, quando a gente estava fazendo o Bolsa Família e, vocês sabem que quase 90% das pessoas, das famílias que recebem o Bolsa Família, é a mulher que tem o cadastro. Por que é a mulher? Porque o presidente Lula disse o seguinte, foi um homem que disse, hein, disse o seguinte para mim: “olha, se não for assim vai aumentar o consumo de cerveja. A mulher vai pegar o dinheiro e vai dar para o filho, não tem dúvida que vai fazer isso.” Então, é justamente por isso. E eu sempre lembro: vocês não esqueçam que uma metade é filha da outra metade.

Eu queria dizer para vocês, uma outra coisa - eu estou falando de programas sociais. Para mim, esse mês que acabou trouxe um grande momento na minha vida, e eu acredito também, na vida do Brasil. Qual foi esse momento? Eu não sei se vocês sabem, mas o Brasil tinha... tem ainda, e vai continuar tendo, e eu dependo dos prefeitos, dos 22 prefeitos aqui – quero aproveitar que eles estão aqui para fazer um apelo: nós temos, porque construímos ao longo dos anos, um cadastro que é o cadastro que tem nome, endereço, quantas crianças, quanto jovens das famílias. Nesse cadastro tinham 36 milhões de pessoas, 36 milhões de pessoas. Se não existisse nada, nenhum programa social do governo, essas 36 milhões de pessoas seriam pessoas extremamente pobres. Muito pobres. Eu diria sim, pessoas abaixo da linha da miséria, da linha convencional definida pelo Banco Mundial, que é abaixo de R\$ 70 de renda per capita. Quando nós criamos o Bolsa Família, o Bolsa Família ele atingiu dessas 36 milhões, quando eu assumi o governo, ele tinha mais ou menos atingido 14 milhões de pessoas. Aí nós fizemos um programa focado em criança e jovem. Por que criança e jovem? Porque no Brasil tinha uma coisa muito errada, muito errada mesmo. A cara da pobreza aqui no Brasil era basicamente, mais da metade ou quase a metade, de crianças e jovens. Então nós resolvemos olhar sobretudo para criança e jovem, porque é o futuro do país, porque é o único jeito que nós temos pra virar um país desenvolvido são as nossas crianças e os nossos jovens. Então como a criança e o jovem não dão conta das coisas sozinhos, eles precisam do apoio da família, então resolvemos que todo mundo que tivesse criança até 15 anos de idade, cada família receberia R\$ 70 per capita. Com isso nós concluímos um

processo e esses 36 milhões de brasileiros foram, simplesmente, nós baixamos todos os extremamente pobres do cadastro. Pagamos para todos os 22 milhões que faltavam. Então, vejam vocês, a pobreza visível, aquela que o governo sabe onde está, aquela pobreza extrema que o governo sabe onde está, nós acabamos com ela.

Mas ainda sabemos que tem muita gente que não está nisso. Calculamos que ainda tenham em torno de 700 mil famílias. Nós precisamos dos prefeitos. Para quê? Para nos ajudar a cadastrar, para nos ajudar a localizar. Porque nós não damos só a renda, nós damos a essas pessoas treinamento profissional, então precisamos saber onde tem para poder dar aula - aula de pedreiro, aula de eletricitas, aula de tratador de doente, aula de montador de móveis, dar uma profissão. Precisamos também saber onde estão essas famílias, porque como disse o prefeito Cartaxo: precisamos de ter creches, creches. É importante também, porque a raiz da desigualdade a gente atinge ao dar creche de alta qualidade para as nossas crianças mais pobres do país. Precisamos saber onde estão, porque elas têm de ser vacinadas.

Por isso, senhores prefeitos, eu peço aqui a contribuição dos senhores. Vocês sabem que o governo federal dá recursos, dá recursos financeiros para se fazer o cadastro. Conto com a participação dos senhores porque nós estamos na reta final, nós podemos acabar com a miséria extrema no Brasil. Isso é uma honra para nós. Muda a cara do nosso país. Porque, o que nós queremos? Nós queremos um país de classe média, um país de renda média, um país que as pessoas sejam consumidoras, tenham seus direitos de consumidoras respeitados, a sua casa de qualidade, seu acesso à saúde e à educação.

Para isso nós contamos com essa parceria fundamental. E aí eu queria falar uma coisa para vocês – de coração – aqui para a Paraíba: o Brasil vem mudando. Vem mudando porque nós aumentamos as oportunidades de trabalho e reduzimos o desemprego. Porque nós demos uma correção correta para o salário mínimo. O Brasil vem mudando porque quando há uma crise lá fora, um espirro, o Brasil não pega pneumonia. Nós temos R\$ 378 bilhões de reserva. Mas tem uma coisa muito importante que o Brasil mudou: o governo não pode – não tem justificativa, nenhum governo – para perseguir quem não é do mesmo partido dele. Nós, nesses anos, desde o início do governo do presidente Lula, nós mudamos a forma de relacionar. Os recursos são dados porque as pessoas precisam, ou os municípios, ou quem quer que seja. Hoje nós distribuimos, vocês viram, retroescavadeiras. Vamos distribuir motoniveladoras e eu disse para os prefeitos aqui e repito de público: vamos distribuir também caminhões-caçamba, para que esses prefeitos possam construir suas estradas por onde passa o ônibus escolar, por onde passa a ambulância, por onde passam as pessoas, e por onde passam os alimentos que o nosso país produz. Esses municípios têm até 50 mil habitantes. É para eles, nós não olhamos se o prefeito é de que partido, de que credo religioso, de que time de futebol. Por isso, apesar de o Cartaxo querer receber, ele não recebeu. Nós ficamos aqui cuidando dele. Porque ele não tem até 50 mil habitantes, quem tem até 50 mil recebe os três. Isso é muito importante: o ministro Agnaldo falou isso com muita emoção. Eu vi que ele estava emocionado que até perdeu a voz, até perdeu a voz. E ele falou uma coisa que tem que ser verdade: nós podemos disputar eleição, nós podemos brigar na eleição, nós podemos fazer o diabo, quando é a hora da eleição. Agora, quando a

gente está no exercício do mandato, nós temos que nos respeitar porque fomos eleitos pelo voto direto do povo brasileiro.

Eu tenho muita alegria de estar aqui hoje. Eu tenho uma parceria com o governador e uma parceria com o prefeito, e uma parceria com todos os prefeitos aqui do estado. Eu queria dizer para vocês uma coisa: vocês sabem que a gente vai em um estado entregar uma coisa – e é da vida isso, viu, todos fazem – aí vem o governador e mostra a listinha dele para mim, tem uma listinha. Desejos, desejos. Eu quero dizer para o governador que, assim como em todas as outras coisas, tem uma certa coincidência entre os desejos do governador, os desejos do prefeito e o desejo da Presidenta da República.

E aí eu queria dizer uma coisa para vocês. Eu vim de avião com o prefeito Cartaxo, depois peguei e andei até aqui com o governador. Os dois pediram uma coisa em comum. E eu quero dizer para vocês que eu aceito o pleito ... não, eles pediram que eu complementasse os recursos em torno de R\$ 70 milhões para o Centro de Convenções. Eu, o governador foi muito elegante, foi muito elegante, quero dizer aqui de público sobre a elegância do governador que falou isso comigo e chegou aqui, falou que era desejo e deixou para mim anunciar. Agradeço essa elegância do senhor governador.

De fato nós iremos fazer isso. De fato o governo federal vai contribuir. E vou explicar para vocês porque o governo federal vai contribuir. Porque eu tenho certeza que João Pessoa e as praias aqui são grandes atrações turísticas. E acho... vocês nem precisam me dizer, porque a ministra Ideli esteve aqui e passa o tempo inteiro falando de como a praia que ela foi é maravilhosa. Eu tenho dois ministros que passaram o verão aqui: um é a ministra Ideli, o outro foi o ministro Gilberto Carvalho. Então, em vista disso, eu acho que é fundamental para o Brasil ter um centro de convenções aqui. Porque vai atrair tanto turista internacional como turista nacional. O que é muito bom para a economia da Paraíba e de João Pessoa. Então, governador, nós... o senhor pode ter certeza que essa é mais uma parceria nossa.

Querida dizer também, governador, que no que se refere tanto ao Porto de Cabedelo quanto ao aeroporto, nós também concordamos e iremos olhar com muito – como eu não estudei isso, eu quero só antecipar – faz parte da preocupação do governo federal assegurar que aeroportos e portos deste país tenham uma grande melhoria. Por quê? Porque o Brasil só vai andar para frente se mexer naquelas questões que transformam a competitividade do país. Exemplo: aeroporto; exemplo: porto.

Por isso, governador, também aí somos parceiros.

Para encerrar, eu queria dizer para vocês que eu tenho aqui muitas coisas para falar, eu queria falar só algumas delas. Eu queria falar da importância, também, da gente investir aqui em saneamento e investir aqui em mobilidade queria falar do VLT, que nós estamos fazendo juntos, e queria falar também do saneamento que fazemos juntos. Nós fizemos a conta, só de dois ministérios: do ministério da Integração Nacional que mexe basicamente com água e do ministério das Cidades, que é saneamento, mobilidade e pavimentação, nós estaremos investindo aqui entre o que está acumulado e o que será feito, entre o que é emergencial e o que é obra que vai mudar a cara da cidade, em torno de R\$ 6 bilhões, R\$ 6 bilhões. Agora à tarde, agora à tarde, como nós estamos muito preocupados com a seca, nós vamos junto com o ministro da Integração, nós vamos visitar o que nós chamamos de Vertentes Litorâneas, que vocês não chamam de

Vertentes Litorâneas, agora não me perguntem por que nós chamamos, porque de fato eu não entendo. Porque a gente tem que inventar um nome para uma coisa que vocês chamam diferente. Mas aí o ministro depois vai me explicar porquê. Nós chamamos de Vertente Litorânea e vocês chamam de Acauã-Araçagi. Agora como é que vocês querem que eu saiba se eles chamam de Vertente Litorânea? Entendeu? É da vida isso, tem hora que acontece isso. Geralmente é melhor que os nomes, a gente dá nome para poder identificar não é assim? A gente dá nome para poder identificar. Por isso, essa questão da transposição, o ministro da Integração vai fazer uma explicação no local adequado. Qual é o local adequado? É lá em Acauã-Araçagi, é lá que nós vamos falar isso.

Para finalizar, eu quero dizer para vocês uma coisa: eu estou muito feliz de estar aqui na Paraíba. Eu quero dizer para vocês que nós somos um povo muito especial. Muito especial. Por que é que nós somos um povo especial? Primeiro porque nós somos um povo alegre. Segundo, porque nós somos um povo que somos capazes imediatamente de ter uma grande intimidade. E eu quero dizer para vocês uma coisa: eu fico muito feliz quando eu passo na rua e o pessoal diz assim: “Ói ela!” Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia alusiva à visita às obras da Etapa útil I do Canal Acauã-Araçagi - Adutor da Vertente Litorânea Itatuba-PB, 04 de março de 2013

Boa tarde a todos os brasileiros da Paraíba aqui presentes.

Eu queria iniciar quebrando um pouquinho o protocolo e cumprimentando os nossos trabalhadores e as nossas trabalhadoras que estão construindo esta obra. A eles e a elas o nosso respeito, a nossa admiração e o orgulho de termos, no trabalho de vocês, uma obra desta envergadura.

Querida cumprimentar o meu governador da Paraíba, Ricardo Coutinho, e a senhora Pâmela Bório.

Querida cumprimentar também esse simpático pessoal aí. Para vocês que não estão vendo o que eles escreveram: “Dilma, me chama que eu vou”. E eu vou parodiar vocês, vou imitar vocês, vou dizer “Paraíba, me chama que eu vou”.

Querida cumprimentar o nosso ministro da Integração, o nosso querido Fernando Bezerra Coelho, que como vocês viram é uma pessoa apaixonada, apaixonada no melhor sentido da palavra, pelo Nordeste, pela solução dos problemas do Nordeste e uma pessoa que tem na alma a convicção de que nós temos de fazer aqui muito mais do que fazemos em todos os outros lugares, porque durante muito tempo o Nordeste ficou esquecido. Uma salva de palmas para o Fernando.

Eu estou aqui também acompanhada pelo ministro das Cidades, que vocês conhecem, um brasileiro nascido aqui e criado aqui na Paraíba, o Aguinaldo Ribeiro, ministro das Cidades. Me acompanha também o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, o general José Elito, a ministra da Secretaria de Comunicação, Helena Chagas, e a ministra Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais. Querida cumprimentar o deputado federal Luiz Couto.

Cumprimentar o nosso querido prefeito de Itatuba, Aron René Martins de Andrade. O Aron assumiu a prefeitura há pouco e eu queria desejar a ele toda a sorte do mundo,

queria desejar a ele uma grande parceria com o governo federal e, tenho certeza também, com o governo do estado. Pode saber, Aron, que estamos juntos.

Querida cumprimentar a senhora Viviane Lira Campos, por intermédio de quem cumprimento todos os prefeitos e prefeitas da região aqui presentes.

Querida cumprimentar o senhor Luciano Cartaxo, prefeito de João Pessoa.

Agradecer e cumprimentar o presidente do Conselho de Administração do Consórcio Acauã, Marcos de Queiroz Galvão.

Querida cumprimentar o Movimento dos Atingidos por Barragens, na pessoa do Osvaldo Bernardo da Silva.

Cumprimentar a Dilei, a Aparecida Schiochet, do Movimento dos Sem Terra.

O Nelson Anacleto Pereira, representante da Articulação do Semi-Árido Brasileiro e do Polo Sindical.

Finalmente, eu queria cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas, e, mais uma vez, cumprimentar nesta semana, que é a semana do Dia Internacional da Mulher, a mulher paraibana. E eu vou agradecer ao prefeito Aron por ter me comparado com uma mulher paraibana, muito me honra.

Aqui estão também alguns prefeitos e prefeitas que eu vou mencionar. O prefeito Adáurio Almeida, de Salgado de São Félix; o prefeito Antonio José Ferreira, de Mogeiro; o prefeito Eduardo Gindre Caxias de Lima, de São José dos Ramos; o prefeito José Gil Mota Tito, de Riachão do Bacamarte; o prefeito Manoel Batista, de Ingá; a prefeita Mariana Faria dos Santos, de Juarez Távora; e Nadir Fernandes, prefeito Nadir Fernandes, de Curral de Cima.

Querida dizer para vocês que, de fato, esta é a primeira vez que eu venho à Paraíba como presidente da República. Já estive aqui antes como ministra, mas como presidente, para mim é um grande prazer estar aqui hoje, principalmente porque esta obra é um símbolo, é um símbolo do apreço, da importância, da prioridade que o governo federal dá à questão da água. Nós sabemos, e nós sabemos e temos acompanhado com a maior atenção, o grave problema que vem afetando o semi-árido aqui na região nordestina, em especial aqui na Paraíba.

Por isso, para mim, ver as obras do Canal Acauã-Araçagi avançando, ver este canal aberto, me enche de dois sentimentos: um é a alegria e outro é a esperança e a certeza que esta é uma obra que vai ocorrer de forma acelerada e vai beneficiar milhares e milhares de famílias aqui na região, nesta região da chamada Borborema paraibana.

Este canal é a maior obra hídrica nos últimos 30 anos aqui na Paraíba, a maior obra de oferta de água. O que nós chamamos de estruturante é aquela obra que resolve o problema para uma população de forma definitiva, que resolve o problema da água saindo, ou do rio ou do reservatório, caminhando por uma adutora ou um canal, chegando na torneira da casa das famílias, permitindo que a mãe dê banho no seu filho, que a dona de casa cozinhe, permitindo que se tome banho e permitindo ao agricultor que ele dessedente seus animais, permitindo a todos o acesso a esse que é, talvez, o mais importante bem, que é a água, porque nós todos sabemos que, se tem uma imagem forte do que é a água, essa imagem é a vida. Água é vida. Por isso a importância para o Nordeste de ter água, de ter água para poder, inclusive, crescer e se desenvolver.

Eu estou falando aqui, neste momento aqui, junto a esta represa e, sobretudo, ao canal que está sendo construído, eu estou falando de um investimento que não é pequeno, é de quase R\$ 1 bilhão, e isso é muito importante que o Brasil gaste. Eu quero dizer para vocês que quando eu cheguei, no PAC – um pouco antes do PAC começar –, o Brasil gastava, sabe quanto, o Brasil inteiro, em obras deste tipo? Não gastava, o Brasil inteiro, R\$ 200 milhões, o Brasil inteiro, porque o Brasil vinha de uma crise muito forte, que durou quase 20 anos.

Então, hoje, quando numa obra, no estado da Paraíba, nós colocamos R\$ 1 bilhão, é porque as coisas mudaram, e mudaram para melhor. Aqueles que dizem que nós não fazemos obras estruturantes, só fazemos obras emergenciais, eles estão errados. Nós fazemos obras estruturantes, sim. Esta é uma construção de 112 quilômetros, esta é uma construção de quase R\$ 1 bilhão. Agora, tem uma coisa, nós temos responsabilidade com o povo, então fazemos obras emergenciais também, porque o governo federal e os governadores aqui do Nordeste não vão ficar de braço cruzado, vendo a seca surgir, e falando assim: “a hora que acabar essa obra, a gente vai ver o que faz com a seca”. Não é possível isso, não é responsável. Por isso, que ao mesmo tempo que nós fazemos obras emergenciais nós temos que chamar o Exército Brasileiro e falar: “Exército Brasileiro, aqui está o dinheiro. Vamos levar carros-pipa para os municípios que estão sem água”. É por isso. Agora, chamamos o Exército. Não queremos que o Nordeste seja atendido com carros-pipa. Não queremos. Queremos que aqui tenham obras estruturantes. Mas enquanto elas não ficam prontas, nós vamos garantir carros-pipa sim. Nós vamos garantir também que o agricultor tenha acesso à sua cisterna, que ele possa colocar sua cisterna na propriedade e receber a água. Nós também vamos garantir que a população que está sem água, a população mais pobre, não precise passar por aquela situação tão terrível de porque não tinha o que comer porque não tinha renda, chegava ao limite, inclusive muitas vezes chegando a invadir lojas e comércios. Não. Nós criamos uma figura chamada Bolsa Estiagem, quando nós vimos que a seca vinha, nós criamos duas coisas: a Bolsa Estiagem e antecipamos a chamada Garantia Safra. A Bolsa Estiagem para aquele agricultor que tinha que sobreviver com a família e que ganhava nove parcelas de R\$ 80 e que, enquanto a seca durar, nós pagaremos. E a Garantia Safra a mesma coisa. Agora eu quero contar uma coisa para vocês. O Nordeste sempre foi um estado, uma região especial, e a Paraíba sobretudo. A Paraíba, a Paraíba foi capaz, e hoje o ministro das Cidades, lembrava que na bandeira da Paraíba está escrito “Nego”. Nego o quê? Nego o governo, que era um governo conservador, que só olhava para o Rio, aliás para São Paulo e para Minas, o chamado governo do café com leite que era do Washington Luís. Então a Paraíba fez uma parceria com o Rio Grande do Sul. Juntos, Rio Grande do Sul, Minas e a Paraíba, fizeram a chamada Revolução de [19]30. O que está na bandeira da Paraíba é um grito de liberdade e o apoio a uma questão, e eu lembrei disso porque eu quero contar para vocês uma coisa. Eu deixei para contar aqui.

Quando nós resolvemos criar o Brasil Carinhoso, um dos fatos... O que é o Brasil Carinhoso? É dar uma bolsa para resolver o problema da miséria que ataca as crianças e os jovens. A criança e o jovem, eles não saem sozinhos da miséria. Eles precisam da família para sair da miséria. Onde se concentra a miséria no Brasil? Em crianças e

jovens, na população urbana das grandes cidades, na população rural e, principalmente, se a gente for olhar a região, no Norte e no Nordeste.

Quando nós vimos essa situação e vimos a seca, nós resolvemos acelerar o Brasil Carinhoso, porque o Brasil Carinhoso também ia ajudar a combater a seca, porque era dar para cada pessoa, de cada família que estava no Cadastro como extremamente pobre, dar a elas R\$ 70 por pessoa. Não adianta dar para criança, tem de dar para a família da criança e para a criança, porque quem sai da miséria é a família, quem leva a criança e o jovem junto é a família. Então, eu quero dizer que o Brasil Carinhoso também funcionou como uma rede de proteção, como um apoio, como um suporte para que a população nordestina enfrentasse a seca, desta vez, de cabeça erguida.

Além disso, eu quero dizer para vocês que o governo tem uma obra fundamental, que é a interligação da Bacia do São Francisco. Nós sabemos que o rio São Francisco é a fonte de água que resolverá o problema aqui desta região do semi-árido, tanto o eixo leste quanto o eixo norte e a Paraíba, sem dúvida, hoje mais uma vez eu tenho certeza disso, é um dos maiores beneficiários da interligação da Bacia de São Francisco.

Eu quero dizer a vocês que não só eu assumo aqui o compromisso que nós iremos até 2014 entregar uma parte dessa interligação como ela estará concluída em 2015. Eu assumo em meu nome, no nome do ministro Fernando Bezerra, e quero dizer mais uma coisa para vocês: a interligação da Bacia do São Francisco apesar de ser uma obra estratégica, ela por si só não assegurará o abastecimento de água. Por isso que hoje para cada R\$ 1 que nós colocamos na interligação, nós temos que colocar R\$ 2 nas outras obras estruturantes articuladas com as obras da integração. Por que? Vejam vocês, por que? Eu vou explicar porque. Aqui, por exemplo, a gente vai ter que trazer a água para cá, mas a água tem que chegar na casa da Dona Joana, da Dona Maria, do Seu Pedro, do Seu Manoel. Para ela chegar, nós temos que fazer, por exemplo, esta obra aqui. Porque essa obra é como as veias do nosso corpo. Nós temos uma veia maior, que é a interligação da Bacia, e várias veias menores, que são este canal, aqui da chamada, que nós chamamos Vertentes Litorâneas, os outros canais que serão feitos aqui e que o ministro Fernando Bezerra aqui assumiu o compromisso que é meu, de nós fazermos um estudo porque não se pode parar no Brasil, nós temos que ter projeto. No Brasil hoje o que falta não é dinheiro, é projeto. E projeto para que? Para fornecer água para a população do semiárido.

Então eu quero dizer para vocês que isso é um imenso esforço articulado. Nós estamos, porque como disse bem alguns que me antecederam, nós não somos donos da verdade, nós queremos parceria. Nós precisamos dos empresários, precisamos dos prefeitos e precisamos dos governadores para levar a cabo essa que é, aliás, esse que é um desafio de uma geração.

Ficamos 500 anos sem resolver o problema da água, mas a nossa geração vai resolver o problema da água aqui no Nordeste. Nós vamos fazer isso e eu conto com todos vocês aqui presentes. Vocês, para nos criticar, quando for o caso, para criar toda sorte de discussões a respeito, e nós todos para pegarmos juntos e resolver esse que é um desafio do tamanho do Brasil, um desafio que é botar água na torneira de todas as donas de casa aqui do Nordeste, de colocar à disposição dos agricultores água suficiente.

A seca, nós sabemos que é algo que nós não controlamos porque ainda não temos tecnologia para controlar o clima, a chuva, não temos. Mas nós temos tecnologia, capacidade, ousadia e coragem para enfrentar a seca. O que nós queremos é enfrentar, e enfrentar como? Usando todos os recursos que nós tivermos: dinheiro, tecnologia para fazer esses projetos que são chamados estruturantes, que são os canais, as adutoras, os reservatórios, as estações elevatórias, quando for o caso, para assegurar que o Nordeste seja uma das regiões que tenha seu crescimento acelerado e seja, cada vez mais, aquela região que nos orgulhará por ter um desempenho econômico-social o mais expressivo do Brasil. Esse é o desafio de todos nós, de todos os brasileiros com consciência.

E eu queria dizer a vocês mais uma vez: para mim é uma honra estar aqui e eu, aqui, assumo um compromisso. É a primeira vez que eu venho como presidente, mas não será a última, é a primeira de muitas. E aí eu vou cobrar o “Dilma, me chama que eu vou”. Espero que, da próxima vez, eu possa dizer para vocês: “Paraíba, me chamaram e eu vim”.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no 11º Congresso Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – CNTTR
Centro de Convenções Ulysses Guimarães - Brasília-DF, 05 de março de 2013**

Eu queria... Boa noite a todas as companheiras aqui presentes e boa noite a todos os companheiros.

Eu queria iniciar a minha fala fazendo uma manifestação, antes de começar, propriamente, o discurso. Hoje, lamentavelmente, infelizmente e, com tristeza, eu digo para vocês que morreu um grande latino-americano, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez Frias. Essa morte deve encher de tristeza todos os latino-americanos e os centro-americanos. O presidente Chávez foi, sem dúvida, uma liderança comprometida com o seu país e com o desenvolvimento dos povos da América Latina. Em muitas ocasiões, o governo brasileiro não concordou integralmente com o presidente Hugo Chávez. Porém, hoje, como sempre, nós reconhecemos nele uma grande liderança, uma perda irreparável e, sobretudo, um amigo do Brasil, um amigo do povo brasileiro.

O presidente Hugo Chávez deixará no coração, na história e nas lutas da América Latina um vazio. Lamento, como presidente da República, e como uma pessoa que tinha por ele um grande carinho. Além de liderança expressiva, o presidente Chávez foi um homem generoso. Generoso com todos aqueles que, neste continente, precisaram dele. Por isso, eu queria propor aqui um minuto de silêncio para homenagear esse grande latino-americano.

Bom, queridos e queridas participantes deste 11º Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Queria, primeiro de tudo, agradecer o convite. É uma honra para a presidenta do país vir aqui neste congresso, participar com vocês.

Queria cumprimentar também o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz.

Dirigir um cumprimento muito especial para o Alberto Broch, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, a grande Contag.

Queria cumprimentar, e dizer que é um orgulho para mim saudá-la, a Carmen, a Carmen Helena Foro, secretária de Mulheres Trabalhadoras Rurais, e, através de um momento, assim, muito forte para mim, cumprimentar todas as trabalhadoras rurais aqui presentes. Esta semana é a semana das mulheres do nosso país, e um congresso que tem essa presença de mulheres trabalhadoras e que defende a paridade, é, de fato, um orgulho para todas as mulheres deste país.

Queria cumprimentar as ministras e os ministros de Estado aqui presentes: o ministro do Trabalho e Emprego, o ministro Brizola Neto; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o ministro do Desenvolvimento Agrário, Pepe Vargas; ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral da Presidência da República; e a ministra Maria do Rosário, dos Direitos Humanos.

Cumprimentar os senadores que prestigiam, com a sua presença, este Congresso: Inácio Arruda, Eduardo Suplicy.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes e as deputadas federais: a deputada Perpétua Almeida, o deputado Bohn Gass, o deputado Chico Lopes, deputado federal Leonardo Monteiro, deputado federal Paulão, deputado Pedro Eugênio, e deputado Pedro Uczai.

Queria dirigir um cumprimento também especial para o presidente da CUT, o Vagner, companheiro Vagner Freitas de Moraes.

Saudar todos os integrantes, homens e mulheres, da diretoria da Contag.

Saudar o ex-presidente Manoel de Serra, ex-presidente da Contag, aqui presente.

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Num país como o Brasil, que tem... todas as instituições são muito novas, ter 50 anos de existência é um feito, e é um feito e uma proeza que deve ser respeitada, e eu desejo, imitada por outras organizações do movimento social, que tenham tanta força e capacidade de se manter atuante e lutando.

Eu fico muito feliz de estar no 11º Congresso, e, sobretudo, porque agora e hoje se comemora os 50 anos da Contag, e se comemora também dez anos de governo, que começa com o presidente Lula e agora, há dois anos, eu tenho a honra de dar continuidade.

Foram 50 anos de uma história de lutas e, como eu disse outro dia, nós estamos aqui – o meu governo está aqui, o governo do Lula esteve aqui – porque vocês estão aí. É essa relação que permitiu que nós chegássemos a estar aqui discutindo, discutindo as políticas de reforma agrária, as políticas de melhoria das condições de assistência social e todas as políticas relativas ao combate à pobreza e à melhoria da vida no nosso país. Mas, esses 50 anos são também 50 anos de lutas e de vitórias ao lado dos trabalhadores rurais, por parte da Contag, mas também participando das lutas nacionais, e é esse caráter da Contag que, ao mesmo tempo, olha a situação dos trabalhadores rurais, pensa o Brasil e deseja um Brasil melhor.

Até se tornar a maior organização de trabalhadores rurais do país, a Contag percorreu uma trajetória de lutas, que eu tenho certeza que foi amplamente lembrada aqui ontem e, seguramente, hoje. Eu acredito que a Contag tenha um papel estratégico na conformação, tanto da democracia como do desenvolvimento social e econômico do país. É verdade que ela lutou pelas liberdades democráticas, que ela se posicionou

quando, no país, era proibido se posicionar, porque se posicionar ou levava, muitas vezes levava ao cárcere, ao exílio e, infelizmente, à morte. Ela se posicionou contra todas as formas de repressão e opressão, contra a tortura, lutou pela anistia e teve um papel central também na luta para redemocratizar o Brasil.

Eu acredito, e eu já participei algumas vezes, primeiro como ministra e depois como presidente, nesse processo também no que se refere às reivindicações, aos projetos e a sua visão do modelo de transformação do Brasil. E isso reafirmou, a cada dia, a legitimidade da Contag, principalmente através do Grito da Terra, manifestação que, eu acho, despertou o Brasil para a questão... todas as questões relativas à situação da nossa população do campo, indo da reforma agrária até reivindicações específicas para os pequenos agricultores.

A Contag tem uma característica que, para mim, é muito cara. Ela sempre soube representar os direitos da mulher do campo. Ela lançou a Marcha das Margaridas, talvez a maior marcha de mulheres, e isso é muito importante. Isso é muito importante porque ela, com isso, demonstrou seu compromisso com a igualdade de gênero.

Eu presenciei movimentos de mulheres muito significativos, e a mulher que, durante muito tempo, mesmo no movimento sindical, foi vista como dependente, ela encontrou, nas grandes organizações dos trabalhadores, seja do campo como da cidade, ela encontrou um momento especial, um momento de se tornar protagonista, e eu tenho certeza que a mulher protagonista é essencial no Brasil.

Aliás, nós que lutamos contra a desigualdade, que tomamos medidas fortes para combater a desigualdade, criando o Bolsa Família, lutando pela valorização do salário-mínimo, aumentando o emprego com carteira assinada, como nós podemos ficar e olhar, de forma passiva, a questão da desigualdade de gênero? Quando eu assumi a Presidência da República, eu disse que ia honrar o povo brasileiro, mas que eu também ia honrar as mulheres do meu país.

Por isso, esse... ao reconhecer essa força que vocês construíram na Contag – vocês, companheiras, e vocês, companheiros – no tratamento e agora caminhando para a paridade, vocês podem ter certeza que vocês terão, da parte do meu governo, todo o respaldo necessário para que a gente trave a luta contra a violência, para que a gente trave a luta por condições de vida melhores para as mulheres e para seus filhos. Daí também a importância que eu atribuo a essa luta por creches.

Mas, eu queria dizer para vocês, queridas trabalhadoras e queridos trabalhadores. O Brasil, nós todos sabemos, ele vem passando por mudanças importantes, inclusive os oradores e a oradora que me antecederam reconheceram isso. Nós, de fato, fizemos uma mudança de trajetória no Brasil. Nós colocamos no centro do desenvolvimento uma questão essencial, porque desenvolvimento, muitas vezes, no Brasil, foi visto como fazer prédios, construir rodovias, construir ferrovias... É isso também, mas a principal característica do desenvolvimento, que eu acho que nós inauguramos, foi colocar as pessoas no centro desta questão. É saber se as pessoas vivem melhor, é saber se tem mais oportunidades, é saber se nós estamos atacando não as consequências, mas a raiz da desigualdade. E eu acredito que algumas características desse processo, pra mim, são muito importantes. Primeiro, contra a corrente internacional, nós criamos 19 milhões de empregos formais nesses últimos anos. Temos, hoje, uma das menores taxas de

desemprego do mundo, e isso graças a que nós vimos que não era mais possível acreditar que havia uma contradição entre crescer e distribuir renda.

Nós mostramos e demonstramos que crescer e distribuir renda é a mesma música. Nós intensificamos no Brasil o combate ao trabalho escravo, à precarização do trabalho assalariado, principalmente no meio rural. Mais gente teve a sua carteira de trabalho assinada, com direito a salário e previdência. Tenho muito orgulho da política da valorização do salário mínimo, responsável pelo salário crescer nas regiões mais pobres desse país, porque o país além de ter desigualdade social, a gente nunca pode esquecer, tem também desigualdade regional. Uma parte do país cresceu mais e mais rápido que a outra parte e, no nosso governo, no governo do presidente Lula e no meu governo, nós jamais deixamos de olhar o crescimento do Nordeste e do Norte do Brasil como uma questão central de reequilíbrio da nossa federação.

O Brasil Sem Miséria, que combina o Bolsa Família com o Brasil Carinhoso – que está focado basicamente nas crianças e nos jovens – ele também está contribuindo para mudar a face do Brasil. Quando eu assumi o governo eu escolhi um lema, e eu não escolhi um lema porque diziam “mas esse lema que vocês escolheram, ele é muito estranho”... Eu não vejo nada de estranho. É assim: “país rico é país sem pobreza”. Parece que é uma obviedade, o óbvio ululante, parece que eu não estou dizendo nada.

Pelo contrário, “país rico é país sem pobreza” significa que esse país jamais vai ser rico enquanto seu povo for pobre. E já teve época em que acreditaram que era possível o país ser rico e o povo ser pobre, mas, sobretudo, no Brasil Sem Miséria, trata-se de a gente perceber que nós temos de ter o compromisso de superar a pobreza extrema no nosso país. E só se supera a pobreza extrema num governo que sucedeu um outro governo. A superação da pobreza extrema não é nenhum milagre, nenhum acaso, é fruto de um trabalho sistemático, da vontade política, da decisão política de não aceitar conviver com a pobreza. Então, ao longo dos últimos 10 anos, nós criamos o Bolsa Família, nós aperfeiçoamos um cadastro, nós criamos um cartão que elimina a relação clientelística entre o pagamento de um benefício e, sobretudo, percebemos que as mulheres deviam ser aquelas que receberiam.

As mulheres da família, a mãe, aquela que é responsável pela família, seria quem teria de receber o cartão do Bolsa Família. Nenhum país fez um cadastro onde põe o nome, o endereço, quantos filhos... O que que acontece? Nós fizemos isso porque queríamos ter uma política que melhorasse a vida das pessoas e aí eu tenho muito orgulho de, nesse ano de 2013, nós termos conseguido retirar da pobreza os 36 milhões de brasileiros, da extrema pobreza, os 36 milhões de brasileiros que estavam no cadastro do Bolsa Família. Nós vínhamos tirando desde a época do presidente Lula, nós vínhamos tirando, e agora nesses últimos dois anos nós tiramos 22 milhões, porque nós focamos nas crianças. Nós olhamos e vimos que a pobreza tinha cara.

A pobreza no Brasil é assim: metade urbana, metade rural. E uma parte muito grande de crianças e jovens, 46% é de criança e jovem. Criança não sai da pobreza sozinha, nem o jovem. A família, ou sai a família ou eles não saem. Então nós criamos o Brasil Carinhoso. Para quê? Para definir que toda a família que tivesse uma criança ou um jovem até 15 anos, cada pessoa da família tinha o direito de receber uma renda mínima de R\$ 70. Se ela tivesse um trabalho, cada pessoa da família tinha direito, somando o pai

e a mãe, no caso tivesse pai e mãe, e as crianças e os jovens, se tivessem avô, avó, quem fosse da família daquela criança tinha direito de receber – e estivesse no cadastro, é óbvio – teria direito de receber R\$70. É esse processo que nós concluímos e viramos uma página. E, aí, nós mesmos dissemos: “ora, isso não é suficiente, o fim da extrema miséria na renda é apenas o começo, é apenas o começo”. Ninguém pode achar que depois que fez isso deita e fica descansando, pelo contrário, nós temos de trabalhar intensamente porque esse começo significa, a partir daí, significa formação profissional. Tem de ter formação profissional nesse país, para o agricultor, no campo você vai ter de ter, vai ter de dar condições de, cada vez, ele melhorar mais, de ele ter uma formação técnica mínima, de se formar agrônomos, de se formar técnicos rurais, de ter pessoas especializadas em zootecnia. Enfim, no campo nós temos de providenciar cursos profissionalizantes de um tipo, na zona urbana, de outro tipo. Mas, é fundamental que essas pessoas, que recebem o benefício, esse benefício, elas saiam da pobreza também pelo caminho também de um trabalho qualificado.

Outra questão que é fundamental é que elas saiam da pobreza através... As crianças têm de ter educação, educação e mais educação, em qualquer lugar desse país, no campo ou na cidade. Creche – tem toda razão a Carmem – creche é fundamental, não é só por causa que as mulheres precisam eventualmente de trabalhar, precisam de deixar a criança num lugar que ela saiba que vai ser bem tratada. É porque todos os estudos mais modernos mostram que a diferença começa quando a gente é pequenininho, é nessa formação, nos estímulos que você dá, no livro que você mostra, no jogo que você faz... É óbvio que também no carinho que a gente dá, mas é em todo um processo que faz com que a criança, quando chegar à sua idade de alfabetizar, ela se alfabetize, porque esse país ainda tem um imenso déficit no que se refere à alfabetização na idade certa.

As crianças têm de saber, ali entre os 6 e os 8 anos, elas têm de saber fazer as operações aritméticas, têm de saber Português, ler um pouquinho, interpretar e escrever um pouquinho. Se ela é alfabetizada na idade certa, ela só vai... Isso, nós temos de dar para todas as crianças desse país ou esse país não vira uma nação. Daí porque quando eu mandei a lei agora, para o Congresso, eu coloquei – na lei do pré-sal, aquela dos royalties e da participação especial – eu coloquei lá que o gasto com educação seria o destino de todos os recursos arrecadados pelo pré-sal. Tem de gastar em educação no Brasil, e gastar muito. Sabe o que é gastar em educação? Não é só construir prédio, não é só fazer laboratório, é transformar os professores desse país em... Transformar a profissão de professor numa profissão valorizada, sem o que as pessoas não vão querer ser professores. Então aquela história “ah, não pode gastar dinheiro com o custeio”, ora, o custeio, basicamente, é professor. Na educação, tem de gastar dinheiro com o professor, porque é o professor que ensina para a criança. Ou a gente valoriza o professor socialmente, a gente reconhece a professora alfabetizadora, ou nós não mudamos. Por isso que eu mandei a lei para tirar todos os royalties do petróleo, todo o Fundo Social do pré-sal, e destiná-lo primeiro para a educação. Daí a 10 anos a gente vê aonde a gente bota, nós melhoramos, a gente vê: dá pra botar mais um pouco em outro lugar? Mas, no início, ou nós botamos muito dinheiro na educação ou o nosso país não vai crescer o que pode. Nós temos de crescer não é o que dá, é o que nós temos potencial.

Daí eu queria dizer para vocês, pedir para a Contag – eu esqueci de pedir isso e agora eu vou pedir – pedir para a Contag nos ajudar no cadastro, porque nós achamos que ainda tem muita gente fora do Cadastro, que a miséria invisível... A visível nós liquidamos, a que tinha cadastrado nós liquidamos. Nós temos agora de buscar aquelas pessoas que, por um motivo ou outro, aquelas famílias que não sabem que têm direito a isso. E isso é uma questão de cidadania, qualquer brasileiro tem direito ao Bolsa Família. Isso não é, de maneira alguma, igual eles diziam antes, Bolsa Esmola. Isso é um direito do povo brasileiro. Eu queria pedir à maior entidade dos agricultores, dos trabalhadores rurais, que nos ajudasse nessa tarefa.

Querida dizer também, para vocês... Eu gostaria muito de pedir, também, porque agora nós usamos, eu acho que o ministro Pepe Vargas falou isso para vocês, nós gostaríamos também de ter todas as pessoas que precisam de terra cadastradas no Cadastro Único, porque elas têm direito a um pedaço de terra da Reforma Agrária. Mas não é um pedaço qualquer de terra, porque também no Brasil fazer Reforma Agrária era assim: pega a pior terra e joga na Reforma Agrária. Aí, ninguém consegue viver do assentamento. O que nós estamos fazendo, e aí eu quero fazer um parêntese e dizer para vocês o seguinte: eu nunca prometo o que eu não faço, não tem jeito, eu não prometo mesmo. Então eu vou prometer aqui uma coisa, vou prometer para vocês uma coisa. Nós, agora, temos condição de fazer uma aceleração do processo de terras. Agora, para isso, eu quero dizer para vocês que nós queremos também as pessoas cadastradas, porque mesmo elas recebendo a terra, ela tem direito ao Bolsa Família. Mesmo ela recebendo a terra, ela tem direito a todos os benefícios que qualquer outro brasileiro tem. Porque, muitas vezes, a gente faz o seguinte, não, a pessoa que ganhou a terra, agora ela ganhou a terra, ela que se vire. Não é isso. Não há Reforma Agrária correta assim. Eu já vi muitos casos bem sucedidos, muitos casos. Outro dia, inclusive, visitei um lá em Arapongas, no Paraná. Eu vi uma organização de um processo de reforma agrária que era uma agroindústria.

Nós queremos que as nossas, os nossos assentados tenham condições de viver daquela renda. Então, a terra precisa ser produtiva, não pode colocar em qualquer terra. Não é possível justificar que a terra já foi dada e a coisa está resolvida. O governo não fará isso. E eu quero prometer a vocês: eu vou acelerar a reforma agrária. Mas eu vou acelerar com terra de qualidade, vou acelerar e quero que vocês me ajudem numa coisa. Eu quero todo mundo cadastrado para ganhar a terra. Todo mundo que ganhar a terra tem de ter cadastro, tem de ter acesso a todos os benefícios, Luz para Todos, Água para Todos. Tudo que nós damos para qualquer parcela da população, nós vamos dar para o assentado, porque eu não quero mais essa história que é a Tereza Campello chegar para mim e dizer: presidente, onde nós temos um grande nível de desigualdade social é nos assentamentos. Eu não vou... Eu quero dizer a vocês que nós, juntos, vamos mudar isso. Eu preciso de vocês. Agora, eu vou fazer a minha parte. Gostaria que todo mundo aqui fizesse a sua.

Eu queria falar uma coisa para vocês também. Nós comemoramos esse ano uma política bem-sucedida de agricultura familiar, com o Pronaf, com os seus juros, porque nós saímos de dois bilhões e meio e estamos hoje com dezoito. E na última reunião do Grito da Terra eu disse: é 18, mas se vocês gastarem mais, aumenta. E eu mantenho a

promessa. Eu não sei quanto que vai ser esse ano, mas quero dizer, seja o que for, se vocês gastarem mais, nós aumentamos. Por que? É por demagogia? Não. Sabe por que? Esse é o melhor, é o dinheiro mais bem empregado do país, mais bem empregado. E sabe por que ele é o mais bem empregado? Por um motivo: porque nós sabemos que 70% dos alimentos desse país, da mesa de cada um de nós, vem de onde? Da agricultura familiar.

Então, nós queremos ampliar o crédito. Nós queremos ampliar e por isso vamos fazer uma agência só para isso. Nós queremos ampliar a assistência técnica, nós queremos um grau de agricultura familiar que seja de alta qualidade. Eu tenho certeza que nós podemos, porque em muitos lugares, naqueles lugares em que houve um apoio efetivo, a coisa se desenvolveu, a agricultura se superou.

Queria dizer também que além de crédito nós temos seguro da agricultura familiar, nós temos o garantia-safra, a política de garantia de preço mínimo, a política de garantia de preço da agricultura familiar e temos, eu acho, dois instrumentos que eu acredito que são essenciais: o PAA e o PNAE, o Programa de Aquisição de Alimentos, o PAA, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o PNAE. Todos os dois se conjugam e criam uma coisa fundamental para o agricultor familiar, que é a compra direta. A compra direta do produto. Você garante que ele tenha aonde botar o seu produto. Isso é crucial e nós temos de ampliar isso para assentamentos. É fundamental que os assentamentos tenham segurança de que, se produzirem, terá compra para eles. Daí a importância da gente ter esse cadastro, saber quem pode comprar, criar mecanismos, como eu vi, de colocar os produtos nos supermercados os mais avançados, criando uma marca agricultura familiar, que vai ser uma marca de qualidade nesse país.

Eu queria dizer para vocês, vocês sabem, antes tinha um tema que eu falava toda reunião. Era o Luz para Todos, quando a gente começou a fazer o Luz para Todos. Porque o Luz para Todos era essencial, era levar o serviço público até a zona rural. Agora, além do Luz para Todos, eu tenho, porque muito lugares ainda não acabou o Luz para Todos. E é outro motivo para o cadastro, porque agora a gente pega os nomes... A ministra Tereza Campello faz assim, ela pega os cadastrados do Bolsa Família que não têm luz elétrica, aí vai na distribuidora e fala: está aqui, nós queremos saber quando é que vão fazer a ligação. Nós temos de saber para poder tomar as providências para garantir o acesso ao serviço público.

Daí também eu quero falar da importância, para nós, do programa de habitação no meio rural. O Brasil tem um dos maiores programas de habitação popular do mundo, o Minha Casa, Minha Vida. O Minha Casa, Minha Vida, se vocês pegarem aonde o governo federal gasta mais dinheiro, nós gastamos mais dinheiro no Minha Casa, Minha Vida, é o programa que concentra o maior volume de dinheiro. Nós já fizemos um milhão de moradias, temos, contratados, um milhão e trezentos, e temos, a contratar, um milhão e cem. Vocês estão nesse programa. Tem programa para toda a zona rural. Antes, o Incra fazia as habitações. Eu quero dizer que o dinheiro do Minha Casa, Minha Vida, por unidade, é maior do que o Incra alguma vez teve na vida dele. E por isso o programa Minha Casa, Minha Vida, nós criamos o Minha Casa, Minha Vida rural, pegamos a Caixa Econômica Federal porque o Broch foi lá, em um Grito da Terra, brigou com a gente, falou: olha, tem de ter, a Caixa está fazendo isso de errado, aquilo de errado, tem de ter

uma diretoria da Caixa, não basta ser uma superintendência. Você lembra, Broch? Pois é. Aí nós concordamos com ele. Não estava funcionando direito mesmo e nós mudamos para uma diretoria. Agora tem uma diretoria. Eu quero dizer a vocês que qualquer assentado da reforma agrária tem direito ao Minha Casa, Minha Vida. Nos mesmos moldes que qualquer outro brasileiro, que qualquer outro brasileiro. Daí porque a gente pode trabalhar muito mais, e muito melhor, usando o Incra de uma forma muito melhor. A Caixa faz habitação e a gente usa o Incra para fazer toda uma espécie de supervisão, de controle, de dar mais recursos, de complementar, inclusive, o que fazem os outros órgãos do governo.

Eu queria dizer outra coisa que eu acho que é importante, que está em outro programa do governo, mas atinge vocês diretamente, e foi feito para atingir vocês. Que é o programa das retroscavadeiras, das motoniveladoras e, talvez vocês não saibam, nós vamos também doar caminhão-caçamba. Vamos doar um trio: motoniveladora, retroscavadeira e caminhão-caçamba. Para todas as prefeituras [de municípios de] até 50 mil habitantes, que é onde se concentra o maior valor, aliás, a maior quantidade de estradas vicinais, de abertura de estradas e melhoria dos acessos aos assentamentos. Este programa, ele dá ao prefeito deste município estas três unidades. Para ele garantir estrada adequada. São, basicamente, 4.855 municípios que têm até 50 mil habitantes no Brasil. Esses 4.855, de todos os estados da federação, ganharão esse trio. Nós já começamos a dar, nós estamos no final da retroscavadeira, começando a motoniveladora, mais para a metade do ano começam os caminhões-pipa. Desculpa, não é caminhão-pipa, é caminhão-caçamba. Caminhão-pipa é outra coisa. É caminhão-caçamba, eu falei bobagem. Também, gente, eu estou cansada, não é? Aí, às vezes... o que? Não, mas aí eu não cheguei lá ainda. Vocês esperem um pouco, eu vou chegar lá. Taí, eu chego lá agora. Eu sei que muitos aqui são do Nordeste, por isso essa curiosidade. Eu acho que no Nordeste nós temos duas políticas para o Nordeste, e elas são ... porque enquanto uma não fica pronta, a outra tem de entrar, junto. Quais são elas? Primeiro, é o tratamento de algo que nós sabemos que é a maior seca dos últimos 50 anos. E eu não soube hoje não. Nós temos um sistema chamado Cemaden. O Cemaden monitora desastres naturais no Brasil, de enchentes – nós criamos, é novo – de enchentes a secas.

Por exemplo, no ano passado, se não me engano no final do ano, teve uma baita enchente no Rio Amazonas, alagou o mercado inteiro de Manaus. Nós, então, monitoramos o tempo. Quando foi março desse ano que passou, de 2012, o Cemaden nos informou que havia uma probabilidade imensa de ter uma seca, eles não tinham certeza ainda, de ter uma seca muito forte. Eu chamei os governadores todos do Nordeste. Eu chamei os governadores e falei: olha, alguns governadores, como o do Ceará, também tinham essa mesma informação, por causa do serviço deles, ele também tem um bom serviço meteorológico, o Cid Gomes.

Eu chamei eles, todos os governadores, e disse: olha, nós temos de ter um programa, um programa forte, porque tudo indica que vai ser uma seca muito violenta e o grande problema é que muitas coisas que nós fizemos... e que nós podemos perder. Então, e também além disso, porque nós distribuímos sementes, porque nós fizemos uma série de

ações e também porque nós temos de tomar algumas medidas emergenciais, junto com outras que são mais estruturantes e que estão em andamento.

E aí nós começamos, a partir de abril, esse programa. Esse programa, ele colocou para a questão do tratamento emergencial da seca 5 bilhões e 550 milhões de reais. Eu asseguro a vocês que nunca ninguém, governo nenhum, botou esse tanto, até porque não teve uma seca também tão forte. O que nós fizemos? Qual era o problema nosso? Nós tínhamos de aumentar a oferta de água, e tinha de aumentar já a oferta de água, porque as pessoas iam começar a sentir as consequências. A primeira coisa que nós fizemos, apesar de nós termos bastante críticas em relação ao carro-pipa, ao caminhão-pipa, nós chamamos o Exército Brasileiro, porque o Exército Brasileiro tem uma logística no Brasil inteiro. Chamamos o Exército Brasileiro e nós contratamos, através do Exército, 4.624 caminhões-pipa. Esses 4.624 caminhões-pipa distribuiriam para os municípios maiores a água através do caminhão-pipa. E depois demos dinheiro, recursos para os governo do estado, ajudamos eles a contratar mais 1.939 carros-pipa. E esses caminhões-pipa teriam por função abastecer a urgência, a absoluta urgência, porque não tem água e não dá para explicar, falar: olha, espera para depois de amanhã. Não, não tem água, é um drama. Tem de atender de qualquer jeito.

A segunda coisa que está articulada com essa do caminhão-pipa foi que tanto o Ministério do Desenvolvimento Social quanto o da Integração tinham uma meta: até o final de 2014, desde o início do meu governo, até o final de 2014, nós tínhamos de construir, de colocar 750 mil cisternas. Nós já tínhamos 263 mil que a gente estava fazendo, que tinham sido concluídas. Este ano, nós vamos fazer mais 240 mil e mais 250 mil, que vão totalizar 750 mil cisternas. Porque essas cisternas são importantes? Porque a pessoa pega a água do carro-pipa e bota a água na cisterna. Ou a chuva, choveu um pouco que seja, bota a tampa e a cisterna não evapora. Além disso, em muitos lugares, vocês sabem, o programa garantia safra permite que a gente pague para aquele produtor que perdeu a sua produção, que não conseguiu colher, enfim, que a gente pague a safra dele. Nós antecipamos esse pagamento. E antecipamos em nove parcelas. Nove parcelas que variaram entre 135 e 140 reais. E isso atingiu precisamente, atingiu entorno de 881 mil famílias. Nós atingimos com esse antecipação do Garantia Safra e esse pagamento de nove parcelas. Até quero dizer que quem não recebeu nove tem direito a nove. Muitos perguntaram isso para nós. Se a seca continuar, nós prorrogamos esse pagamento por mais meses. Além disso. Ah não, não sei se vocês sabem disso. Só para a hora que parar a seca. Uma coisa está ligada a outra. A gente avalia e aumenta. Ele começou com cinco parcelas. Aí foi acrescentado mais quatro, porque a gente viu que a seca estava continuando. Se continuar, nós continuamos pagando. Como nem todo mundo estava no Garantia Safra, é importante que vocês saibam disso, nem todo mundo estava no Garantia Safra. Nós criamos então a Bolsa Estiagem. Nós criamos a Bolsa Estiagem para aqueles agricultores que não tem acesso ao Garantia Safra. Esses agricultores vão receber 80 reais, também em nove parcelas. Se a seca continuar, a gente prorroga também. E quero explicar uma coisa. Vocês lembram quando eu contei a história do Brasil Carinhoso, dos 70 reais. Nós antecipamos. A gente ia lançar o programa total agora. Nós antecipamos e colocamos no ano passado, porque a pessoa que receber, veja bem, a pessoa pode receber o Brasil Carinho e o Garantia Safra, o Brasil

Carinhoso e a Bolsa Estiagem. Porque isso? Porque a gente sabe que a população mais frágil está no Semiárido.

Portanto, a questão do Brasil Carinhoso era uma questão para atender muito focadamente aquela população, mas o Brasil nós temos que ser isonômicos. Então, o Garantia Safra e o Bolsa Estiagem é só para o Semiárido. Agora, o Brasil Carinhoso e o Bolsa Família é para o Brasil inteiro. Mas eu quero lembrar isso do início do programa. Além disso, nós criamos uma linha de crédito. Nós criamos uma linha de crédito de R\$ 18 bilhões, aliás de 2 bilhões e 400 milhões de reais para ajudar os agricultores, as indústrias pequenas e os comerciantes do Semiárido. Porque quando vem a seca, atinge todo mundo. Então, para eles terem um fôlego, nós colocamos esses R\$ 2 bilhões e 400 milhões. Desses R\$ 2 bilhões e 400 milhões, o monitoramento indica que R\$ 2 bilhões já foram aplicados. Para os agricultores familiares, essa linha prevê o seguinte, além de juros mais baixos, de 1% ao ano, um rebate de 40%. Então é uma linha que dá fôlego para o agricultor. Nós também prorrogamos o pagamento de parcelas já vencidas, ou a vencer de financiamentos anteriores. E tomamos uma medida que eu também achei importantíssima. Colocamos a Conab para oferecer para os agricultores familiares o milho. O milho para ele poder alimentar seus animais. Nós iremos continuar prorrogando. Agora eu quero explicar uma coisa para vocês, que nós já decidimos. Você combate a seca emergencialmente. Porque a seca é um sofrimento que a gente sabe que na hora ela não vê ninguém. Ela ataca todo mundo, obviamente, quanto mais pobre pior. Mas, além disso, uma coisa nós tivemos o cuidado: o Brasil não pode mais ver aquela história de retirante faminto atacando supermercado, não tendo aonde cair. Eu asseguro para vocês que nós fizemos tudo para ter uma linha de proteção. Para impedir que a seca gerasse mais miséria. E aí tem um segundo momento dessa questão, que também é um programa emergencial, mas é um emergencial de recuperação. Nós sabemos que o dia em que a seca acabar, vamos supor, vai acabar num determinado mês, ela acaba. O governo federal tem de estar pronto para oferecer as condições para a retomada da produção... O segundo tempo, e aí nós temos de ter, por isso é importante a discussão de vocês. Por isso é importante a sugestão. É para essa questão. Como é que nós vamos retomar. O que é que nós temos.

Por exemplo, eu vou dar um exemplo, morreu muita criação. Morreu muita galinha, morreu cabra, morreu boi, morreu criação. Então, nós vamos ter de retomar. Nós vamos criar um programa para retomar a criação. Justamente o bovino, tem de recuperar a criação. A mesma coisa com semente. Como eu disse, a Tereza tinha distribuído muita semente, e nós perdemos todas as sementes. E nós vamos voltar a distribuir. Porque, em relação a seca, só tem um jeito. O homem e a mulher tem de teimar. Nós vamos teimar, nós vamos outra vez fazer isso. Porquê nós vamos fazer? Porque, enquanto nós estamos retomando, vai ficar prontas obras emergenciais. Nós vamos concluir a interligação da Bacia de São Francisco, a interligação. Todo o programa de interligação nós vamos concluir uma parte, um trecho, até 2014, terceiro trimestre. O resto nós só conseguimos terminar em 2015. Mas a boa notícia é que para cada um real que nós gastamos da interligação do São Francisco, nós gastamos dois reais, para cada um nós gastamos dois, em quê? Nos sistemas de oferta de água dos estados.

Então eu vou dizer um para vocês. Por exemplo, eu tive ontem no Canal das Vertentes Litorâneas, na Paraíba. Lá ele chama Acauã-Araçagi. Nós estamos fazendo ele. Eu fui lá lançar, até hoje saiu no jornal uma foto do trecho lá. Nós estamos fazendo já a segunda fase. Ele vai beneficiar quase 500 mil pessoas. Estamos fazendo o Eixão das Águas e o Cinturão das Águas no Ceará. Estamos fazendo, eu vou visitar na terça-feira que vem, o Canal do Sertão Alagoano, em Alagos. O Sistema Piaus, no Piauí. O Sistema Adutor do Alto-Oeste, no Rio Grande do Norte. A Adutora do Algodão, na Bahia. E a Adutora do Pajeú, em Pernambuco. Eu estou dando alguns exemplos. O meu governo está gastando 20 bilhões em sistemas estruturantes. Então, veja bem, nós fizemos o combate à seca emergencial. Vamos fazer a recuperação emergencial. Agora, sabemos, e nós temos de reconhecer isso de forma, porque o meu governo não teme enfrentar a verdade.

Nós sabemos que a situação só vai ter um grau de melhora de alta qualidade quando a gente tiver esses sistemas estruturados no Nordeste brasileiro, da interligação a todos esses adutores, porque a interligação de bacias joga água num ponto. Eu tenho de pegar essa água e distribuir. De nada adianta... É que nem, é que nem luz elétrica, luz elétrica. Eu produzo a luz, transporto ela... De nada adianta se eu não rebaixar ela e jogar na casa da pessoa. A mesma coisa é um sistema de água. Tem a parte... É que nem um rio. Tem uma parte maior, que é a parte que leva o grosso da água, e depois vai estreitando até chegar na casa da pessoa.

Por isso, para cada um nós gastamos dois, porque senão não está... você não entrega água, senão você não entrega. E nós, agora, estamos fazendo por um método brasileiro. Me desculpem... Não, não vou falar isso, não, porque é uma dó. É um método brasileiro que é o seguinte. Nós, agora, construímos e já beneficiamos... a gente não constrói... por exemplo, nós construímos um trecho e entregamos, e ele já dá água. Aí construímos outro e entregamos, e ele continua dando água, porque antes você construía o primeiro e o terceiro, e aí você não tinha um intermediário. Agora nós construímos por módulos. Eu chamo de sistema brasileiro para não chamar sistema de outro país. Eu não posso falar o outro país. Mas é... o sistema nosso agora é um sistema brasileiro, bem inteligente. Ficou bem inteligente o nosso sistema.

Bom, eu queria finalizar dizendo para vocês o seguinte. Esta semana nós celebramos o Dia Internacional da Mulher, e eu tenho muito orgulho de ter assegurado, para as mulheres no Minha Casa, Minha Vida, que quando elas tivessem a guarda dos filhos, a casa ficasse no nome delas. Também tenho muito orgulho da propriedade da terra hoje ser compartilhada entre um homem e uma mulher. Acredito que isso é fundamental para que as mulheres mudem a sua condição, e este é um país que precisa de cada uma das mulheres para crescer, para produzir e para se desenvolver.

Antes de encerrar, eu quero fazer uma homenagem ao Broch, ao Alberto Broch, que eu chamo de amigo. Acho que ele está, merecidamente, sendo reconduzido à presidência da Contag. Eu uso uma lembrança que o Alberto, sempre que me vê, me fala. O Alberto fala assim para mim: "Um bilhão de seres humanos passam fome no mundo" – sempre ele me fala isso –, "o que demonstra a importância e a urgência da agricultura familiar para produzir alimentos".

E eu concordo com ele, e eu quero reconhecer com justo orgulho, tanto que os 194 milhões de brasileiros são alimentados pela agricultura familiar como também o fato de

que a Contag é responsável por muitas conquistas que o meu governo considera conquistas. Ela é responsável por quê? Porque com a Contag eu sempre tive um diálogo extremamente claro, a Contag defendendo suas posições, muitas vezes até de forma dura, apesar de muito, eu diria, assim, fraterna. É dura, mas fraterna, mantendo as suas posições, e tem nos dado grandes contribuições. Acredito que uma delas, das maiores é a questão dos jovens e da educação: o Pronacampo e o Pronatec.

Acho que vocês podem ainda, e deverão, por muito tempo, perceber que ninguém governa sozinho. Todo mundo governa... eu governo com um conjunto de ministros e com os olhos e os ouvidos muito abertos porque muitas coisas a gente aprende e sabe através dos pleitos e das sugestões, das conferências e desse contato, que eu considero fundamental.

Agradeço a cada um e a cada uma. Agradeço, sobretudo, e homenageio aqui, nesse Dia Internacional da Mulher, as mulheres do meu país. Acredito que nós temos... eu tenho muito orgulho de representar as mulheres e acredito que nós temos um papel tão importante na sociedade como temos nas nossas famílias, e esse papel, na sociedade, é aquele mesmo que nos transforma de guerreiras em mães, de lutadoras em companheiras, e eu considero muito importante a firmeza e a determinação que cada uma das mulheres brasileiras, eu sei que tem, até por que seguram as suas famílias.

Um abraço a todos, e lembrar que os homens não fiquem tristes, porque se a metade é mulher, a outra parte, metade são nossos filhos.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante reunião com Governadores e Prefeitos
Palácio do Planalto, 06 de março de 2013**

Eu queria cumprimentar aqui os nossos ministros Aguinaldo Ribeiro, Gleisi Hoffmann, Miriam Belchior, Ideli Salvatti, Helena Chagas.

Querida também cumprimentar os senhores governadores que comparecem à essa cerimônia, que eu agradeço profundamente. Governador Jaques Wagner, da Bahia; Eduardo Campos, de Pernambuco; Geraldo Alckmin, de São Paulo; Anastasia, de Minas Gerais; Marconi Perillo, de Goiás; Tarso Genro, do Rio Grande do Sul – e aí eu te desejo os meus parabéns, Tarso Genro – Cid Gomes, do Ceará; Ricardo Coutinho, da Paraíba – muito obrigada pela recepção, governador – João Raimundo Colombo, de Santa Catarina; Teotônio Vilela Filho, de Alagoas; Marcelo Déda, de Sergipe; Tião Viana, do Acre; Agnelo Queiroz, do Distrito Federal; Siqueira Campos, de Tocantins; Anchieta Junior, de Roraima; Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro; Givaldo Vieira, vice-governador do Espírito Santo.

Querida dirigir um cumprimento especial para as prefeitas aqui presentes. Essa é a semana do Dia Internacional da Mulher, na sexta-feira.

Querida cumprimentar a prefeita que fez a nossa exposição como prefeita a Dárcy Vera, de Ribeirão Preto, agradecer pelas palavras.

Querida cumprimentar a prefeita Tereza Jucá, de Boa Vista.

Querida cumprimentar a prefeita de Campos do Goytacazes, Rosinha Matheus.

Queria cumprimentar a prefeita Estela Almagro... aliás, a vice-prefeita Estela Almagro, de Bauru. A prefeita Adeliana Dal Pont, de São José, Santa Catarina; a prefeita Claudia Azevedo, de Mossoró, Rio Grande do Norte. A prefeita de Ribeirão das Neves, Daniela Correia. A prefeita Elisa Maria Costa, de Governador Valadares; a prefeita Maria Antonieta de Brito, de Guarujá.

Queria em nome das ministras aqui presentes, também saudar as deputadas, as deputadas federais aqui presentes. E vou saudar a Aline Correia e em nome dela saudar todos os deputados e deputadas.

Queria cumprimentar também todos os prefeitos aqui presentes e saudá-los ao saudar as mulheres prefeitas.

Queria cumprimentar também os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Eu considero que essa reunião é uma reunião extremamente importante porque nela nós estamos discutindo uma das questões mais importantes do Brasil, apesar de termos prefeitos, governadores e Executivo federal, Presidência da República, funções distintas na Federação, nós temos consciência que temos uma função em comum, que é o desenvolvimento do país e a garantia de condições de vida melhores para o povo brasileiro e de mais oportunidades para ele.

Por isso, quando o Brasil mudou de paradigma da relação entre os diferentes entes federativos foi uma grande, eu diria assim, foi uma grande diferença em relação ao que acontecia anteriormente. Num Estado patrimonialista cabe ao governante achar que ele tem poder discricionário em relação às diferenças partidárias, religiosas, futebolísticas ou quaisquer diferenças que sejam. Num regime republicano e democrático esta visão é inadmissível. Por isso eu acredito que o Brasil deu um grande passo quando começamos, a partir do convencimento de que todos nós estávamos eleitos e éramos legítimos representantes do povo brasileiro, passamos a perceber que era fundamental para o país que nós agíssemos em conjunto.

Muitas das atribuições de cada um de nós são diferenciadas. Saneamento é de estados e municípios. Pavimentação é de prefeituras. Mobilidade urbana não é típica do governo federal, ou não era típica do governo federal, melhor dizendo, empregando o verbo de forma adequada. Eu acho que nós mudamos essa questão. O governo do presidente Lula mudou essa visão e eu tenho certeza que nós prosseguimos nessa caminhada ampliando o horizonte de investimento.

Tem projetos – e esses são os projetos que o governo federal se dedica a fazer em parceria com estados e municípios – que, dificilmente, só nós, só os governadores ou só os prefeitos conseguiriam realizar, mas que nós, articulados, conseguiremos realizar, e isso é essencial para um país que tem de ter visão de médio prazo. Se nós olharmos num horizonte de dez anos, nós temos de perguntar para nós: o que queremos? Qual é a projeção que nós fazemos do nosso caminho? Aonde nós queremos chegar? Eu acho que, no mínimo, nós queremos chegar a dois números.

Nós queremos chegar a um momento em que o país se transforme numa nação verdadeiramente desenvolvida e isso nós vamos conquistar não só quando nós superarmos a pobreza extrema, como é esse processo que nós estamos em via de conseguir, mas é, sobretudo, quando nós tivermos a capacidade de ter duplicado a nossa

renda per capita. E, para isso, nós vamos precisar de aumentar nosso nível de investimento. E, para isso, nós não introduzimos as pessoas num novo patamar de renda, de emprego sem que elas queiram também e que tenham também novos desejos, novos anseios, novos pleitos e que queiram ser reconhecidas como portadoras de cidadania. Para alguém ser portador de cidadania numa sociedade moderna não basta só a renda, não basta só um emprego, precisa de serviços de qualidade.

Por isso, o governo federal tem esse compromisso com os PACs, o Programa de Aceleração do Crescimento. Hoje nós estamos colocando R\$ 33 bilhões. Fazem parte, esses R\$ 33 bilhões, de algo que eu tenho muito orgulho nesses dois anos e meio do meu governo, dois anos e três meses do meu governo, que é o fato que, nessa área de saneamento, mobilidade urbana e pavimentação, nós colocamos R\$ 69 bilhões e 900 milhões. Esses 33 são um componente desses quase R\$ 70 bilhões que nós temos colocado nos últimos dois anos.

Os R\$ 33 bilhões de hoje, eles têm um sentido, que é que a gente acelere alguns serviços essenciais. O primeiro e grande serviço que o Brasil tem de enfrentar é o saneamento. É inadmissível que nós queiramos dobrar nossa renda per capita, aumentar a nossa taxa de investimento se uma parte desses investimentos, principalmente os públicos, aqueles que nós compartilhamos entre nós, não sejam destinados ao saneamento.

E aí eu queria fazer um apelo também. Eu acho que nessa área é muito importante as PPPs diante do volume de investimentos necessários para que a gente dê esse salto. Por que PPPs? Porque se nós juntarmos o dinheiro do governo federal, o dinheiro dos governadores, o dos prefeitos e ainda colocarmos a iniciativa privada, nessa questão, nós damos um salto, porque em muitos lugares o nível de – vamos dizer – de cobertura do serviço de saneamento é muito baixo, tanto nas cidades como nas redes que são interregionais. Nós sabemos disso.

Então, o nosso esforço no sentido de fazer aí PPPs é justamente visando obras estruturantes. Obviamente isso fica a critério dos governadores. Mas eu digo isso porque o volume do recurso necessário, nós temos juntos de fazer um grande esforço. O Brasil precisa de saneamento. Precisa, para atender esse brasileiro que está saindo da miséria, este brasileiro que está dando passos em direção à classe média ou que já deu, e que quer serviço público decente neste país. E que nós estamos mudando o patamar de reivindicação do nosso povo. Daí porque eu considero muito importante essa nossa cooperação. Não interessa se a lei disse: saneamento é do estado e do município. Saneamento é dos estados e municípios, e a União, tem obrigação de ajudar. Não porque é uma questão legal, mas é porque é uma questão republicana.

De todos, de todas essas áreas, a que a mim mobiliza e aonde nós colocamos o maior volume de recursos, é saneamento. Porque também tem dois componentes. Tem um componente – que o nosso médico, governador de São Paulo, sabe perfeitamente – tem um componente de saúde pública e tem um componente também de meio ambiente. E isso para mim significa uma prioridade muito grande.

Em seguida eu queria dizer para vocês a importância da questão da mobilidade urbana. Nós não podemos ter a nossa população, praticamente 80% nas cidades, nós nos transformamos significativamente de um país que cuja população vivia num mundo rural

para um país predominantemente urbano, com grandes concentrações, que são as grandes regiões metropolitanas, mas também com médias.

Por isso que nós fizemos, já tínhamos feito o PAC Grandes Cidades e Mobilidade Urbana, desta vez estamos fazendo o PAC Cidades Médias. Cidade média, no Brasil, é bom que se diga, é bem volumosa, é bem, ou seja, já é uma metropolezinha, e a gente tem de tomar as providências agora para que não haja o que aconteceu nas grandes cidades brasileiras. Nos anos 80 achavam que, para nós, metrô era incompatível porque, afinal, somos um país em desenvolvimento, que não podia ter metrô, devíamos fazer corredores de ônibus. E sabemos o custo disso, o custo urbano disso.

Fazer metrô é algo fundamental para as grandes cidades. Fico muito feliz. Estou ali vendo o Fortunati com os projetos feitos nas cidades brasileiras, lá em Porto Alegre, em Curitiba, lá em Salvador, na cidade ali do Cid, não é, Cid? Você também, né, Eduardo? Eduardo. Obviamente, Belo Horizonte, estava esquecendo de Belo Horizonte, São Paulo. Enfim, se eu esqueci alguma, me desculpem. Façam como o Siqueira, levantem a plaquinha.

Eu acredito que esse é um passo muito importante porque tem a ver, aí, diretamente com a vida e o bem-estar das pessoas, daqueles que trabalham, daqueles que são microempreendedores e empreendedores em geral. Por isso eu fico muito feliz de implantar BRT, VLT, aeromóvel, teleférico e corredor de ônibus.

Eu lembro quando o Pezão chegou aqui no governo federal com o projeto do Morro do Alemão, do Complexo do Alemão, debaixo do braço e tinha um teleférico. Nós tínhamos começado a investir também em urbanização de favelas, e um teleférico para o Morro do Alemão, com cem mil pessoas. O teleférico era um transporte de massa estratégico. A gente nem sabia direito, né, Pezão, mas todos nós pegamos juntos e fizemos o teleférico, e hoje, o teleférico, além de transportar por toda aquela extensão do Complexo do Alemão as pessoas que moram lá e que levavam duas horas e meia para chegar, lá de cima do morro até Botafogo, essas pessoas têm uma vida melhor. Mas, além disso, o teleférico virou uma atração turística do Rio de Janeiro, que é uma das mais bonitas paisagens que, pelo menos eu, já vi do Rio de Janeiro.

Eu queria falar também que nós também contrariamos uma tradição e investimos em pavimentação. Nós sabemos que essa é uma demanda das prefeituras. Pavimentação, muitas vezes, faz a diferença numa região, e isso, para mim, é muito importante estar colocando, para pavimentação, R\$ 8,2 bilhões.

Durante muito tempo o Estado brasileiro teve uma grande fragilidade fiscal. Nós demos grandes saltos, no sentido de buscar reverter esse processo, e acho que hoje o Brasil é um país com grande estabilidade, inflação sob controle. O Brasil tem uma das menores relações dívida líquida do governo sobre Produto Interno Bruto.

O Brasil tem também uma característica que eu acho fundamental. O Brasil é um país com estabilidade, que respeita integralmente contratos realizados e o Brasil tem uma característica: é uma democracia. Dos países como o nosso, nós temos grandes vantagens competitivas.

Fizemos, recentemente, um grande esforço, porque nós precisamos perceber que temos de dar um salto de competitividade. Esse salto de competitividade passa também pelo investimento dos estados. Passa pela capacidade e pelo empoderamento dos estados

brasileiros para investir, porque nós temos 27 estados federados. No processo de crise na dívida, não só nós saneamos bancos, mas nós saneamos as finanças públicas do governo federal, dos estados e dos municípios. Quando a gente olha alguns países da Europa, nós sabemos o que é uma crise do sistema de províncias. Nós vemos no jornal e lemos o nível de gravidade de algumas crises dentro do espaço europeu. O Brasil superou isso.

Então, como vocês já devem ter percebido, o governo federal tem feito um grande esforço para recompor a capacidade de investimento dos estados brasileiros, seja financiando, seja colocando Orçamento Geral da União. E temos de colocar Orçamento Geral da União porque tem processos que não dá para serem feitos sem Orçamento Geral da União.

Eu queria destacar que, nessa busca da competitividade, nós reduzimos as taxas de juros de forma bastante robusta e cautelosa. Por quê? Porque tínhamos feito nosso dever de casa, como chamam alguns por aí, e esse dever de casa é uma dívida líquida sobre PIB de 35%, uma das menores do mundo, porque temos US\$ 378 bilhões de reservas, e isso, em qualquer país do mundo, significa uma proteção contra a especulação.

Porque, ao olhar o que estava acontecendo nos países desenvolvidos, vimos um processo de perdas de direitos trabalhistas muito forte, de perdas de direitos sociais muito fortes, que iria reduzir, de forma muito acentuada, o custo do trabalho. Isto implicou que nós fizéssemos uma política de redução do custo do trabalho sem tirar um direito dos trabalhadores, através da desoneração da folha de pagamento. Nós começamos em quatro, quatro setores. Agora nós temos 42.

Seguramente, estamos num processo de inclusão de todos os setores que... porque é voluntária a adesão. Todos os setores que demandarem, obviamente tendo em conta e ressalvado todos os dispositivos da LOA, da Lei de Responsabilidade Fiscal e o fato de que a gente tem de ter orçamento para ir botando, progressivamente.

Eu queria destacar também que a redução do custo de energia integra a questão da competitividade. Você não reduz... o Brasil tem de ter um custo de energia competitivo. Se não tiver um custo de energia competitivo, nós não damos um passo além na capacidade de estruturação da nossa política, não só interna, mas também na nossa competição internacional.

Por isso nós, respeitando a lei e os contratos, reduzimos em 18% o custo da energia para as famílias e, em até 32% para as empresas. É um processo. Nós teremos de buscar formas de assegurar que esse insumo, que é estratégico, que é a energia tenha um preço adequado no mercado internacional. Vamos lembrar aqui que um dos fatores que vai garantir a recuperação dos Estados Unidos é o fato de eles terem descoberto shale gas ou gás não convencional, e esse gás ter reduzido o preço do gás e da energia lá nos Estados Unidos de US\$ 14, US\$ 15 por milhão de BTU, para 2,5. É fundamental que nós nos conscientizemos disso, e isso é fator de competição. O governo federal, nesses últimos tempos, tem tomado todas as providências no sentido de tentar alterar, estruturalmente, condições que emperram o crescimento do país, emperram, engargalam. Por isso mudamos o marco regulatório das ferrovias.

Nós não podemos ser um país deste tamanho, não há condições de sermos um país deste tamanho se nós não investirmos em ferrovias. Nós... tem países que fizeram o investimento em ferrovias no final da década... do século XIX, começaram no final do século XIX e fizeram no início do XX. Nós vamos ter de fazer agora, no início do século XXI. Não tem problema, faremos. Faremos com bitola larga, usaremos toda a estrutura possível para dar competitividade. Não se transporta minério, não se transporta grãos sem ser através de ferrovia.

Por isso, nós colocamos a primeira fase... Vejam bem, é primeira fase, dez mil quilômetros. E o que é que nós fizemos? Por que é que tem de ter modelo regulatório? Porque só o Estado não dá conta do investimento. O setor privado tem de comparecer. E aí, o que é que a gente fez? Nós criamos um modelo que diminuía o risco. Como é que é o modelo que diminui risco? Eu diminuo o risco de demanda do construtor da ferrovia, eu compro a capacidade dele. Ele tem garantido que eu pagarei, quem eu, o Estado brasileiro, quem eu, todo... através da Valec. Nós vamos comprar a capacidade de cada ferrovia e depois vamos vender ela no mercado. Não é para nós a capacidade. Vendemos no mercado, com competição. E, obviamente, a um custo muito mais acessível para o transportador, impedindo que haja formação de monopólios, criando a concorrência. Quem quer comprar essa capacidade compra, pelo... quem pagar o preço que nós considerarmos adequado. Com isso nós queremos fazer dez mil quilômetros de ferrovias.

Nós olhamos para os aeroportos do país e achamos que os grandes aeroportos tinham de ter participação privada também, e, de preferência, de operadoras significativas. Vamos fazer agora Galeão, e lá, governador Anastasia, na nossa cidade de Belo Horizonte, em Confins. Mas, é fundamental, e aí eu quero dizer para os senhores que é primeiro passo também.

O Brasil tem mais de três mil aeroportos. Nós pegamos 280. Conversamos com os governadores, perguntamos para vocês, conferimos com vocês se os aeroportos que a gente estava selecionando eram adequados, e começamos porque nós vamos utilizar os recursos para recuperar 280 aeroportos. Nós queremos que tenham 200 aeroportos neste país, mas é para serem usados, por isso subsidiamos... Não se esqueçam, nós subsidiamos. Nós subsidiamos. Tem uma política de subsídio por um tempo determinado para que esses aeroportos possam receber uma viação de passageiros regionais, e também transportar carga.

Finalmente, nós também atacamos a questão dos portos. O Brasil não pode ter portos fechados. Não há razão para que um contêiner, não há razão técnica – pode ter outra razão, mas técnica não há – para que contêiner seja exclusivo de porto público. O que é que aconteceu em [19]93? Em [19]93 só tinha porto público, a pressão era grande. Lá em [19]93, eles abriram e falaram assim: “Pode fazer terminal de uso privativo”.

Quando fizeram o terminal de uso privativo, todos os portos que fizeram... todos os portos que são terminal de uso privativo, eles são... eles eram uma espécie de extensão industrial, por exemplo, da Vale do Rio Doce, da Petrobras, transporte de grãos, mas era proibido nesses portos de uso privativo transportar contêiner. Não há uma razão para isso, uma razão técnica, uma única razão técnica. Transportar contêiner ou transportar

qualquer carga em qualquer porto é fundamental para o Brasil. O Brasil não vai crescer se seu sistema de portos não se modernizar, não vai crescer.

E eu quero dizer para os senhores que nós não tiramos uma vírgula de direito nenhum de trabalhador nenhum. Repetimos na nossa lei o que era a lei dos OGMs e dos CAPs. Melhoramos um pouco os CAPs porque agora nós queremos que haja um critério de seleção por competência, por meritocracia e por capacidade de gestão.

Com isso eu quero dizer para os senhores o seguinte. Isso faz parte de um processo, o processo que passa pelo Pronatec também, pelo Ciência sem Fronteiras, e por perceber que destinar – e aí vocês me perdoem –, mas destinar os royalties do petróleo, as participações especiais e tudo o que o petróleo arrecadar para a educação é condição para o país mudar de patamar, condição.

Eu vejo governadores fazendo excelentes projetos na área, por exemplo, de educação em tempo integral, no Nordeste, lá o Cid, o Eduardo, o pessoal lá do Rio de Janeiro, o Pezão, tenho certeza que em outros estados da Federação também. É caro, é caro, e não é – vocês vão me desculpar – educação se a gente não fizer isso. Educação, me desculpem, não é o terreno, não é a construção, não é o equipamento.

É isso, mas não é isso, sobretudo. É salário de professor, é professor capacitado, é este país dar, outra vez, status para professor. Nenhum governador, nenhum prefeito vai dar status para professor com o orçamento que nós temos. Vamos botar os pingos nos is: não dá, não dá porque não consegue. Aí, o que é que tem de fazer? Nós temos de pegar e ter uma fonte intergeracional – eu gosto muito dessa palavra – intergeracional, que significa que uma geração contribui para outra. Esta, nós estamos contribuindo é para nós mesmos, viu? Tem de colocar os royalties do petróleo. É a única coisa fundamental na questão do petróleo é colocar os royalties do petróleo na conta da educação. Aí nós vamos garantir creche, alfabetização na idade certa, ensino fundamental e médio em tempo integral. Vamos garantir um nível de formação profissional que nós temos de ter para poder romper, romper as amarras da competitividade, nós temos de qualificar o nosso trabalhador. Ele tem de ser qualificado, ele tem de ser capaz de gerar valor. Para ele gerar valor, ele tem de aplicar conhecimento, tecnologia e inovação. A pré-condição para isso é a educação.

Então, hoje, eu estou aqui muito feliz falando com vocês porque eu conheço, nesses últimos tempos, o esforço dos governadores. Eu acredito que poucas vezes nós tivemos governadores com tamanha qualidade, prefeitos com tamanha qualidade, e isso é muito importante. Prefeitos de capital que hoje têm, nas suas mãos, a possibilidade de criar uma vida melhor. Estou vendo aqui o João Alves, sentado ali, com a experiência de ter sido ex-governador, o Fortunati. Eu não estou vendo o outro, também vocês me desculpem. Já falei de você, Tereza. Bom, mas isso é algo fundamental para nós. Eu vejo experiências fantásticas. Algumas o governo federal copia com a maior cara de pau, né, Cid? A gente vive copiando projeto do Cid. Mas é, sobretudo, isso que significa a relação federativa: é uma relação de cooperação.

Então, vocês estejam certos de que nós todos fazemos parte de um momento histórico do Brasil. O presidente Lula, eu acho que deu a grande contribuição de mostrar que o Brasil podia distribuir renda e reduzir a desigualdade. Essa é uma prova histórica. Essa prova histórica, só porque ele fez isso, nós podemos ter acabado com a pobreza extrema

do Cadastro do Bolsa Família. Se não tivesse Bolsa Família, em nenhum período, nem no governo do Lula, nem no meu governo 36 milhões de pessoas estavam na extrema pobreza.

Mas, como teve uma experiência, nós fomos criando... porque todo mundo acha que o Bolsa Família a gente faz na canetada. O Bolsa Família precisou de, né, Deda, arte e engenho, arte e engenho, precisou de vontade política, e o Bolsa Família virou o Brasil Sem Miséria.

Só uma experiência de dez anos permitiu que nós olhássemos e víssemos que dava para tirar porque tínhamos um cadastro adequado, porque tínhamos um cartão, porque dávamos para as mulheres diretamente, que nós podíamos fazer isso. Não é milagre, não é malabarismo, nem estatística. Nós colocamos, hoje, todos os 36 milhões de brasileiros do Cadastro do Bolsa Família acima da linha da miséria.

Agora, eu quero também aproveitar e pedir para vocês nos ajudarem a achar aquilo que é invisível, porque tem aquela miséria, aquela pobreza extrema que está oculta, não se vê. Nós temos de cadastrá-la, procurar onde ela está e fazer esse processo uma espécie de batalha nacional.

E concluo dizendo para vocês o seguinte: eu conto com essa parceria. Não existe Brasil sem os governadores e sem os prefeitos. Não existe Brasil, e quero dizer para vocês, também não existe governo federal, não. Nós não fazemos um metro de tubulação, nós não fazemos uma, mas nem meia, nem meio trecho de pavimentação de rua, não fazemos nada de mobilidade, mas nós podemos ajudar trabalhando juntos. Ajudar governadores e prefeitos, e é isso que é a ideia central que nós fizemos hoje, ajudar vocês.

Um abraço para todos.

**Pronunciamento à Nação da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do Dia Internacional da Mulher
08 de março de 2013**

Meus queridos brasileiros e, muito especialmente, minhas queridas brasileiras, Hoje, Dia Internacional da Mulher, eu quero dar mais que um abraço carinhoso a todas vocês, que me ajudam com muita força e dedicação a construir um novo Brasil para os nossos filhos e para os nossos netos.

Em homenagem à sua luta diária, decidi anunciar hoje três medidas muito importantes para você e para sua família. Importantes especialmente para as mães de família mais pobres e as de classe média, que dividem, com seus maridos, a responsabilidade pelo sustento da casa.

Primeira medida que anuncio hoje. A partir de agora, todos os produtos da cesta básica estarão livres do pagamento de impostos federais. Espero que isso baixe o preço desses produtos e estimule a agricultura, a indústria e o comércio, trazendo mais empregos. Com esta decisão, você, com a mesma renda que tem hoje, vai poder aumentar o consumo de alimentos e de produtos de limpeza, e ainda ter uma sobra de dinheiro para poupar ou aumentar o consumo de outros bens.

Desde o mês passado você está pagando uma conta de luz mais barata. Agora, com mais esta redução de despesas, você vai poder equilibrar um pouquinho melhor o seu orçamento doméstico. Para que a medida seja ainda mais benéfica, definimos um novo formato da cesta básica de alimentos. Esse formato respeita seus hábitos de alimentação e de higiene, além de priorizar os alimentos de mais qualidade nutritiva, o que vai trazer mais saúde para você e para sua família.

Fazem parte dessa cesta carnes bovinas, suína, aves e peixes, arroz, feijão, ovo, leite integral, café, açúcar, farinhas, pão, óleo, manteiga, frutas, legumes, sabonete, papel higiênico e pasta de dentes. Boa parte desses produtos já não pagava o Imposto sobre Produtos Industrializados, o IPI, mas ainda incidia uma alíquota de 9,25% do PIS/Cofins sobre os principais alimentos que você consumia.

Com muita alegria, informo que a partir de hoje isso acabou. Não será cobrado mais nenhum imposto federal sobre carnes bovina, suína, aves e peixes, nem sobre o café, o açúcar, o óleo de cozinha, a manteiga, o sabonete, o papel higiênico e a pasta de dentes, o que significa que todos os produtos da cesta básica estão livres de impostos federais.

Conto com os empresários para que isso signifique uma redução de pelo menos 9,25% no preço das carnes, do café, da manteiga, do óleo de cozinha, e de 12,5% na pasta de dentes, nos sabonetes, só para citar alguns exemplos.

Com esta decisão, o governo abre mão de mais de R\$ 7 bilhões e 300 milhões em impostos ao ano, mas os benefícios que virão para a vida das pessoas e para a nossa economia compensam esse corte na arrecadação.

Aproveito, agora, para mandar um recado muito particular para os nossos produtores e comerciantes, do campo e da cidade. Vocês vão logo perceber que essa medida trará uma forte redução nos seus custos, e isso vai dar margem para a expansão dos seus negócios. Esta mudança será especialmente percebida nas pequenas comunidades. Como nelas o comércio e o setor de serviços estão voltados principalmente para suprir as demandas básicas da população, o aumento do poder de compra das pessoas vai trazer benefícios imediatos para toda a economia.

Minha querida amiga,

Governo este país com a mesma responsabilidade que você e seu marido governam sua casa. Governo também com a mesma sensibilidade e cuidado que vocês devotam à sua família. É por isso que não descuido um só momento do controle da inflação, pois a estabilidade da economia é fundamental para todos nós. Mas é por isso também que não deixo de buscar sempre novas formas de baratear o custo de vida dos brasileiros e de proteger o seu poder de consumo e os seus direitos de consumidor.

Foi assim que baixamos os juros para os mais baixos níveis da nossa história. Foi assim que reduzimos, como nunca, a conta de luz de todos os brasileiros. É assim agora que acabamos com os impostos federais na cesta básica para reduzir o preço dos alimentos e dos produtos de limpeza. Mas todo esse esforço estaria incompleto se não encarássemos de forma decisiva e corajosa a defesa dos direitos do consumidor.

Dessa forma, a segunda medida importante que tenho a anunciar hoje é exatamente a da criação de uma nova política federal de defesa dos consumidores. No próximo dia 15 de março, não por coincidência, o Dia Internacional do Consumidor, vamos anunciar um elenco de medidas que transformarão a defesa do consumidor, de fato, em uma política

de Estado no Brasil. Com o tempo, essa nova política vai colocar o Brasil no mesmo padrão dos países mais avançados do mundo na defesa desses direitos essenciais do cidadão.

Adianto, de forma bem resumida, que essas medidas vão abranger, de um lado, a criação de novos instrumentos legais para premiar as boas práticas e punir as más, e, de outro, vão reforçar e apoiar as estruturas já existentes, como é o caso dos Procons. Vamos criar mecanismos capazes de dar respostas mais ágeis e mais efetivas às demandas do consumidor atingido em seus direitos. Vamos cobrar melhorias de serviços e mais transparência das empresas e do próprio governo. Vamos informar e conscientizar o consumidor brasileiro, de forma incessante, sobre todos os seus direitos.

Em suma, o Brasil vai fiscalizar com mais rigor, aplicar multas mais adequadas, vai conscientizar empresas, consumidores e toda a sociedade sobre as vantagens, para todos, da melhoria das relações de consumo. Não podia ser diferente. Com a inclusão social, fizemos nascer novos consumidores. É nossa obrigação agora defendê-los, pois essa é uma forma poderosa de cuidar do desenvolvimento do Brasil.

Minhas queridas brasileiras,

Repito, neste dia dedicado mundialmente a cada uma de nós, que um governo comandado por uma mulher tem mais que obrigação de lutar pela igualdade de gênero, pela defesa intransigente dos mesmos direitos para homens e para mulheres. Esta, aliás, deve ser a disposição de qualquer governo, seja ele comandado por um homem ou por uma mulher. Não se trata apenas de uma questão ética ou humanística. Trata-se de uma questão eminentemente estratégica.

Nenhum país moderno pode desperdiçar a energia e o talento das mulheres, sob o risco de deformar o seu presente e comprometer o seu futuro. A desigualdade de gênero não é apenas socialmente maléfica, como economicamente destrutiva. Por sabermos disso, somos o governo com o maior volume de políticas públicas em favor da mulher em nossa história, mas precisamos e vamos fazer muito mais.

Por falar nisso, passo à terceira medida que anuncio hoje. O governo federal vai instalar, em cada estado, um moderno centro de atendimento integral à mulher, que contará, entre outros serviços especializados, com um setor de prevenção e atenção contra a violência doméstica, e outro de apoio à mulher, à mulher empreendedora, com ferramentas de estímulo ao pequeno negócio, como o microcrédito e a capacitação profissional.

O Brasil, como único país emergente onde, nos últimos anos, diminuiu a desigualdade social, tem a responsabilidade de diminuir, ainda com mais rapidez, a desigualdade entre homens e mulheres. O Brasil, como um dos poucos países do mundo que, nesses anos de crise, aumentou sem parar o emprego, tem mais que obrigação de garantir melhores oportunidades e salário mais justo para as mulheres. E o país que retirou, em dois anos, 22 milhões de brasileiros e brasileiras da miséria, tem que ser um defensor intransigente dos direitos humanos das mulheres.

Isso significa, principalmente, intensificar o combate contra os crimes monstruosos do tráfico sexual e da violência doméstica, como estamos fazendo. A violência doméstica, aliás, tem que ser varrida dos nossos lares e do nosso território. Já temos instrumentos poderosos para isso, como a Lei Maria da Penha, que é uma das melhores do mundo. É preciso agora maior compromisso e participação de todos nós.

Para encerrar, faço um especial apelo e um alerta àqueles homens que, a despeito de tudo, ainda insistem em agredir suas mulheres. Se é por falta de amor e compaixão que vocês agem assim, peço que pensem no amor, no sacrifício e na dedicação que receberam de suas queridas mães. Mas se vocês agem assim por falta de respeito ou por falta de temor, não esqueçam jamais que a maior autoridade deste país é uma mulher, uma mulher que não tem medo de enfrentar os injustos nem a injustiça, estejam onde estiverem.

Viva o Dia Internacional da Mulher! Viva a mulher brasileira! Muito obrigada e boa noite.

**Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após cerimônia de assinatura de atos
Palácio do Planalto, 11 de março de 2013**

Eu queria saudar o senhor John Key, primeiro-ministro da Nova Zelândia; cumprimentar e saudar também os integrantes das delegações da Nova Zelândia e do Brasil, dizer a todos muito bem-vindos. Cumprimentar os jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu recebo com grande satisfação o primeiro-ministro da Nova Zelândia, John Key. Sua visita ocorre em um momento promissor das nossas relações bilaterais, desde a abertura da Embaixada do Brasil em Wellington, em 1997, os vínculos entre os nossos dois países têm se fortalecido de forma consistente. Hoje nós identificamos oportunidades de uma cooperação mais estreita ainda. A Nova Zelândia é parceira bem-vinda no processo de desenvolvimento do Brasil. Nós hoje estamos modernizando a nossa infraestrutura, investindo na logística e na energia em nosso país, nos preparando para os grandes eventos. Por isso, muitas são as oportunidades que se abrem para intensificar e diversificar o fluxo bilateral de comércio e investimento, tanto o Brasil na região do Mercosul, aqui na América Latina, quanto a Nova Zelândia nos seus fóruns regionais, nos permitirão uma aproximação entre as nossas duas regiões, o que, do ponto de vista econômico, também será muito importante.

É grande o interesse do Brasil nesta aproximação. Nós compartilhamos com a Nova Zelândia um interesse, um comprometimento com a agricultura, a agropecuária, quanto mais eficiente, competitiva, quanto melhor para os nossos países e para os nossos povos. Nós temos o reconhecimento de que a Nova Zelândia é uma das grandes produtoras de derivados do leite e saudamos a presença de cooperativas da Nova Zelândia aqui no Brasil em parceria com outras empresas ou sozinhas.

Nós fizemos, como vocês viram, um acordo com oito universidades da Nova Zelândia na cooperação, principalmente, no amparo do Programa Ciência sem Fronteiras, que para nós é muito importante. A gente sabe que a Nova Zelândia é um destino de estudantes brasileiros, 4 mil estudantes brasileiros estão hoje na Nova Zelândia e vários convênios vêm sendo assinados.

Um dos convênios inclusive foi assinado sobre o Programa de Férias e Trabalho, que é uma opção para aprender inglês na Nova Zelândia, o que para nós também é muito importante. Assinamos hoje o Acordo de Serviços Aéreos, que vai contribuir para a conexão entre os nossos países, somos países distantes, e essa providência é uma

providência necessária a qualquer aproximação, porque ela nos colocará como se fosse uma ponte que ligará países tão distantes.

Eu acredito que outra área importante – e o primeiro-ministro é um especialista nessa questão do turismo – e essa parceria enseja, é estreitar ainda mais as nossas relações nesse campo. Para nós é muito importante, também na área dos esportes, a questão do rúgbi, porque tanto equipes femininas como equipes masculinas de rúgbi serão muito bem-vindas na nossa Olimpíada. A nossa Olimpíada, pela primeira vez, aliás, as Olimpíadas aqui no Brasil pela primeira vez vai incorporar isso. Então também essa é uma parceria muito importante.

Acredito também que apesar da distância geográfica que nos separa, o Brasil e a Nova Zelândia têm grandes valores que compartilham: valores culturais, valores éticos e valores morais, sobretudo em matéria de democracia, de desenvolvimento sustentável, de Direitos Humanos, de paz e de segurança coletiva. Somos também países que têm uma relação muito especial no que se refere à questão das armas nucleares. Somos regiões e países livres de armas nucleares.

Nós partilhamos dos objetivos de reforma da ONU e acredito que a presença da Nova Zelândia como parceiro, como representação não-permanente no Conselho é algo que o Brasil considera apoiar. Nós também sabemos e tanto o Brasil quanto a Nova Zelândia têm interesses a construir nas nossas regiões: a Nova Zelândia aqui na América Latina, porque a América Latina é um continente de oportunidades e, sem dúvida o Brasil naquela região da Ásia e do Pacífico.

E nesse momento em que a crise internacional afetou os maiores mercados do mundo, como é o caso da Europa, nada mais oportuno que nós cooperemos no sentido de viabilizar através e por meio dessa cooperação, uma efetiva ampliação das nossas oportunidades comerciais e de investimento.

Nesse sentido, eu queria dizer que para o Brasil essa visita do primeiro-ministro é algo muito importante, é algo importante não só porque estreita a relação entre os nossos povos, mas também porque cria mais um patamar na ampliação dessas relações. Por isso, eu queria dizer ao primeiro-ministro que ele seja muito bem-vindo, que a viagem seja muito produtiva e acredito que nós iremos aprofundar cada vez mais a nossa cooperação.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia alusiva à visita das obras do Canal do Sertão Alagoano Água Branca-AL, 12 de março de 2013

Eu vou quebrar o protocolo e vou começar cumprimentando aqui os trabalhadores que tornaram possível essa obra. Começo por eles, pelo papel que eles têm desempenhado no nosso país com as suas mãos, com a sua dedicação.

Também quebrando o protocolo, eu queria cumprimentar nesse Mês Internacional das Mulheres – porque o dia já passou, foi sexta-feira – cumprimentar todas as mulheres aqui presentes. A cada uma das mulheres alagoanas, das mulheres brasileiras, eu dirijo meu cumprimento.

E queria também queria cumprimentar o Cícero de Barros de Souza, um pequeno agricultor da cidade aqui de Olho D'Água, por intermédio de quem eu cumprimento os agricultores e os trabalhadores da região.

Dirigir um cumprimento especial ao grande parceiro, governador do estado de Alagoas, Teotônio Vilela Filho.

Cumprimentar o presidente do Senado Federal, prezado senador Renan Calheiros.

Cumprimentar a prefeita, a nossa prefeita de Água Branca, por intermédio de quem cumprimento os prefeitos e as prefeitas da região. Querida Albaní Sandes Gomes, meus cumprimentos e agradecimento pela recepção que você está nos dando.

Cumprimentar o meu querido e trabalhador ministro Fernando Bezerra, ministro da Integração.

Cumprimentar o general José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; o deputado Fernando Toledo, presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas; o desembargador José Carlos Malta Marques, presidente do Tribunal de Justiça de Alagoas.

Dirigir um cumprimento aos dois senadores que tem sistematicamente ajudado o governo federal ao encaminhar, discutir, sugerir, projetos do governo: senador Fernando Collor de Mello e senador Benedito de Lira; agradecer da mesma forma os deputados federais: Alexandre Toledo, Arthur Lira, Givaldo Carimbão, Maurício Quintela Lessa, Paulão e Renan Filho.

Cumprimentar o secretário estadual de infraestrutura de Alagoas, Marco Antonio; o presidente da Associação dos Municípios Alagoanos, da AMA, prefeito de Jequiá, Marcelo Beltrão; o presidente Elmo Vaz, da Codevasf.

Queria dirigir um cumprimento especial à companheira Débora Nunes, do MST; à presidente da Central Única dos Trabalhadores de Alagoas, a companheira Amélia Fernandes Costa; ao presidente, também, do Conselho de Administração da Queiroz Galvão responsável por esta obra que muito nos honra com a sua presença, Maurício de Queiroz Galvão. Da mesma forma o senhor Elmar Varjão, da OAS Engenharia S.A.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Eu tive aqui hoje a felicidade de participar do momento todo especial, o momento em que – como vocês viram – é o sonho de décadas. O sonho de décadas expressos na palavra lida por nós... lida para nós pelo governador, de um grande alagoano responsável e participante do processo de redemocratização do nosso país, o saudoso Teotônio Vilela.

Esse sonho, e quando eu cumprimentei o governador pelas palavras que ele leu para nós aqui, ele me disse: ele era um poeta, o velho era um poeta. E, obviamente, todo poeta tem um pouco de profeta. E o que ele profetizou hoje de forma muito singular e interessante – e são essas as grandes coincidências boas da história – o seu filho ajudou a realizar.

Então, nós estamos aqui, nós estamos aqui inaugurando um trecho, um trecho de 65 quilômetros do Canal do Sertão alagoano. E nós sabemos que o destino dessa água é aquele traçado por ele. Ela sai lá do Velho Chico e chega nas torneiras das casas de cada um dos moradores dessa região. Ela sai de lá, sacia a sede do povo dessa região, permite que a mãe dê banho no seu filho, permite que a comida seja feita com uma água

de qualidade, permite que um agricultor crie a sua horta, crie o seu rebanho, crie a sua produção. Enfim, essa água é vida e por isso esse é um momento especial para nós.

Os que me antecederam já falaram que essa é umas das maiores obras de infraestrutura hídrica aqui do estado de Alagoas. E é verdade. Quando nós vínhamos para cá, dá para ver essa obra, esse Canal serpenteando por todo o sertão. Aí ele agora está correndo por 65 quilômetros, mas nós queremos que ele tenha uma extensão maior, porque ele tem que chegar até Arapiraca. Que nem novela, que tem sempre um próximo capítulo, o ministro Fernando e o governador deixaram um dos capítulos para mim, que é anunciar para vocês que nós vamos agora fazer não só o terceiro trecho, mas o quarto.

E vocês podem ter certeza que nós, com esse trecho, vamos chegar a 122 quilômetros, 122 quilômetros com a água correndo desse jeito que vocês estão vendo. Isso significa, para o governo federal, R\$ 1,1 bilhão, e nós iremos sistematicamente fazendo mais trechos. Esse agora nós estamos assegurando e garantindo – está já o dinheiro previsto no PAC – e, sem dúvida nenhuma essa obra, como disse o governador, vai desembestar daqui para frente. Com esse dinheiro nós vamos fazer mais 45,6 quilômetros do Canal do Sertão. E vamos realizar obras complementares: vamos ampliar a estação elevatória; executar a segunda linha de recalque; a implantação dos perímetros de Inhapi e de Carneiros e a adutora de usos múltiplos que também vai beneficiar os assentamentos do Incra.

Uma outra boa notícia que eu quero dar aqui hoje, ela deriva também do empenho de um alagoano. O senador Renan Calheiros tem sistematicamente, com os senadores, com os demais senadores, pleiteado por essa obra. E trata-se de pavimentar um único trecho da BR-316 que ainda não está pavimentada. São 49 quilômetros entre Carié e a divisa com Pernambuco. Nós vamos também – e eu anuncio aqui, agora – construir o viaduto no entroncamento da BR-104 e a BR-316, em Maceió, conhecido como o viaduto da PRF.

A razão de ser dessas obras é mudar para melhor e assegurar mais oportunidades para as pessoas aqui em Alagoas. O centro do desenvolvimento, o motivo das obras nunca pode ser ela em si. É o que ela traz de benefício para a população que nos importa.

Por isso, eu quero dizer para vocês que nós temos todo o interesse, primeiro, de fazer obras como essa. Porque obras como essa permitem uma coisa que para nós é extraordinária, que é enfrentar a seca. Nós não temos como impedir que a seca ocorra, mas nós temos como impedir que ela nos atinja. Essa obra é uma obra que vai durar anos e anos a fio, e vai permitir que nós possamos enfrentar a seca de forma eficiente. Nós sabemos – e o governo, desde o início do ano passado, soube disso – que nós íamos enfrentar uma grande seca este ano, talvez uma das maiores secas. Nós fizemos, logo no início do ano passado, em março, aliás em abril, nós fizemos uma reunião com todos os governadores do Nordeste. E naquela ocasião, qual era o motivo mais forte que unia os governadores do Nordeste e o governo federal? É que nós estávamos dispostos a enfrentar essa que mostrava ser uma das maiores secas que já atingiu essa região, e nós de forma determinada queríamos diminuir os efeitos dessa seca sobre a população.

Então, além de dar continuidade a obras como essa do Sertão Alagoano, nós fizemos uma outra coisa: nós criamos um programa para, de forma emergencial, garantir uma melhora de vida para a população do Nordeste. A primeira coisa sempre é olhar como é que ficam as pessoas mais vulneráveis: os pequenos proprietários de terra, os

trabalhadores. Mas a seca não olha diferença de ninguém, ela ataca todo mundo, então nos dispomos a tomar todas as medidas para enfrentá-la.

A primeira medida foi o Garantia Safra. O Garantia Safra é uma forma de a gente proteger o agricultor, então nós antecipamos o Garantia Safra para todo o Nordeste e aqui, em especial, para Alagoas. O Garantia Safra dá nove parcelas de R\$ 135 a R\$ 140 para o agricultor. Aquele agricultor que não tem o Garantia Safra, nós demos o Bolsa Estiagem, o Bolsa Estiagem que é R\$ 80 também em nove parcelas. Mas tem uma coisa que eu quero contar para vocês: olhando justamente essa necessidade de proteger, de assegurar que a população mais pobre do Nordeste fosse protegida, nós também criamos, aprofundamos e hoje completamos o combate do Brasil Sem Miséria.

Tanto o Brasil Carinhoso quanto toda essa política do Bolsa Família, que permite que hoje, com orgulho eu diga: todos os cadastrados, os 36 milhões de brasileiros cadastrados no Bolsa Família, todos eles, por cada família, ganham per capita, por pessoa, R\$ 70. Assim, uma família com cinco pessoas ganha R\$ 350 mínimos. Além disso, ganha aqui no Nordeste, o Bolsa Estiagem. Por que isso? Porque o Brasil, para virar uma nação desenvolvida, o Brasil, para de fato valorizar sua maior riqueza – que é não ser um país pequenininho, ser um país de 200 milhões de brasileiros e de brasileiras - ele tem de acabar com a pobreza. Nós temos de transformar o país num grande país de classe média. Daí porque é importante levar água para o agricultor, para o sertão, para as pessoas que, até hoje no Brasil, ainda são aquelas que mais sofrem.

Esse programa, que é um programa de combate estrutural à seca, ele se combina com todos os programas sociais brasileiros, que eu tenho muito orgulho de ter – desde o governo do presidente Lula e agora no meu governo, dando continuidade, aprofundando – ter realizado e encaminhado. E o Bolsa Família se combina, por exemplo, com o Minha Casa, Minha Vida, que quer levar, não só para a população urbana mas para a população rural, quer levar casa própria. Porque o povo deste país tem direito à casa própria. Ele se combina também com toda a política que eu quero assegurar a vocês que enquanto tiver seca, nós estaremos ofertando carros-pipa, assegurando milho subsidiado, colocando à disposição da população atingida pela seca – e aí não é só o pequeno proprietário, mas também o comerciante e o industrial que perdeu dinheiro com isso – um programa de financiamento de R\$ 2,5 milhões... R\$ 2,5 bilhões. Que já foi liberado R\$ 2 bilhões.

Eu quero dizer para vocês que o governo federal, enquanto houver seca, vai ficar de olho, vai acompanhar a seca, vai garantir que o Exército Brasileiro tenha recursos para fazer carro-pipa. Que as cisternas, as 750 mil cisternas que nós temos que construir até 2014, e que nós já temos 2/3 construídas, e aqui em Alagoas, como me disse o governador, se a gente sobreviver, a gente vê cisterna espalhada. Nós queremos universalizar aqui a cisterna, nós queremos que todo agricultor tenha onde fazer uma reserva de água.

E aí eu falo também de uma coisa que para mim foi muito comovente: ver no meio do Sertão, no meio do Sertão, uma unidade de extensão da Universidade Federal de Alagoas. Porque a gente combate a seca com muitos instrumentos: alguns são instrumentos que você atira direto na seca; outros, você cria condição para que aqui, quando você planta uma Universidade e escolas públicas, técnicas, no meio do Sertão,

nós estamos criando a capacidade de homens e mulheres para também combaterem a seca.

Eu quero dizer para vocês que nós temos por obrigação ter um outro programa, que eu agora, a partir de agora, nós vamos começar a formular e a formatar ele. E eu vou dizer para vocês algumas coisas que vai ter nesse programa: nós temos que nos preparar para depois que a seca passar, garantir que todas as conquistas que nós conseguimos juntos, garantir para Alagoas e para o Nordeste, não se percam e não voltem atrás. Aí é um programa de retomada, é um programa para quando a seca passar não basta chover, porque a gente vai ter que recuperar o rebanho, o rebanho de bode e de cabra, o rebanho bovino, nós temos que recuperar as galinhas.

O governo federal está atento a isso, só não posso recuperar o rebanho ainda enquanto tem seca, se não vão morrer outra vez. Mas eu quero assegurar ao agricultor, ao pequeno proprietário, aquele que teve a sua cabrinha morta, o seu bodinho, o seu boizinho... eu quero assegurar que governo federal vai recompor isto. Quero assegurar também... nós tínhamos iniciado um programa de sementes, nós tínhamos, através da Embrapa, selecionado as melhores sementes e começado a distribuição. A seca nos pegou distribuindo. Perdemos as sementes. Queremos dizer para vocês que nós somos teimosos, nós vamos teimar e vamos tornar a distribuir sementes. Agora, nós também aprendemos. Então, o governo federal vai procurar um programa de silagem, ou seja, de construção de alimentos, de forragem para as criações.

Nós vamos ser capazes de enfrentar a seca aqui no Nordeste, garantindo ao Nordeste as mesmas oportunidades que tem, mesmas oportunidades que tem no Sul e no Sudeste, as mesmas. As mesmas oportunidades na área da educação universitária, na área da formação técnica e profissional. Nós temos de garantir também, acesso a tudo que há de mais moderno na área da agricultura.

E eu quero dizer para vocês mais uma coisa: o nosso país e a nossa economia é uma economia forte, mas nós temos... como quando você tem, você conseguiu comprar a sua casa, todo mundo quer dar uma melhoradinha nela, nós temos de querer melhorar o nosso país.

Por isso, que ao longo dos últimos anos, desde a metade de 2011, nós tomamos uma série de medidas: nós diminuimos a taxa de juros; nós fomos lá e muito felizes porque este país é um país que nada contra a corrente internacional e esse país hoje, é um país com a menor taxa de desemprego da sua história. Esse país que cria 15 milhões – criou nos últimos 10 anos – 15 milhões de empregos com carteira assinada, ele precisa de ter também diminuição do imposto.

Por isso que eu anunciei sexta-feira, no Dia Internacional da Mulher, a redução de todos os impostos da cesta básica. Por quê? Porque a redução dos impostos da cesta básica é boa, é muito boa, porque diminui a inflação, porque melhora a renda do assalariado, do trabalhador e de qualquer brasileiro, porque permite que ele compre o mesmo produto por um preço menor.

Aliás, nós desoneramos a parte mais, vamos dizer, mais custosa, porque essa desoneração custou em torno de R\$ 7,3 bilhões. Foi desonerar carne, porque nós achamos que o brasileiro, a cesta básica do brasileiro, tem que ter carne. Nós achamos que essa cesta básica ela é crucial: quanto mais barata ela for, melhor para o Brasil. E o

Brasil está tomando uma série de medidas, o governo federal, para melhorar as condições de produção, porque nós queremos que o Brasil cresça, e eu quero assegurar a vocês que o Brasil vai crescer. Mas não vai crescer porque nós achamos bonito falar que o PIB cresceu. Vai crescer porque isso é essencial para melhoria de vida de cada brasileiro, de cada brasileira, sobretudo para assegurar que os jovens e as crianças desse país tenham um futuro muito melhor do que nós tivemos, tenham um presente e um futuro melhor que o nosso.

Eu sempre digo que o Brasil hoje é um país que pode olhar de igual para igual com qualquer país do mundo. O presidente Lula dizia isso e eu repito da mesma forma, nós estamos no nosso caminho. O caminho foi aquele que nós escolhemos, que nós vamos trilhar com os nossos pés. E que nós vamos fazer para a nossa população, porque nós todos sabemos que esse país é composto por homens e mulheres com capacidade de trabalho, com capacidade de empreender, e mais do que nunca nessa região em que eu estou, aqui nós temos mulheres e homens nordestinos que resistem ao sertão. Um país que tem um povo com a capacidade de resistir ao sertão, nós tendo água, oportunidades, universidades, escolas, rodovias, portos, nós somos um país invencível.

Eu estou muito feliz de estar aqui hoje. Um abraço a cada um dos alagoanos, a cada uma das alagoanas. E para as mulheres eu queria desejar um feliz mês do Dia Internacional da Mulher.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do programa Mulher: Viver Sem Violência
Palácio do Planalto, 13 de março de 2013**

Eu queria começar cumprimentando aqui e, tenho certeza, homenageando e saudando em nome de todas as mulheres aqui presentes e de todos os homens também, a nossa querida Maria da Penha.

Eu queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer; o senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal; o deputado Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados; o ministro Joaquim Barbosa, presidente do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça; as senhoras e os senhores chefes de Missões Diplomáticas acreditados junto ao meu governo; cumprimentar os ministros e as ministras de Estado, cumprimentando Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para as Mulheres; a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à fome; a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão; a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira; a ministra da Secretaria de Relações Institucionais, Ideli Salvatti; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social; em nome delas eu cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Querida cumprimentar a deputada Iriny Lopes, aqui presente, ex-ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Em nome dela cumprimento todas as ex-ministras da Secretaria para as Mulheres que nos ajudaram a construir esse processo de valorização, defesa e afirmação da mulher brasileira.

Queria cumprimentar o senhor procurador-geral da República, presidente do Conselho Nacional do Ministério Público, senhor Roberto Gurgel; queria cumprimentar as senhoras e os senhores governadores: Marconi Perillo, de Goiás; Omar Aziz, do Amazonas; Renato Casagrande, do Espírito Santo; Ricardo Coutinho, da Paraíba; Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; cumprimentar as senhoras senadoras Ana Rita, Angela Portela, Lídice da Mata, Lúcia Vânia e Vanessa Grazziotin; cumprimentar os senhores senadores aqui presentes: José Pimentel, líder do governo no Congresso; Humberto Costa e Romero Jucá.

Queria cumprimentar as senhoras deputadas federais:

Alice Portugal; Aline Corrêa, Antônia Lúcia, Benedita da Silva, Bruna Furlan, Carmen Zanotto, Cida Borghetti, Dalva Figueiredo, Elcione Barbalho, Erika Kokay, Fátima Bezerra, Flávia Moraes, Gorete Pereira, Iara Bernardi, Jandira Feghali, Janete Pietá, Jaqueline Roriz, Jô Moraes, Keiko Ota, Liliam Sá, Luci Choinacki, Magda Mofatto, Margarida Salomão, Marina Santanna, Marinha Raupp, Nilda Gondim, Perpétua Almeida e sua flor, Rosane Ferreira, Rose de Freitas, Rosinha da Adefal, Sandra Rosado, Sueli Vidigal. Vai chegar o momento, que eu tenho certeza, vão ter tantas deputadas que será praticamente impossível nominar todas.

Queria cumprimentar também os deputados federais presentes: Arlindo Chignalia, líder do governo na Câmara dos Deputados; Francisco Floriano, Lincoln Portela, Nilmário Miranda e Paulão.

Queria cumprimentar os senhores prefeitos que nos honram nessa cerimônia: prefeito de São Paulo, Fernando Haddad; prefeito de Campo Grande, Alcides Bernal; prefeito de Santana do Livramento, *Glauber* Gularte Lima; prefeito de Jaguarão, Cláudio Martins.

Queria dirigir um cumprimento especial à senhora Marta Maria de Brito Alves Freire, presidente do Conselho Nacional dos Defensores Públicos Gerais; queria cumprimentar a nossa querida Clara Charf, coordenadora do Movimento Mulheres pela Paz; cumprimentar a Júlia Nogueira, secretária de Políticas de Igualdade Racial da CUT, por intermédio de quem cumprimento todas as lideranças e dirigentes sindicais aqui presentes.

Dirijo do fundo do coração uma saudação uma saudação especial às entidades vencedoras e às mulheres que as representam, vencedoras do Prêmio “Mulheres Rurais que produzem um Brasil Sustentável”.

Queria cumprimentar também o nosso governador Agnelo que – me desculpa, Agnelo - às vezes o pessoal do Cerimonial esquece o nome...

Queria cumprimentar as senhoras representantes do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e gestoras dos organismos de organismos de políticas para as mulheres. Cumprimentar as senhoras jornalistas, e nossos senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Minhas queridas amigas aqui presentes. Meus queridos amigos.

Eu quero iniciar homenageando uma mulher lutadora, Márcia Santana, secretária de Políticas Para Mulheres do Rio Grande do Sul que nos deixou nessa madrugada.

Queria dizer a vocês que me alegro muito hoje. Me alegrando porque nós não temos sido questionados por uma verdade que andamos afirmando, porque numa democracia muitas vezes se questiona todas as afirmações, mas eu tenho certeza que até agora

essa não foi questionada: que nós somos o governo com o maior volume de políticas públicas em favor da mulher em nossa história.

E eu digo isso porque na minha posse eu disse que ia defender e priorizar em todas as políticas o povo brasileiro e honrar as mulheres.

Hoje é mais um dia em que nós afirmamos esse compromisso, porque honrar as mulheres significa ter consciência da sua situação em nosso país e defender as mesmas oportunidades e uma política antidiscriminação.

Agora, com o programa Mulher: Viver sem Violência, que aprofunda toda luta que foi desenvolvida nesses últimos anos, começando pela Lei Maria da Penha, que nos honra com sua presença hoje e passando pela reafirmação da própria lei, no sentido de que não será mais um caso de conivência a violência contra a mulher. Será penalizada. Terá processo. Resultará em ato e delito. Então, hoje, aqui, com o programa Mulher: Viver sem Violência estamos dando mais um passo. Sabemos que é preciso fazer muito mais e sempre para combater a violência contra a mulher.

Nós queremos que o país se aproxime, cada vez mais e de forma cada vez mais rápida, do dia em que o nosso país, a nossa sociedade e os governos tenham tolerância zero com a violência praticada contra a mulher. Nós queremos que, na verdade, este país seja um país com tolerância abaixo de zero. Porque esse crime envergonha a humanidade, esse crime envergonha as famílias, esse crime envergonha homens e mulheres da nossa sociedade.

Ter tolerância zero significa combater e erradicar todas as formas de violência, todas, desde aquelas que são as mais abjetas como a violência doméstica, o estupro, o assassinato ou tráfico sexual, a exploração sexual sob todas as formas. Até outras com conteúdos mais disfarçados, porém igualmente dolorosos e igualmente inadmissíveis, como a discriminação no trabalho, no salário, a educação discriminatória, a falta de oportunidades, e, sobretudo, a baixa estima decorrente da violência.

É contra todos estes tipos de violência que temos lutado e vamos continuar lutando. Sabemos que o combate à violência tem de estar casado com medidas fortes de coerção, de repressão, de cumprimento da lei, e com reforço da autonomia das mulheres. Combate à violência, de um lado, e autonomia, do outro, são faces, reforçar a autonomia são faces da moeda principal que nós mulheres temos de reivindicar para nós que é uma atitude digna, cidadã, diante da vida.

Por isso, eu sei que nenhum governo, no mundo, sozinho, é capaz de dar conta dessa luta. Quanto mais nós percebemos que um governo sozinho não é capaz de dar conta da luta, mais nos esforçamos para fazer a parte do governo. Isso não significa não fazer a parte do governo, significa que o governo tem de fazer a sua parte e tem de estimular as próprias mulheres, lutar ao lado delas e com a sociedade em favor da causa, da luta contra o preconceito, a discriminação e a violência contra a mulher.

Nós temos consciência que, além disso, esta é uma luta de todas as mulheres, de todos os homens, uma luta que une gerações – crianças, jovens, adultos e idosos –, e é uma luta também da humanidade. Porque a violência contra a mulher, ela é uma das origens da violência na sociedade. Uma família constituída sob a violência contra a mãe, e que geralmente de uma forma ou de outra envolve os filhos, repassa esses valores de violência, de desrespeito, discriminação para as gerações futuras.

Por isso, queridas e queridos companheiros e amigos presentes, nosso programa Mulher: Viver Sem Violência, tem de ter também um forte componente cultural, ele tem de mudar valores. Por isso nós precisamos de todos nessa luta.

Nós conseguimos nesse projeto apresentado pela ministra Eleonora Menicucci, somar com a mesma força e com a mesma intensidade a proteção de um lar e a disposição de luta das mulheres, que são características muito femininas. Por isso que eu vejo assim a casa da mulher brasileira. É uma casa de abrigo e de apoio, mas ela é uma casa de luta, ela é uma casa que une esses dois aspectos. E ela é um dos eixos do programa que nós estamos hoje lançando.

Também – e eu acho isso muito importante, vocês viram isso – procuramos na beleza arquitetônica do projeto, na leveza das suas linhas e nas suas instalações, fruto da genialidade do grande arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, que contribuiu conosco de forma gratuita para esse projeto, uma prova de que é possível criar prédios públicos de qualidade, mais baratos porque são pré-moldados. Que dignifiquem e aumentem também a autoestima da cidadã e dos cidadãos comuns quando são atendidos.

Queremos que essas 27 primeiras unidades que vamos construir – nossa meta, a gente tem sempre de ter meta e prazo, até o final de 2014, nas capitais e no Distrito Federal, nas capitais dos estados brasileiros e no DF – sejam poderosos pontos de referência para as mulheres atingidas no corpo e na alma. Ali, como a ministra Eleonora mostrou, as mulheres vão receber proteção, orientação e formação. Sempre com essa visão dessa dualidade que tem de estar casada: combate à violência e afirmação da autonomia. Ali elas receberão, portanto, proteção, orientação e formação. Ali elas terão assistência psicológica, social, jurídica e financeira. Ali elas verão a face humana dos vários poderes da República trabalhando por meio dos seus representantes para ajudá-las a melhorar de vida.

E aqui eu saúdo o Judiciário, na pessoa do ministro Joaquim Barbosa, saúdo o Ministério Público, na pessoa do procurador Gurgel, e saúdo também a defensoria na nossa querida defensora que me deve um paninho. Saúdo também – a ministra Eleonora já explicou – a parceria que necessariamente vai se colocar entre o governo federal, o estadual e o municipal, principalmente, no que se refere também à Delegacia das Mulheres. E aqui eu queria fazer uma observação: era secretário da Justiça do estado de São Paulo o meu vice-presidente Michel Temer quando a primeira Delegacia da Mulher foi por ele formada no estado de São Paulo. Acho importante registrar isso porque a Delegacia da Mulher é um elemento essencial nessa junção de órgãos que vão fazer a defesa da mulher deste país.

Quero dizer também que o governo federal se dispõe a construir o espaço e mantê-lo. Obviamente, pedimos a cooperação dos demais órgãos no sentido de aportar seu conhecimento e seus funcionários. O programa Mulher: Viver Sem Violência, ele tem um aspecto que eu considero muito importante. Primeiro, é o fortalecimento do disque 180 que – como a Eleonora mostrou – é uma das portas de entrada para a proteção, para a mulher buscar a proteção contra a violência. E ao buscar apoio, a mulher, vítima da violência, ela tem de encontrar um atendimento humanizado e qualificado. E tem-se também de produzir provas dessa violência. Por isso, esses atos que nós assinamos, em relação à humanização e à produção de provas, é também um avanço essencial no

sentido de não compactuarmos com aquele trauma que a mulher tem quando ela denuncia a violência, aqueles olhares desconfiados que nós não achamos que podem ser admitidos, de um lado, e de outro, a impunidade que é decorrência da ausência de provas. Por isso, humanização e provas e combate à impunidade são elementos essenciais.

Nós também iremos preparar, como vocês viram, hospitais para a coleta e guarda das provas, dos vestígios da violência sexual e equipar e adequar os Institutos de Medicina Legal também para tanto. Vamos, ao longo do tempo, também, equipar as equipes de saúde da Segurança Pública para o atendimento humanizado a essas meninas, jovens e mulheres vítimas da violência.

Outra ação que eu acho importante registrar aqui também são os Núcleos de Defesa da Mulher nas nossas principais fronteiras e ampliação desses núcleos. Nós sabemos que o tráfico sexual, ou o uso por máfias organizadas de mulheres carentes vulneráveis é algo que ocorre, principalmente o uso de mulheres no tráfico de entorpecentes. Essa realidade atroz não está apenas na literatura, no cinema, nas novelas ou na tevê. Essas histórias tristes preenchem o cotidiano e temos que lutar para que elas acabem.

Minhas queridas amigas e meus amigos, esse programa “Mulher: Viver sem Violência” tem muito de um método de gestão que nós usamos no governo: trata-se de potencializar os resultados por meio de ações fortemente focadas em setores críticos e vulneráveis. Dou um exemplo: nós conseguimos retirar 22 milhões de brasileiros e brasileiras da extrema pobreza porque começamos focando numa parcela absolutamente desprotegida, que eram crianças e jovens, por isso conseguimos, ao focar nossas ações, retirar esses milhões de brasileiros.

Nós estamos dando ênfase ao combate à violência de todas as formas na sociedade, mas focamos em um segmento extremamente vulnerável da nossa população quando se trata de violência, e esse segmento são as mulheres, os 50% de mulheres, ou 51%, melhor dizendo, de mulheres que constituem a população brasileira.

Eu quero dizer que este programa, ele não esquece vários subprogramas e vários programas que vão a ele estar articulados. Eu queria, primeiro, reconhecer a relevância da criação do ministério das mulheres, a Secretaria para Assuntos da Mulher, criada no governo do presidente Lula, e que se desenvolveu e se transformou num ponto central de articulação das políticas para as mulheres.

Mas eu queria citar outros exemplos de políticas que, porque levaram em conta a mulher, melhoraram a nossa forma de execução dessas políticas e que reforçam a autonomia das mulheres. Por exemplo, o Bolsa Família. O Bolsa Família é o programa central no nosso plano do Brasil Sem Miséria, e ele é vitorioso porque ele tem uma base de sustentação forte. Quem sustenta o programa Brasil Sem Miséria e, dentro dele, o Bolsa Família? As 93% dos titulares mulheres que recebem esse cartão.

É o reconhecimento do país que na nossa cultura, na nossa sociedade, a mulher tem um papel fundamental na estrutura familiar. Nós sabemos que a mulher não deixa de alimentar seus filhos, mesmo que tenha de tirar de si mesma. Por isso, 93% dos que recebem o Bolsa Família, em nome das famílias brasileiras, são mulheres. Isso significa que nós reconhecemos a importância das mulheres como esteio das famílias. Nós quem? O presidente Lula e agora o meu governo. Acreditamos que uma rede de

proteção às crianças e aos jovens, ela é uma rede melhor quando construída a partir das mães. O Minha Casa, Minha Vida é outro programa que também foi um passo importante porque esse programa reconheceu que as mulheres que têm a guarda de seus filhos têm prioridade para registrar o seu imóvel, no seu nome, porque isso significa proteger também as crianças e os jovens desse país. 47% das moradias, tanto do Minha Casa, Minha Vida 1, agora mais ainda do Minha Casa, Minha Vida 2, são mulheres as titulares da propriedade das moradias.

Com o Rede Cegonha, criado também agora a partir de 2011, nós enfatizamos a proteção à criança e à mulher. A mulher, do pré-natal passando pelo parto e o atendimento também à criança, logo após o nascimento. Nós, nesse programa, investimos R\$ 3,6 bilhões para ações tanto para gestantes quanto para os bebês. Também estamos avançando no tratamento dos programas de prevenção do câncer de mama e de colo de útero. O Brasil realizou, no ano de 2012, mais de 4,4 milhões de mamografias e 10,9 milhões de exames cito-patológicos. Sabemos que ainda há muito espaço para avançar e muita qualidade para melhorar no atendimento à saúde.

Na educação, nós temos números que eu considero expressivos. Na educação infantil, nós aprovamos a construção de 3.135 creches e pré-escolas em mais de 1.760 municípios. Em 2013, nós vamos construir mais 1.500 creches e pré-escolas em todo o país. O programa Brasil Carinhoso, na sua parte – não estou falando aqui da parte de renda – mas o programa Brasil Carinhoso permitiu que nós destinássemos para as creches de crianças do Bolsa Família um valor para manutenção de mais 50% do Fundeb. E nós ampliamos em 66% o valor repassado para alimentação escolar na educação infantil. Toda mãe que trabalha sabe a importância das creches, mas as creches e as pré-escolas são importantes para as mães não só porque elas trabalham, são importantes para as mães porque nós sabemos que a criança, quanto mais nova, mais estimulada com jogos, com acesso a livros infantis, a brincadeiras, a uma série de estímulos, elas tornam-se crianças com mais capacidade de aprendizado. Então, não é só por conta de ter um lugar para deixar seus filhos, mas é por conta de ter o melhor lugar possível para deixar seus filhos.

Queria também dizer para vocês que nós apostamos muito no microempreendedorismo. As mulheres são, se você fizer uma conta do pequeno e do microempreendedor, a grande maioria vai ser mulher. Mulher, nós sabemos, é um ser muito criativo, um ser com capacidade de resistir. Por isso, o governo tem uma ênfase especial nessa questão do micro-crédito, da capacitação profissional, da produção de alimentos, da agroindústria na agricultura familiar e também nas empresas, nas pequenas empresas, nos pequenos empreendimentos. Nós sabemos, por exemplo, que na área da agricultura familiar, o Programa de Aquisição de Alimentos, ele permitiu um crescimento da participação das mulheres nos últimos tempos de 24% para 34%. Mais de 113 mil mulheres foram beneficiadas com assistência técnica e extensão rural.

A Eleonora mostrou, há aumento da documentação das mulheres. Todos esses elementos são elementos que reforçam autonomia e cidadania. Estudar, trabalhar, ser empreendedora, produtora rural, pequena agricultora, todas essas são atividades para reforçar autonomia e a presença cidadã da mulher na nossa sociedade.

Eu disse, para finalizar, eu disse no meu pronunciamento no Dia Internacional da Mulher que a luta pela igualdade de gênero não é apenas uma questão ética ou humanística. É uma questão ética e humanística, mas não é apenas isso. Trata-se de uma questão estratégica para o país, estratégica para o nosso país. Nenhum país moderno, nenhuma nação desenvolvida, pode se dar ao luxo de desprezar a energia e o talento femininos, sob o risco de deformar o seu presente e comprometer o seu futuro.

Eu disse também, naquela oportunidade, que o Brasil era um dos poucos países emergentes que tinha reduzido a sua desigualdade. E um país que reduziu a sua desigualdade também não pode se dar ao luxo de deixar que se configure a desigualdade entre homens e mulheres. Nós temos a responsabilidade de diminuir, com maior rapidez ainda, a desigualdade entre homens e mulheres. O Brasil, como um dos poucos países do mundo que nesses anos de crise aumentou sem parar o emprego, tem mais que obrigação de garantir melhores oportunidades e salários mais justos para as mulheres; que esse país que defendeu os interesses dos mais pobres da nossa sociedade tem de ser um defensor intransigente dos direitos humanos das mulheres.

Mais que palavras, nós temos de agir, daí a importância da Casa da Mulher Brasileira. Como eu disse, uma casa de luta e uma casa de abrigo e apoio. E isso significa que todas as mulheres têm de ter assegurado o direito de viver sem medo, precisam de ter assegurado o direito de escrever sua própria história, cada uma de nós mulheres, com autonomia, com dignidade e com igualdade de oportunidades. É assim que deve fazer um governo, sobretudo um governo liderado por uma mulher em um país cuja maior parte da população é constituída de mulheres. Uma vez, uma companheira dos movimentos sociais, quando eu dizia que é um país com a sua maioria da população constituída por mulheres, essa companheira disse para mim “e não tem problema com a outra metade, porque a outra metade são nossos filhos, então está tudo em casa.” Então eu uso essa frase da companheira, “nós somos a maioria e a outra metade são nossos filhos, portanto, está tudo em família”. E eles são obrigados a nos ajudar nesse processo, eles são grandes parceiros nossos e nos devem toda a quantidade de carinho, amor, atenção e cuidado que as mães desse país deram a cada um deles.

Nós somos um país de mulheres que querem construir, ao lado dos homens, um país cada vez melhor e mais humano. Mulheres que sabem que o caminho para esse Brasil mais desenvolvido e mais justo passa pela intransigente defesa da igualdade contra a violência entre homens e mulheres.

Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, no lançamento do Programa Inova Empresa por ocasião da reunião da Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI)

Palácio do Planalto, 14 de março de 2013

Eu queria dar bom dia a todos e cumprimentar aqui os ministros e as ministras presentes: vou cumprimentar o ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento; o ministro Mercadante, da Educação; o ministro Marco Antonio Raupp, do Ministério de Ciência,

Tecnologia e Inovação, em nome de quem saúdo todos os demais ministros e membros integrantes do governo.

Queria saudar os empresários que fizeram uso da palavra: José Rubens de la Rosa, da Marcopolo; Adriana Machado, da GE; o Pedro Passos, da Natura; o Carlos Fadigas, da Braskem; o Frederico Curado, da Embraer; e o Pedro Wongtschowski, do Grupo Ultra.

Queria dirigir um cumprimento especial ao Robson Andrade, presidente da CNI. Por meio do Robson, eu cumprimento todos os empresários aqui presentes.

E queria também fazer um reconhecimento da importância da relação estabelecida entre o governo e a Confederação Nacional da Indústria nesses dois últimos anos. E queria enfatizar que várias conquistas que nós tivemos ao longo deste tempo teve como base uma visão que eu considero... e que mostra, e que ficou claro também na exposição dos senhores, que mostra a qualidade do empresariado brasileiro e o discernimento da liderança através do Robson Andrade, presidente da CNI.

Portanto, agradeço também pelo fato de que há essa confluência. A gente esgota alguns modelos, mas nada como a força de uma ideia que chegou a época para que ela se realize. E acho que nós estamos justamente neste momento, Robson. Hoje nós temos condição, de fato, de dar a importância à questão da inovação necessária ao nosso país.

Queria cumprimentar também os deputados federais aqui presentes; Nilton Lima e Jacó Bittar.

Queria cumprimentar o presidente da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade, agradecer pela contribuição o Jorge Gerdau Johannpeter.

Queria dirigir também um cumprimento especial à nossa Academia, aos nossos pesquisadores, através do Jacó Palis, da Academia Brasileira de Ciências; do Luiz Idelbrando Pereira da Silva, da Fiocruz; e do Luiz Pinguelli Rosa, da Cope. Eles também representam um avanço do Brasil nessa área, sem o qual nós também não conseguimos inovar.

Queria cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

E dizer que para mim hoje é um prazer receber aqui a indústria brasileira representada pela sua instituição líder, a CNI. E, principalmente, porque esse encontro ocorre sobre a bandeira de uma questão que eu considero estratégica para o Brasil, que é a questão da inovação.

A Mobilização Empresarial pela Inovação, a MEI, está em perfeita sintonia com a visão que o governo federal tem para um dos desafios fundamentais que é o desafio de construção de um país inovador. Porque um país inovador, ele tem de ser construído. São várias instituições, várias empresas, uma presença do governo no seu financiamento das questões tributárias, enfim, nós temos de dedicar toda a nossa atenção nessa construção para que nós tenhamos um país mais produtivo, mais rico, menos desigual e uma economia com grande capacidade de ser produtiva no sentido de ter uma elevada produtividade para poder ser competitiva.

Por isso, hoje, eu podia dizer para os senhores que a motivação maior de parte expressiva das ações do governo, no que se refere à questão da indústria, da agricultura e dos serviços, é, necessariamente, a questão da inovação. E ela exige um encadeamento da educação, exige um encadeamento da Academia, das instituições de pesquisa e das empresas.

Nós, de fato, estamos... eu concordo com um dos palestrantes que falou – foi da Natura – que falou que nós esgotamos um padrão de inovação baseado numa visão de substituição de importações. Não só porque hoje nós temos empresas que se internacionalizam, mas, sobretudo, porque a economia brasileira não é mais uma economia substitutiva de importações. Ela exige um padrão de agregação do valor, sem a qual nós seremos grandes de produtores de commodities. E não é aquilo que esse país com esse tamanho, com essa população, com esses recursos naturais e com essa indústria merece. Portanto, inovar, para o Brasil, é uma questão de estar à altura do seu potencial. Daí porque eu considero que não havia melhor iniciativa dos empresários brasileiros do que essa mobilização pela inovação. E creio que o estado dispõe hoje de meios que permitem que nós façamos a indução ao desenvolvimento, que permite que nós façamos desonerações tributárias, que permite que nós tenhamos uma política de crédito adequada a esse processo.

Eu sei que nós hoje precisamos tomar uma providência e a tomamos. Nenhum projeto, nenhum programa brasileiro, deu certo sem integrar seus recursos. O Bolsa Família, fazendo uma comparação, iniciou lá no governo do Presidente Lula, ele deu certo porque nós não olhamos o Bolsa Família como o somatório de uma série de atividades. Nós tentamos ver qual era o motor e a tecnologia que podia resolver um problema drástico para o Brasil, um problema perverso, que era o problema da sua desigualdade. E por isso nós integramos e criamos uma tecnologia. O Bolsa Família é um salto do programas sociais do país.

Eu conto para vocês também que o Minha Casa Minha Vida é isso. Havia, pelo menos, uns 6 a 7 programas educacionais, desculpa, habitacionais no Brasil, uns 6 ou 7. Nenhum tinha foco, clareza e sabia qual era a meta e aonde ia chegar. O Minha Casa Minha Vida é um programa que tem eficácia porque ele integrou todos os programas, criou uma forma de atuação e deu clareza e foco na questão da política habitacional para a população de baixa renda em nosso país.

Eu acredito que hoje nós estamos dando um passo muito importante. De fato, se a gente for olhar em termos numéricos, são R\$32,5 bilhões para apoiar as empresas na implementação dos projetos, processos inovadores para elevar a nossa produtividade e garantir a nossa competitividade. Mas, o que eu acho que a grande característica não é os R\$32,5 bilhões, é o fato que nós integramos, botamos na mesma matriz todos os gastos do governo de todas as áreas do governo. E agora nós olhamos para tudo isso e vamos olhar a eficácia. Nós vamos mensurar, nós vamos monitorar, nós vamos assegurar que aquele dinheiro saia daqui e vá para a inovação. É óbvio que o dinheiro sozinho não vai, a gente sabe disso, ele encontra vários caminhos. O dinheiro é um bicho muito esperto. Mas, eu tenho clareza que quando você coloca numa mesma matriz os 32 bilhões, o que nós fazemos para nós e para vocês é tornar este projeto claro. Nós podemos discutir: tá excessivo o valor para tal setor? Tal setor não tem o volume necessário? Mas nós sabemos que é um conjunto de recursos.

Nenhuma agência do governo tem autorização, a partir de agora, para tratar como se for seu, o recurso da inovação. O recurso da inovação é algo a ser decidido de forma compartilhada. E essa é uma questão, para mim, absolutamente essencial quando se trata deste momento, deste plano Inova Empresa. É nisso que consiste o grande salto

que nós demos. Salto de governança, salto de foco e salto da nossa determinação em dar prioridade à inovação.

Isso significa que nós vamos ter uma porta única também para que esses recursos – tanto aqueles dos diferentes órgãos de governo, dos bancos e das agências, trilhem um caminho, a política e a necessidade do Brasil em termos de ciência, tecnologia e inovação, é essa. E ela não é tirada da cabeça nem da Presidência da República, nem dos seus ministros, nem dos seus empresários. Ela só pode ser tirada da nossa articulação. Porque é a nossa articulação que vai iluminar esse caminho.

Daí porque eu considero que é importante a interlocução de todos os agentes e, de uma forma clara, a destinação, o aperfeiçoamento e a qualidade dos recursos que nós estamos aqui ampliando, articulando e colocando claro. É para ali que vai. Pode ser errado ir para ali, pode não ser efetivo, pode não ser eficaz. Faz parte do nosso balanço. Mas nós temos um rumo. É esse o rumo. Vamos, entre nós, estabelecer uma parceria, praticamente um casamento. Eu até disse outro dia para o Robson que eu queria saber qual era o dote dele. Porque eu entrava com o meu dote e tenho certeza que a Academia entra com o dele. O meu dote é integrar esse projeto. Esse é o meu dote. É o dote, é a responsabilidade do Brasil, estar integrado todos os projetos.

Eu quero destacar três outros pontos desse programa. Em primeiro lugar eu quero destacar as condições das linhas de financiamento para os projetos que serão apoiados. Nós temos uma mania interessantíssima, no Brasil. É assim a nossa mania: a gente fala “vamos fazer investimento em infraestrutura”. Agora, discutir financiamento de longo para o financiamento de infraestrutura, ninguém discute. E sem financiamento de longo prazo para infraestrutura, não há investimento em infraestrutura.

Nós então temos que discutir a questão das linhas adequadas de financiamento para os projetos de inovação. É óbvio, e aqui vários palestrantes antes de mim falaram, que o risco da inovação é maior, que ele tem que ser induzido. E aí eu quero fazer um parêntese de algo que eu achei muito importante que foi dito aqui. É fato, é fato que nos outros países, nós temos um investimento privado maior. Se você olhar só estatística, é assim: o investimento público é um percentual e o investimento privado é maior. Mas eu acho que foi mostrada uma tabela muito significativa. É o quanto do investimento pública resulta em incentivo ao investimento privado. Ou seja, como se fosse uma taxa, uma visão da produtividade do investimento público na geração de tecnologia. É isso que está sendo medido ali. E eu acho que o nosso é baixo. Se você olhar o volume, e isso é uma coisa preocupante, nós temos que entender por que. Nem tudo do nosso investimento em ciência e tecnologia vira inovação. De forma simples é isso. E eu acho que uma das questões pode estar ligada, óbvio que há recurso não reembolsável e o que é recurso reembolsável. No quesito recurso reembolsável, as condições do financiamento que são essenciais. Nós temos que garantir taxas de juros mais baixas, períodos de carência maiores, prazos de pagamento maiores e percentual de alavancagem de capital elevado. Eu tenho absoluta consciência de que isso é pré-condição para que haja inovação.

Em segundo lugar, eu quero falar da Emprapii. Eu acho que a Emprapii é um dos locais do casamento, viu Robson, é um dos locais do casamento entre o setor público e o setor privado. Acho a Embrapii, a gente tem de olhar a questão da Embrapa, que foi uma grande e muito bem sucedida iniciativa do nosso país, mas eu acho que a Embrapii, ela

terá uma outra característica, ela terá um diferencial. Ela precisa desta relação estreita entre empresa e órgãos do governo responsáveis pela inovação. Ela precisa da integração com os órgãos de pesquisa, os laboratórios. Ela precisa de uma relação muito mais, eu diria, híbrida do que foi a Embrapa.

Por isso, eu tenho certeza, essa Embrapa da indústria, que é a Embrapii, ela terá um papel fundamental. Ela vai ser um local de articulação das nossas relações. E isso eu acho que fará muita diferença, fará muita diferença para todos nós.

Eu queria, em terceiro lugar, destacar a importância de apoiar e valorizar as micros e pequenas empresas inovadoras. No Brasil, como em vários países, e em todas as reuniões internacionais dos últimos tempos – nos últimos dois anos que eu participei na Alemanha, em toda a Europa, enfim, em todos os países – uma das questões essenciais colocadas é justamente essa questão da valorização das pequenas e micro empresas. Eu acho que, principalmente, por conta das startups. Porque uma empresa pensa grande – como disse um amigo meu: tem de pensar grande, começar pequena e agir rápido. Uma startup é isso: pensa grande, é pequena no início e age rápido para crescer. E daí eu acho que é importante a política de incentivo para as micro e pequenas empresas. Ocorre que... eu acredito que nós teremos de integrá-la um pouco mais, torna-la mais unificada, mais focada. Faz parte do aprendizado.

Por último, antes de encerrar, eu queria dizer para os senhores que nós estamos aqui falando da indústria, mas quando nós lançarmos o Plano Safra da Agricultura Comercial, o governo vai se aprofundar na questão também da inovação, da pesquisa e da tecnologia e da inovação na área da agricultura, da pecuária e da agroindústria. Porque esse é um setor que nós temos um diferencial. Nós não podemos dormir em berço esplendido. Nós vamos ter de aperfeiçoar. Por isso nós lançaremos, junto com o Plano Safra, apesar de ter ali no programa do Inova Empresa, apesar de ter lá R\$ 3 bilhões para a agricultura, para pesquisa nessa área, a agricultura exige mais do que isso. E a área e o setor vão pensar essa questão específica da agricultura. Eu só falo isso porque, em um país como o nosso, nessa questão de inovação, esta área exige de nós, esta área exige do Brasil, para o seu próprio desenvolvimento, um esforço muito maior de inovação. E nós ainda temos algumas fronteiras que não estão ainda atingidas pela inovação nessa área. São pequenas, são poucas. Mas nós temos fronteiras e nós podemos avançar e melhorar a nossa performance.

Eu quero dizer para os senhores que o Brasil tem vários desafios pela frente – o Fernando Pimentel comparou a uma corrida de obstáculos, depois a um salto de vara. Eu acredito que nós temos criado instrumentos para enfrentar esses desafios. E eu acredito que isso ocorra sistemática e continuamente. A gente nunca encerra o enfrentamento de desafios. É uma corrida contínua. Mas eu não poderia deixar de encerrar sem dizer para os senhores que nós não vamos, nós não vamos construir uma nação desenvolvida sem educação, sem focar na educação, sem colocar dinheiro na educação.

Se falassem agora para mim, tem recurso suficiente na educação para fazer creches, alfabetização na idade certa e, sobretudo, para garantir educação de qualidade de tempo integral, aí não é o nosso ajuste, mas educação de tempo integral efetiva para todas as nossas crianças. E melhorar a qualidade do nosso ensino superior, da nossa pós-graduação, enfim, investir em educação, eu diria para os senhores que nós não temos os

recursos suficientes. E que nós temos de utilizar os recursos que nós iremos ter nessa questão. Por isso que eu enviei uma medida provisória para o Congresso, destinando todo o dinheiro dos royalties para a educação.

E nós, eu queria dizer para vocês, nós temos uma experiência. Educação não é só construir um prédio bonito. Até ontem eu fiquei emocionada, sobrevoando o semiárido alagoano, quando eu vi surgir, no meio do semiárido, brotar, uma extensão universitária da Universidade Federal no Alagoas que forma engenheiros, forma engenheiros lá no meio do Sertão. Mas não é só prédios. Educação é nós voltarmos a valorizar professor neste país. Nós temos de tratar professor com o merecido respeito. Eu não estou discutindo piso salarial, eu estou discutindo um salário realmente efetivo. Eu não posso dar valor à alfabetização na idade certa se eu não valorizar o professor alfabetizador. Nós não teremos educação de ensino integral de qualidade se eu não valorizar esse professor. Isso vale para o pesquisador e vale para o professor. Agora, implica necessariamente num padrão de profissionalismo e de meritocracia, voltado para o atendimento do estudante. Implica, também, em exigências, e exigências que significam a destinação do tempo de trabalho do professor para a educação. Eu acredito que essa aprovação dessa medida será muito importante. Nem o governo federal, nem os estados, nem os municípios podem enfrentar esse desafio sem esses recursos. Não conseguirão enfrentar. E a gente tem de escolher. Não é que nós não temos outras áreas que são importantes para a gente alocar esses recursos, nós temos, mas nós temos de escolher o que eu li num texto – achei até interessante – a nossa prioridade zero. E se tem uma contradição em termos, é falar que a nossa prioridade absoluta é educação.

Daí porque eu considero que essa parceria que nós fizemos com o “Sistema S”, com o Robson, o Pronatec. É uma das parcerias mais bem sucedidas. Nós descobrimos a forma de construir todas as condições para ter um ensino profissionalizante no Brasil. Nós, juntando as nossas escolas técnicas, os nossos IFETs, os institutos tecnológicos, toda a capacidade do Sistema S e ampliando essas capacidades. Nós damos uma resposta imediata à questão da formação profissional. Mas, mesmo aí, para a gente garantir um padrão de ensino profissionalizante e técnico, nós temos de pegar o que há de melhor no Senai, por exemplo, e estender para as escolas técnicas do nosso país, e para as escolas de ensino médio do nosso país. Mesmo aí nós precisamos de recursos. É dinheiro que nós temos a obrigação, nos próximos dez anos, de alocar – no mínimo, dez anos –, nós temos de alocar. Até porque eu acredito que nós vamos crescer com todas as medidas que tomamos em busca da competitividade em nosso país, em todos os gargalos, que nós tentamos superar e conseguimos. Eu gostaria de dizer que nós estamos comprometidos com a indústria no Brasil, nós estamos comprometidos com o aumento da taxa de investimento em nosso país. E estamos comprometidos também em abrir um processo de discussão em que nós temos que discutir nesses próximos 10 anos a gente quer chegar aonde.

Eu disse outro dia, em uma reunião aqui, que nós, em princípio, nós estamos fazendo essa discussão no governo, uma discussão “bom, até 2022 nós chegamos aonde?”, “qual é a taxa de investimento que nós queremos? 24, 25%?”, “queremos dobrar a renda per capita?”. Se queremos isso, temos que providenciar investimento. Se temos que providenciar investimento, temos que olhar a formação bruta de capital fixo e ver se ela, a

que padrão ela corresponde, abrir essa taxa, olhar se o nosso nível de investimento e equipamento é compatível com os padrões internacionais. Se o nosso investimento em construção é compatível com os padrões internacionais.

À primeira vista parece que até a compra de equipamentos é compatível, a taxa de investimento em construção civil pesada e não pesada não é compatível. É óbvio que isso de forma assim, intuitiva, nós falamos “tem que investir em infraestrutura, tem que investir em infraestrutura”. Nós temos que investir muito mais essa primeira parte: ferrovia, rodovia, porto, aeroporto, as três licitações de petróleo – concessão, partilha e gás não convencional – as licitações de energia elétrica, é uma parte do capítulo. Nós temos que dobrar esse nível de investimento. Para isso, também implica necessariamente no aumento dos investimentos do setor privado.

Inovar é inovar para aumentar a taxa de investimento do nosso país, assegurar que nós sejamos competitivos, e garantir que esse país seja uma nação desenvolvida de classe média. Por isso que ao mesmo tempo em que a gente faz tudo isso, nós temos também que tirar o povo da miséria. Temos que assegurar que o povo tenha saída. E saída não é só renda, saída – aí a gente volta no ciclo: educação, educação e educação. Criança e jovem só sai com educação. Formação profissional dá emprego. Emprego significa – que é uma das melhores coisas que nós estamos fazendo – é usando o Pronatec, uma parte do Pronatec, para tirar, para ser porta de saída do Bolsa Família.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de Medidas de Proteção ao Consumidor
Palácio do Planalto, 15 de março de 2013**

Eu queria cumprimentar o nosso vice-presidente Michel Temer,

Cumprimentar o senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Cumprimentar o deputado Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar o meu querido ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli,

Cumprimentar cada um dos ministros de estado aqui presentes, ao cumprimentar as senhoras e senhores ministros de Estado Gleisi Hoffmann, José Eduardo Cardoso.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores chefes de missões diplomáticas acreditadas junto ao meu governo,

Queria cumprimentar o senador Eunício Oliveira; o deputado Weliton Prado,

Cumprimentar as senhoras e os senhores ministros do Superior Tribunal de Justiça, senhora Juliana Pereira, secretária nacional do Consumidor, a quem eu cumprimento pela apresentação,

Cumprimentar as senhoras e os senhores presidentes das Agências Reguladoras,

Cumprimentar o senhor Murilo de Moraes Miranda, presidente da Associação Nacional do Ministério Público do Consumidor,

Cumprimentar a senhora Marta Maria de Brito Alves Freire, presidente do Conselho Nacional de Defensores Gerais,

Cumprimentar o senhor Vinícius Marques de Carvalho, presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica,

Cumprimentar o Conselheiro José Roberto Neves Amorim, do Conselho Nacional de Justiça,

Cumprimentar a conselheira Taís Schilling Ferraz, do Conselho Nacional do Ministério Público,

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Meus senhores e minhas senhoras,

Amigos e amigas,

Nós sabemos que a relação entre produtor e consumidor não é, por sua natureza, antagônica. Ao contrário, produtores, comerciante, consumidores têm papéis complementares, e, às vezes, simultâneos. São parceiros e atores decisivos nessa epopéia econômica e social que move o mundo.

Por isso, as medidas que estamos implantando hoje e que começam a configurar um novo marco regulatório das relações de consumo no Brasil, não são contra um ou outro, mas, sim, a favor de todos. Porque nós todos, de certa maneira, somos ao mesmo tempo produtores e consumidores – seja como indivíduos, seja como integrantes de classes ou de corporações, seja como agentes privados ou agentes públicos. O Estado, por exemplo, é um provedor de serviços. E em situações bem especiais e específicas é gerador de produtos. Mas o Estado também é consumidor, pois compra bens e serviços de terceiros.

Produtores, comerciantes e consumidores, nós todos estamos conectados através de laços visíveis e invisíveis. Para que esses laços visíveis e invisíveis se fortaleçam e a coesão nas relações de consumo sejam mantidas... seja mantida, é preciso equilíbrio, é preciso transparência, é preciso honestidade e senso de justiça. Os laços invisíveis são construídos de valores morais, e eles são decisivos na relação de consumo.

Junto com as relações econômicas e as relações sociais, junto com as trocas financeiras e comerciais, existe uma permanente troca de valores. É essa troca de valores que aumenta a qualidade dos produtos e das relações entre os vários agentes. Se não existem valores, tudo se enfraquece, tudo se corrompe e se desintegra. É a defesa de valores, portanto, que nos reúne aqui hoje e que dá substância e sentido ao nosso Plano Nacional de Consumo e Cidadania. Trata-se, portanto, de um plano que contempla as relações invisíveis, os valores que devem e têm de permear as relações de consumo.

Melhorar relações de consumo é um passo importante no fortalecimento das próprias relações sociais, e também na projeção da cidadania. Quando o Plano Nacional de Consumo e Cidadania, o Plandec, estiver plenamente implantado, o Brasil, da mesma forma que acontece com todos os países desenvolvidos, que têm planos similares, terá construído uma moderna política de Estado e terá feito uma afirmação da sua sociedade de forma civilizada e civilizatória. Com isso, todos nós e, sobretudo, a nação brasileira sairão ganhando.

Para mim, regular o equilíbrio é acima de tudo encontrar soluções. É diminuir conflitos em lugar de ampliar os conflitos. É negociar ao invés de confrontar é melhorar o ambiente de negócios, é melhorar e qualificar os nossos padrões de relacionamento, é afirmar valores, é aumentar ganhos econômicos, e ao mesmo tempo, o grau de satisfação e

respeito às pessoas. É essa filosofia que rege este Plano Nacional de Consumo e Cidadania.

Por isso, minhas amigas e meus amigos, como já é praxe nesse tipo de solenidade, aqueles que me precedem apresentam e detalham os conteúdos das medidas. O que me isenta da tarefa de esmiuçá-las. Foi o que fizeram, de forma brilhante, o nosso ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo e a nossa competente secretária da área de consumo e de defesa do consumidor, Juliana Pereira da Silva.

Por isso, eu gostaria, sobretudo, de enfatizar o objetivo do Plandec. E esse objetivo é transformar a proteção do consumidor, de fato, numa política de Estado. Para isso, nós estamos criando o Conselho Ministerial, que vai transformar a agenda da proteção do consumidor em uma agenda prioritária do Estado brasileiro.

Nós vamos acompanhar tudo bem de perto. Mas o sucesso de nosso trabalho será garantido, mesmo, pelas instâncias técnicas que vão trabalhar de forma integrada para a solução do problema e dos problemas dos consumidores. Como igualmente é muito importante – para não dizer que é estratégica – a ação harmônica conjunta dos três poderes da República, o Judiciário e o Legislativo que estarão presentes, eu tenho certeza, no processo e nas ações de concretização do Plandec. O braço executivo do Conselho Ministerial, como já foi explicado pela Juliana, será o observatório nacional das relações de consumo, com as suas três câmaras técnicas: a de Consumo e Regulação, a de Consumo e Turismo e a de Consumo e Pós-Venda. Todas são importantes, mas eu gostaria de destacar alguns aspectos da Câmara de Pós-Venda, pois ela vai tratar de algumas das questões mais críticas do consumidor brasileiro. Até porque o país tem passado nos últimos anos por um grande processo de expansão do seu consumo, de desenvolvimento da sua atividade, de melhoria das desigualdades sociais e regionais de consumo, o que é muito importante. Nós sabemos que há uma escassez de assistência técnica no Brasil, distribuída de forma desigual territorialmente. Há mais serviços de assistência técnica concentrado nos maiores centros do Sul e do Sudeste, mesmo no Sul e em algumas praças do Sudeste também esses serviços não são também muito espalhados. Mas, sobretudo, no Nordeste, no Norte e no Centro Oeste, essa é uma carência sensível, palpável e que compromete a qualidade do consumo daquelas populações. Isso, é de fato, um problema típico, é um problema do crescimento, típicos de um país de dimensões continentais e típicos da nossa expansão econômica atual. Traz, muitas vezes, grandes dificuldades para o consumidor que, - para solucionar problemas básicos ou de mau funcionamento, ou de incompreensão, ou de algum conflito dentro das relações de consumo -, tem problemas bastante, eu diria, significativos e que atingem essa sua condição de consumidor de uma forma que até, em alguns casos, a anula.

É imprescindível, portanto, que o Brasil tenha uma rede regionalizada de assistência técnica. Esse é um passo essencial para o nosso desenvolvimento, pois além de assegurar direitos ao consumidor, vai gerar também – é só a gente dimensionar isso – vai gerar oportunidades significativas para as empresas e para os trabalhadores do nosso país. Portanto, é algo importantíssimo e que vai melhorar significativamente até a expansão das vendas, vai melhorar também a qualidade da relação entre consumidores, empresários e produtores.

Nós todos precisamos disso, sem exceção. E assim, sem leniência ou comodismos, de qualquer tipo ou natureza, nós devemos criar – o governo fazendo seu papel – todas as condições para que essa rede se estruture, para que essa rede se forme. É algo importante para nós e é algo que mostra que o Brasil vem dando passos significativos, ao construir um mercado de massas, de consumo de massas, pelo menos se nós olharmos para o passado, que hoje conseguiu se aproximar da abrangência dos quase 190 milhões de brasileiros. Isso significa um grande desafio, que é massificar o pós-venda, assegurar assistência técnica de qualidade espalhada por todo o Brasil.

Nessa ação, que serão instrumentos fundamentais à nova lei de fortalecimento dos Procons, o decreto de comércio eletrônico e a regulamentação do Código de Defesa do Consumidor sobre produtos essenciais, cujos efeitos precisam ser sentidos no prazo mais curto possível.

Eu solicitei ao conselho ministerial do Plandec que me apresente, em 30 dias, a lista daqueles produtos essenciais para o consumidor brasileiro, cujo problema deverá ser solucionado na hora que o usuário notificar o defeito. Antes de assinarmos o decreto nós vamos discuti-lo de forma ampla, democrática e transparente com a indústria e o comércio. Temos certeza que nós vamos encontrar meios e formatos adequados, vamos ter um período de transição. Como, aliás, nós já temos feito, aliás, como nós vemos ser feito em todos os países desenvolvidos. Eu tenho certeza, igualmente, que contaremos com o apoio e a agilidade do Legislativo para aprovarmos a Lei de Fortalecimento dos Procons. Quero assinalar que, tanto o presidente do Senado, quanto o presidente da Câmara, mostraram uma disposição de facilitar totalmente a aprovação, obviamente com as sugestões cabíveis e com as necessárias e devidas participação de todo o Legislativo na formatação dessa Lei de Fortalecimento dos Procons. Na verdade, o maior efeito dessa lei, entre outros, tem vários, mas o maior é transformar em título executivo acordos que os Procons realizam. Isso vai agilizar decisões, vai eliminar custos judiciais desnecessários e longas e demoradas demandas.

Num momento em que a grande maioria dos brasileiros tem acesso à internet – e nós sabemos que essa é uma questão essencial para o próprio desenvolvimento do país, o acesso à internet, o governo está empenhado na expansão da rede de banda larga do país – nós sabemos que o comércio eletrônico será de grande importância. Por isso, é necessário, também, estabelecer mais transparência, qualificar e ampliar os direitos do consumidor e, sobretudo, fortalecer esse comércio porque ele é uma parte importantíssima das relações de comércio do futuro.

Meus queridos amigos e amigas aqui presentes,

Senhoras e senhores,

A decisão política de melhorar as relações de consumo, ela é típica do nosso país nessa fase. É um momento em que o país cresce, se desenvolve, se moderniza e você não pode deixar para trás essa que é uma questão essencial para o bem-estar das pessoas. É inadmissível, num país como o nosso, que haja um cidadão que não seja consumidor, e é inadmissível que esse cidadão não tenha a proteção na sua relação de consumo. De um país que renova e fortalece suas instituições, nós devemos exigir essa proteção. E, também, um país que faz um movimento vigoroso no sentido da ascensão social, um país que retirou 22 milhões de brasileiros e brasileiras nos últimos 2 anos, e 40 milhões –

que retirou da pobreza extrema, não é? esses 22 milhões de brasileiros e brasileiras – e elevou 40 milhões à condição de classe média, um país que tem, pela primeira vez, a maioria da sua população na condição de classe média, tem de focar no consumidor e dar a ele a prioridade que ele deve ter na constituição tanto das relações econômicas quanto das relações sociais e também nas relações culturais.

O nosso país desenvolveu e opera uma tecnologia moderna de inclusão social através de vários programas, cito o Bolsa Família, o Brasil Carinhoso, do programa Brasil sem Miséria. Esse processo amplia o acesso dos brasileiros ao consumo. Esses brasileiros, quando ascendem à melhoria de renda, têm a característica básica que todos nós temos: nós queremos mais. Então aquele que, pelo Luz para Todos, chegou atrasado no século XXI quer chegar adiantado no século XXI, tendo acesso à banda larga, ao telefone celular, quer a democratização das relações de crédito, o que é fundamental pra inclusão das pessoas, quer ter acesso à saúde de qualidade.

Em suma, o Plandec tem a cara desse novo Brasil que surgiu. Um país, como eu disse, de classe média, um país com pleno emprego, com ascensão social, com crescimento, distribuição de renda. E que acolhe essa nova classe média reconhecendo, que ela deve, ela terá cada vez mais direitos, e ela será cada vez mais consciente para exigir esses direitos. O Plandec chega na hora certa. Com a inclusão social nós fizemos nascer novos consumidores, é nossa obrigação defendê-los e, assim, ampliarmos e estimularmos, ainda mais, o desenvolvimento do país.

Para concluir eu quero ressaltar um aspecto pouco falado até agora, mas que eu quero dizer para vocês que eu terei todo o compromisso com os consumidores de estar atenta para eles, todos os ministros também terão, todos os funcionários do governo também terão, porque esse é um objetivo permanente do Estado brasileiro: proteger o cidadão, defender o consumidor. E isso não diz respeito pura e simplesmente à relação entre o setor privado e o consumidor. É também uma exigência do Estado, uma exigência que o Estado atenda e o governo federal o faça. Sem dúvida atenda com melhor qualidade o cidadão. O Estado tem que ser o melhor provedor de serviços e precisa ser cobrado, dentro e fora do governo, para que assim o faça.

Precisa oferecer, cada vez mais, melhor saúde, melhor educação, melhor segurança, melhor infraestrutura para todos os brasileiros sem exceção. Por isso, o Plandec também é um plano de defesa do consumidor em relação ao governo. Precisa também por isso, oferecer melhor fiscalização e qualidade dos serviços regulados. Para isso, é necessário e é fundamental o fortalecimento das nossas agências reguladoras, que devem atuar de forma técnica, de forma sempre que possível preventiva, para assegurar níveis de qualidade para os serviços que regulam, para – e aí não só as agências, mas todos os órgãos do governo –, para cumprir prazos. Respeito ao consumidor é também prazo e meta clara. Não é possível que o serviço público brasileiro não tenha compromisso com prazo.

Eu insisto muito nisso porque acho que esse é o primeiro passo, não é o último, mas é, sem sombra de dúvida, o primeiro passo. Quero assegurar aos senhores que nós estamos firmes neste caminho. Nós queremos ampliar cada vez mais o acesso ao consumo de produtos e de serviços públicos de qualidade, e nós temos que ter uma visão autocrítica de nós mesmos, e isso inclui a Secretaria Nacional do Consumidor.

Todos nós temos que ter respeito pela relação de serviço público que o Estado brasileiro deve ter com a sua população.

Queremos ampliar cada vez mais o acesso ao consumo de produtos e de serviços públicos de qualidade. Pois agora, como disse esse resumo da nossa proposta, quando obtiver mais direito ao consumo, é uma forma de dizer: quanto mais incluimos, quanto mais damos direito ao consumo, precisamos consumir com mais direitos. Eu acho que sintetiza bem o espírito do Plandec.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado
Palácio do Planalto, 16 de março de 2013**

Bom dia a todos.

Eu queria cumprimentar o nosso vice-presidente da República, Michel Temer,

O presidente do Senado, Renan Calheiros,

O presidente da Câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves,

Cumprimentar os senhores ministros empossados, Antônio Andrade, Manoel Dias, Wellington Moreira Franco.

Cumprimentar os senhores ministros que deram a sua contribuição e que hoje nos abandonam: meu querido ministro Mendes Ribeiro Filho; meu querido ministro Wagner Bittencourt; e meu querido ministro e também para mim é, de fato, como eu vou falar no meu discurso, um amigo. Brizola Neto.

Queria também cumprimentar os ministros aqui presentes, cumprimentando a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann.

Queria cumprimentar os ministros, aliás, queria cumprimentar os familiares dos ministros empossados,

Queria cumprimentar também os familiares dos ministros que nos deixam,

Cumprimentar o senador Eunício Oliveira, líder do PMDB no Senado,

Cumprimentar também o senador Romero Jucá,

Cumprimentar nosso querido vice-governador Pezão, do Rio de Janeiro,

Cumprimentar os deputados federais Eduardo Cunha, líder do PMDB na Câmara, Gabriel Guimarães, Luis Carlos Heinze, Marcos Rogério, Mário Heringer e Roberto de Lucena.

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria dizer para vocês que o exercício do poder, eu acredito que em qualquer ente federado, União, estado e município, é uma fonte de aprendizado também. E eu, como ministra do presidente, nesses dez anos, do presidente Lula e agora, como, nos últimos dois anos, como presidenta da República, a gente aprende sobre o valor que é necessário para que se tenha firmeza nas decisões, e para que se tenha clareza das prioridades.

Governar, necessariamente, é escolher entre várias alternativas e, por isso, eu aprendi muito, ao longo desse período, sobre o valor da lealdade entre aqueles que desenvolvem com a gente a tarefa de governar, o valor simultâneo da paciência e da urgência, para cumprir prazos e metas e da sensatez na escolha dos caminhos.

Eu, e todos nós, quando chegamos no governo federal, aprendemos muito sobre a diversidade, compreender e respeitar a diversidade de um país continental. Você não governa uma região, você governa para todo o Brasil. E aprendi também que este é um país que é desigual, tanto regional como territorialmente e, por isso, as políticas geralmente têm de levar em conta esse fato. E, ao mesmo tempo, temos de fortalecer, nessa diversidade, as forças que sustentam um governo de coalizão.

Muitas vezes, algumas pessoas acreditam que a coalizão é algo, do ponto de vista político, incorreto. Eu queria fazer uma reflexão com os senhores: nós estamos assistindo, em alguns lugares do mundo, processos de deterioração da governabilidade, justamente pela incapacidade de construir coalizões estáveis. Nós vemos isso na Itália, esse país no qual eu me dirijo amanhã. Nós vemos isso também nos conflitos sobre a questão fiscal nos Estados Unidos. Então, a capacidade de estruturar coalizões, ela é crucial para um país, principalmente para um país com essa diversidade, com 26 estados e um Distrito Federal, com essa dimensão territorial.

Eu aprendi que numa coalizão você tem de valorizar as pessoas que contigo estão, esses parceiros da luta, que são companheiros que acompanham a gente numa jornada diuturna e que, portanto, têm de estar com a gente nos bons e nos maus momentos, e nós com eles. Eu posso afirmar, nesta solenidade, que eu acho que o Brasil avançou muito nesse caminho da compreensão da coalizão. Não acredito que seja possível este país ser dirigido sem essa visão de compartilhamento e de coalizão.

E eu agradeço ter tido pessoas que estão aqui nessa solenidade, que compartilharam esse processo comigo, e que agora se separam de nós, aqui do governo, mas não separam do projeto nem da trajetória de luta. São pessoas que deram o melhor de suas capacidades para fazer o governo funcionar bem. E, muitas vezes, abriram mão de interesses pessoais e até de interesses políticos em defesa dos direitos dos brasileiros e pela concretização de suas esperanças pela concretização de um projeto no qual acreditam de forma substantiva. Pessoas das quais eu recebi apoio, engajamento e lealdade. Eu me refiro a amigos antigos e amigos que eu fiz nessa caminhada: o Wagner Bittencourt, o Brizola Neto e o Mendes Ribeiro.

Eu agradeço a dedicação e o trabalho competente do Wagner Bittencourt, que assumiu pesadas responsabilidades num setor importantíssimo para o desenvolvimento do país e ele se saiu muito bem nessas suas atribuições. O Wagner vem do BNDES e volta para a vice-presidência do BNDES, local que ele tinha abandonado – cargo que ele tinha abandonado – para nos ajudar a estruturar a Secretaria de Aviação Civil. E eu quero aqui reconhecer de público que ele se conduziu com competência, com espírito público e com dedicação à frente da Secretaria de Aviação Civil. Ele nos ajudou e esse é um processo importante porque a Secretaria de Aviação Civil não existia, ela estava lá dentro do Ministério da Defesa. E enquanto estive no Ministério da Defesa, a questão da aviação civil, na medida em que o país passava por uma transformação, nunca teve a atenção necessária. Esse foi um processo que nós iniciamos porque julgamos o seguinte: é um setor tão estratégico para o país que merece uma secretaria especial. Uma secretaria especial para qualificar os nossos aeroportos – é óbvio que é para a Copa e para as Olimpíadas, mas não é para a Copa e as Olimpíadas fundamentalmente, é pelo fato que milhões de brasileiros começaram a viajar, a ter acesso a passagens de avião. E não só

a viajar para o Brasil inteiro, mas também para o exterior. É também pelo fato de que esse é um país continental e que tem de ter aviação regional e, para isso, é necessária toda uma política específica, é necessário recuperar os nossos aeroportos. Nós temos mais de três mil aeroportos e escolhemos, junto com os governadores, recuperar em torno de 280 ou 290, eu não estou com o número claro agora. Mas, então, eu agradeço o Wagner porque ele nos ajudou num momento muito difícil, agora nós temos uma Secretaria estruturada, nosso processo está caminhando. Agradeço, então, a esse técnico do BNDES, a contribuição que ele deu.

Eu faço questão também de mostrar o meu carinho, o meu respeito e a minha gratidão pelo Brizola Neto, que foi um grande parceiro do meu governo, tanto durante a campanha eleitoral quanto, sobretudo, agora à frente do Ministério do Trabalho. Eu tenho certeza que, por ora, o Brizola Neto deixa o governo, mas eu continuo, e tenho certeza disso, contando com ele e posso afirmar que o Brizola Neto vai sempre contar comigo. Eu tenho muito orgulho de ter tido o Brizolinha no meu governo na medida das minhas relações ao longo da minha história pessoal e política com o PDT e, especificamente, com o Brizola.

Com o Mendes Ribeiro, a minha ligação, além de política, tem fortes bases afetivas. A sua colaboração comigo no governo só fez crescer o respeito que eu tenho por ele. Fruto da competência, da capacidade de articulação do Mendezinho. Fruto também do fato de que o Mendezinho é uma pessoa de uma grande lealdade política e pessoal. Ao Mendes eu vou dizer, com muito carinho: obrigada pelo seu trabalho. E, Mendes, resista às dificuldades, porque nós e o Brasil precisamos de você. Eu espero... Eu tenho te falado, Mendes, eu espero que você pare de andar pra baixo e pra cima. E espero, também, que você cuide da sua recuperação, porque eu quero, mais uma vez, contar contigo. Agora você, Mendes, tem o direito, mas, sobretudo, tem o dever de pensar na sua saúde porque nós todos precisamos de você. Para de andar pra baixo e pra cima.

Àqueles que agora assumem as novas funções, eu gostaria também de enfatizar as suas contribuições. Do Moreira Franco não é necessário falar, ele está no ministério e agora vai continuar aqui, agora em função diferente, na qual eu confio que ele vai confirmar sua eficiência. A enorme capacidade do Moreira e o discernimento também de se cercar de pessoas da mais alta qualidade. Essa é uma característica importante, porque o Moreira qualifica o seu ministério. Espero, também, que o Moreira não pense que era feliz e não sabia. Eu tenho certeza que ele vai desempenhar à frente da Secretaria de Aviação Civil a mesma competência que ele teve na Secretaria de Assuntos Estratégicos, que ele dirigiu o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e que ele qualificou o IPEA, inclusive colocando à frente do IPEA um técnico da qualidade do atual presidente.

Eu queria, também, dar as boas-vindas para o Antônio Eustáquio Andrade Ferreira, o Toninho Andrade, que assume o Ministro da Agricultura agora. E também ao Manoel Dias, meu querido companheiro Manoel Dias, que a gente chamava de Maneca.

O Toninho Andrade tem um grande trabalho pela frente. E, como ele é um homem público experimentado, que participou e ajudou, como líder, a administração do governador Itamar Franco, em Minas Gerais, e também, nos últimos anos, teve imensa correção à frente da Comissão de Agricultura e, agora, na de Tributos, eu tenho certeza que o Antônio Andrade estará à altura desse Ministério que tem, no Plano Safra, um grande desafio. Um Plano Safra que será, seguramente, bem maior do que foi esse último que

chegou, se eu não me engano a R\$ 101 bilhões. E também na articulação de toda uma política de incentivos para a pesquisa e a inovação na área agrícola, para a constituição de uma agência de assistência técnica e, também, para toda uma política de armazenagem no nosso país. Vejam vocês que o Antônio tem grandes desafios pela frente.

O Manoel Dias, nós fizemos uma conta, eu conheço há mais de 30 anos. E, por isso, eu sei da capacidade, da qualidade política e do efetivo comprometimento do Manoel com os destinos da nossa nação e de nosso povo. Sei também do decisivo comprometimento do Manoel Dias com as questões nacionais de nosso país, com uma visão de um país soberano, um país democrático e, sobretudo, do seu comprometimento com os direitos dos trabalhadores.

A partir de hoje, todos vocês se tornam responsáveis por setores de relevância estratégica para o meu governo. Chegam apoiados em histórias pessoais e biografias políticas da mais alta qualidade e tendo prestado serviços ao nosso país. Nós já iniciamos o processo, eu estou na metade do governo. E precisamos conduzir a bom termo esse processo que se pauta por transformar, cada vez mais, os ministérios do nosso país em ministérios profissionais e meritocráticos. Nós sabemos da importância da modernização dos grandes aeroportos, por meio de parcerias com a iniciativa privada. Nós vamos interiorizar os aeroportos. Nós temos grandes compromissos e profundos compromissos com a agricultura comercial do nosso país, com a agropecuária do nosso país, nós sabemos o quanto a agropecuária é fundamental e, por isso, precisa do apoio, precisa do incentivo e precisa de todas as linhas de financiamento que o governo é capaz de dar. Isso para garantir não só as nossas exportações mas também a produção e a qualidade da alimentação do nosso povo.

O nosso governo tem um pacto sólido com os trabalhadores. E, por isso, os trabalhadores brasileiros são a base da sustentação e principal motivação de um modelo de desenvolvimento com inclusão social, distribuição de renda, criação de postos de trabalho e de formalização do trabalho no Brasil. O Ministério do Trabalho cada vez mais tem de se modernizar para atender todos esses desafios.

Como vocês podem perceber, são grandes esses desafios que nós todos vamos enfrentar juntos, agora. Nós só podemos vencê-los juntos, nenhum ministro, num governo, ele é uma entidade isolada.

Eu desejo, portanto, a todos os ministros, conclamo a todos e aos novos ministros que entram, muito sucesso. E faço um convite a todos eles, é um convite ao trabalho, sempre um convite ao trabalho. E eu tenho certeza que os brasileiros e as brasileiras esperam muito de nós e, por isso, o convite ao trabalho. Nós temos responsabilidade e obrigação de continuar transformando o sonho de um Brasil mais justo e mais desenvolvido em realidade. É essa a nossa tarefa e a nossa missão.

Eu quero dizer a todos os ministros que saem: muito obrigada, e eu tenho certeza que vocês podem contar com o governo e o governo pode contar com vocês. E também aos ministros que entram, eu desejo, além de muito trabalho, muito boa sorte.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega do trecho Floresta-Serra Talhada do Sistema Adutor Pajeú e de 22 máquinas retroescavadeiras a municípios do estado de Pernambuco Serra Talhada-PE, 25 de março de 2013

Eu queria desejar primeiro, boa tarde, um boa tarde muito emocionado, muito amoroso a todos os homens e mulheres aqui de Pernambuco, a homens e mulheres desse nosso Brasil.

Querida cumprimentar um grande parceiro, um parceiro extremamente respeitado pelo meu governo - e, eu acompanhei de perto pelo governo do presidente Lula - nosso governador de Pernambuco, Eduardo Campos.

Eu queria dirigir um cumprimento especial a ela, - que nós te amamos - tomando emprestado do Eduardo, de dona Renata. Todos nós chamamos de dona Renata. Esse "dona" é extremamente carinhoso. A dona Renata, ela é um exemplo de mulher nordestina comprometida com uma das questões principais do nosso país, que é a questão das crianças. Eu reconheço, aqui de público, a contribuição que a Renata deu no meu governo para a questão das creches. Muita coisa aprendemos com a Renata.

Querida cumprimentar também o nosso querido prefeito de Serra Talhada, o Luciano Duque. E cumprimentar a senhora Karina Duque. Luciano, eu agradeço a você e ao Eduardo por essa recepção tão calorosa.

Querida cumprimentar os ministros que me acompanham: o Fernando Bezerra, da Integração Nacional, esse ministro apaixonado pelo Nordeste, por Pernambuco. Querida cumprimentar a ministra Miriam Belchior, do Planejamento; o Pepe, do Desenvolvimento Agrário; o ministro José Elito, do Gabinete de Segurança; e Helena Chagas, da Comunicação.

Cumprimentar o vice-governador, João Lira Neto.

Cumprimentar os senadores Armando Monteiro, Humberto Costa.

Cumprimentar os deputados federais: Fernando Bezerra Coelho Filho, Fernando Ferro, Gonzaga Patriota, Inocêncio Oliveira, João Paulo, Pedro Eugênio.

Querida cumprimentar todos. Primeiro, todas as prefeitas e todos os prefeitos de Pernambuco, e dizer a eles que essa parceria com os prefeitos é uma parceria essencial para o meu governo. Sem os prefeitos nós não fazemos as políticas sociais tão necessárias para o nosso povo.

Querida cumprimentar o prefeito José Patriota, presidente da Associação dos Municípios de Pernambuco.

Querida cumprimentar a vice-prefeita de Serra Talhada, Tatiana Duarte; o vereador José Raimundo Filho, presidente a Câmara Municipal de Serra Talhada; o Doriel Barros, presidente estadual da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco, FETAP; a senhora Neilda Pereira, coordenadora da Articulação do Semi-Árido na região.

Cumprimentar o Carlos Vera, presidente da CUT; a Cida, do MST - coordenadora da região do Pajeú, do MST. E queria dizer a eles que eu vou encaminhar essa sugestão

que eles me fizeram, não só para os meus ministros, mas também nessa reunião do dia 02, lá no Ceará, com todos os governadores sobre a questão da seca.

Cumprimentar os moradores da área rural e urbana de Serra Talhada e dos municípios aqui da região presentes neste evento.

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Mas, sobretudo, eu queria cumprimentar cada um de vocês, cumprimentar com um beijo no coração, as minhas companheiras mulheres. Eu me orgulho muito, que num país como o Brasil, ser a primeira mulher presidenta. E quando eu assumi o governo, eu disse que ia honrar as mulheres porque, para nós mulheres, é um momento muito importante. Uma mulher presidenta é, como dizia o presidente Lula: “um metalúrgico na Presidência, ele não pode falhar, uma mulher também não.” Porque aí vão dizer: “olha, lá, ela falhou porque é mulher”. Então, eu cumprimento as mulheres, porque elas sabem disso. Sabem que conosco o desafio é duplo. Sempre é duplo.

Agora, eu queria dizer também para meus companheiros e para as minhas companheiras aqui presentes: estar no Nordeste, eu posso dizer para vocês, nos últimos tempos eu tenho viajado por quase todos os estados do Nordeste, e estar no Nordeste sempre me emociona porque o Nordeste, no Brasil, é o início do Brasil e também eu acho que é a solução do Brasil. É o início, porque foi aqui que nós começamos como civilização depois dos índios, lá na Bahia. Aqui em Pernambuco, onde se estruturou uma parte da nossa vida política, da nossa vida tanto na fase da Colônia como no Império, mas também na República. E, estar no Nordeste é especial ao estar aqui em Pernambuco. Eu olho no rosto de cada um de vocês, nos sorrisos, nesse jeito que eu não acho que é seco, viu, Eduardo, eu acho que é caloroso, é suave. Esse jeito de falar de vocês que envolve a gente. Mas eu olho em cada um de vocês e eu vejo em cada um dos rostos, o rosto de um pernambucano gigante, um pernambucano especial que deu para o Brasil uma grande contribuição, que é o companheiro presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva. Eu aprendi a olhar muito do Nordeste, lendo alguns livros, assistindo Vidas Secas, percebendo a tortura da seca. Mas eu aprendi mesmo, mesmo a amar o Nordeste, a perceber que o meu país não seria um país integral enquanto o Nordeste não fosse uma parte plena, desenvolvida e com todos os direitos das outras regiões. Com o Lula, que de fato sempre amou o Nordeste, em especial Pernambuco, a sua Garanhuns e lá para mim sempre disse: quando eu nasci, não existia a separação entre Garanhuns e Caetés, não tinha. Então, eu quero dizer que ele amava aquela região que ele nasceu. E com ele eu aprendi a olhar o Nordeste também pelo fato que o Nordeste deu grandes contribuições ao nosso país. Nós podemos lembrar de várias contribuições: Frei Caneca, Joaquim Nabuco, Francisco Julião, Paulo Freire, Mário Schemberg, enfim, podemos lembrar de várias pessoas. Mas eu tenho de lembrar que essa terra fez nascer um cearense-pernambucano politicamente, que é Miguel Arraes. E tenho sempre, e lembro sempre do imenso carinho com que ele me tratou, além do imenso carinho, um grande e imenso respeito que todos os brasileiros que se dedicaram à transformação do país devem a Miguel Arraes.

E esta terra para mim também tem um aspecto muito especial: aqui nasceu um gênio criativo chamado Ariano Suassuna. Nasceu na Paraíba, mas sempre me disse que era pernambucano por opção e por engajamento ele era nordestino. Agora pela sua

grandeza universal ele é brasileiro. E eu tenho um grande respeito e uma grande admiração por Ariano Suassuna, que se eu não me engano é tio da nossa dona Renata. Eu estou fazendo aqui em Pernambuco hoje a mesma coisa que o Lula sempre fez quando eu o acompanhava o Lula nessas viagens. Ele vinha, conversava com o Eduardo, que trazia, porque tinha a determinação e o compromisso de fazer, trazia sempre uma obra e um benefício. Trazia obras e benefícios. Trazia o seu compromisso com o que eu vou chamar, com a pátria nordestina dele, mas eu vou chamar, sobretudo, com o Brasil. Porque desenvolver o Nordeste é algo que o Lula percebeu sempre, era desenvolver o Brasil. Tanto como acabar com a pobreza é uma obra crucial para formar nossa nacionalidade, acabar com a perversa distribuição de renda regional é uma obra de constituição da nossa nação. É uma imposição que aqueles que tem compromisso em garantir que nós sejamos mais que um grande país, nós sejamos uma grande nação devem a todos os nortistas, nordestinos e todos aqueles que foram durante séculos marginalizados e excluídos de forma deliberada por vários governos que me antecederam.

Vocês sabem muito melhor do que eu que, durante muito tempo, negaram ao povo pernambucano o que ele merecia. Eu acredito que isso veio acabando. Acho que várias iniciativas, como o governo do Miguel Arraes, mudaram esse padrão de exclusão de Pernambuco, do Nordeste, das questões brasileiras. Mas acredito que quando o Lula chegou à Presidência da República um novo ciclo de desenvolvimento se instalou no Brasil. Um novo ciclo que contempla todo o povo brasileiro. Que torna o povo brasileiro o centro da preocupação do governo. e que torna a necessidade de um reequilíbrio nas relações entre as regiões do país com a imposição do desenvolvimento.

O Lula era uma criança que, possivelmente, estaria condenada a não sobreviver, a não ter uma vida plena. E, como muitos nordestinos, era essa a condenação que pesava sobre ele. Mas ele superou isso. Ele é um caso que mostra perfeitamente a imensa capacidade e determinação do homem e da mulher nordestinos no sentido de sobreviver, viver e mudar sua vida.

Por isso, eu acredito que ele teve um papel fundamental no Brasil. Ele teve um papel fundamental no Brasil porque ele jamais esqueceu de onde ele veio. E nós não só não podemos esquecer de onde viemos, como não podemos nos esquecer dos compromissos políticos que ao longo de nossas vidas nós lutamos por eles, nós constituímos todo um processo de luta e de mudança. E essa mudança não é uma mudança que está nas estatísticas, que está lá nos números. Não é. Essa mudança que começa em 2003, podem ter certeza, ela só é real porque é uma mudança na vida da pessoa, lá dentro da casa da pessoa. É essa mudança que eu me refiro, aquela que significa que no Brasil as pessoas hoje não têm certeza que o Brasil não tem aquela cara feia que tinha da miséria, aquela cara feia da exclusão, aquela cara feia da desigualdade. O Brasil hoje tem outra cara. É a cara que nós vemos quando a gente olha na rua e olha aqui: é a cara da mãe, que conseguiu tirar seus filhos da pobreza extrema, com o Bolsa Família, com a valorização do salário mínimo. É a cara da mãe que vai colocar o seu filho em uma escola de tempo integral, que vai colocar sua filha na creche. É a cara do pai, que pela primeira vez tem acesso à casa própria. É a cara e os rostos de 19 milhões de trabalhadores com carteira assinada, com carteira assinada. É a cara do estudante que

jamais poderia entrar em uma escola privada, e agora pode, através do Prouni. É a cara que o Brasil tem quando a gente olha os brasileiros no mundo, é a cara do respeito e da autoestima, a cara de um Brasil que inspira cada um dos seus filhos, porque nós só somos respeitados lá fora porque nós mudamos aqui as condições, e provamos que era possível mudar.

Eu sei que estou aqui hoje inaugurando uma obra. E inaugurar uma obra que melhora a vida das pessoas e começa melhorando já no início, quando contrata trabalhadores – e aqui eu quero homenagear todos os trabalhadores, que com as suas forças e com a sua mão, fizeram essa obra magnífica. Nós sabemos que entregar uma obra é um prazer quando ela é uma conquista. Eu sempre escuto do Fernando Bezerra a seguinte frase: “Presidenta, essa obra está prevista há dez anos”. Às vezes ele diz pra mim há cinquenta anos e eu acho que uma obra como essa não podia estar prevista há dez anos. Nós hoje só temos ainda dificuldade em relação à seca porque isso que nós estamos fazendo, hoje, tinha de ser feito há um século atrás. É isso, é por isso. Por isso eu fico muito feliz de estar entregando esse primeiro trecho do sistema Pajeú.

Nós vamos garantir aqui um direito dos mais sagrados: a água. E a água, para nós... e eu acho que, de fato, uma questão que o governador falou e ele tem toda razão: não só nós quebramos o clientelismo da água, mas nós quebramos também o clientelismo com o Bolsa Família. Quando nós... nós acabamos com o clientelismo quando criamos o cartão, acabamos com o intermediário, acabamos com alguns clientelismo no Minha Casa, Minha Vida. Todo mundo que tem... todo brasileiro tem direito ao Minha Casa, Minha Vida. Nenhum órgão tem poder de falar: olha, eu estou te dando a casa. A casa é um direito de cidadania, assim como a água é um direito de cidadania. E a água que faz brotar vida – e nós somos quase todos água –, essa água tem de ser considerada uma das questões estratégicas do Brasil.

Por isso, essa obra não vai terminar aqui. A ministra Miriam disse: “essa obra de Serra Talhada vai chegar a Afogados da Ingazeira, e de Afogados da Ingazeira ela vai a Taperoá, lá na Paraíba, passando por todas as cidades desse trecho. Nós vamos fazer Entremontes, nós vamos assegurar que aqui tenha segurança hídrica construindo também todo sistema do Agreste, o Canal do Agreste, a Adutora do Agreste. Nós iremos investir aqui de forma substantiva, porque um país como nós não pode ter esse tipo de relação com a seca que nós tivemos até hoje. Nós estamos há dez anos no governo, nós tivemos parcerias estratégicas como essa aqui em Pernambuco e várias outras em outros estados. Nós temos obrigação de construir no Brasil, uma garantia de água que permita que a seca seja um evento da natureza, mas não provoque, não mude e não diminua o ritmo das conquistas do povo brasileiro e do povo nordestino. Por isso, aqui, no Nordeste, nós estamos investimento em torno de R\$ 32 bilhões em adutoras, barragens, canais, estações de tratamento, redes de abastecimento de água, programa água para todos.

Nós, e eu faço questão também de lembrar que no próximo ano a interligação da bacia do São Francisco vai chegar ao reservatório de Jati, na divisa do Pernambuco com o Ceará. E isso vai significar que nós estamos cercando, cercando, criando uma barreira contra a seca, através dessas adutoras, dessas barragens e de todo um processo de

construção como é esse que o governo do Estado vem fazendo com o governo federal nos últimos anos.

Nós sabemos que estamos enfrentando a maior seca dos últimos 50 anos. Em alguns lugares é a maior seca dos últimos 100 anos. Esse é um dado científico, é um dado comprovado. Há um ano nós viemos atuando juntos: os governadores e o governo federal, e as prefeituras. Nós mudamos a questão da operação carro-pipa no governo federal. Quem faz a operação carro-pipa no governo federal é o Exército Brasileiro e é o Exército Brasileiro que está hoje com quase cinco mil carros-pipa, distribuindo água complementarmente ao que fazem os estados que também têm carros-pipa, mas também não nessa proporção. E o Exército vai continuar e vai aumentar a operação carro-pipa.

Aqui nós temos 826 carros-pipa e também vamos continuar instalando cisternas, vamos continuar instalando cisternas, passando recursos para o governo estadual fazer barreiros e fazer poços. Nós vamos continuar também pagando o seguro garantia-safra de R\$ 140 e o bolsa-estiagem de R\$ 80. Agora, no dia 02, ele será prorrogado até julho, mas enquanto durar a seca nós iremos pagar seguro garantia-safra e bolsa estiagem.

Nós vamos continuar vendendo milho. Só que agora de uma forma também mais aperfeiçoada, vamos acertar essa venda com os governadores. O governo federal compra milho e vende para o agricultor a um preço mais baixo, para o agricultor do semiárido nordestino. Nós vamos também garantir que assim que a seca pare, assim que a chuva comece, o governo federal vai ter um programa de recomposição de rebanhos. Eu tenho dito isso em todos os estados da União. Eu não sou de prometer sem cumprir, e eu quero dizer para vocês que nós não iremos perder as conquistas que tivemos nesses dez anos. Nós não vamos perder por que? Porque temos coragem, determinação e vontade política de assegurar que o povo daqui dessa região, de todo o Nordeste e do semiárido, tenha condições de voltar a ter a situação que tinha, a melhor situação que tinha antes da seca.

Nós vamos discutir isso nessa reunião que é muito importante e que vai acontecer dia 2 de agosto, desculpa, de abril. Porque eu acredito o seguinte: eu acredito que nós temos que avançar. Nós temos que avançar e temos que assegurar que os mecanismos de combate à seca eles têm que ser permanentes. Não é que nós vamos, de jeito nenhum, ficar com a mesma história todo tempo, mas a hora em que acabar a seca e vier a chuva, nós vamos ter que criar mecanismos que durem e assegurem que as pessoas não sejam atingidas. Exemplo: nós vamos ter que tratar de uma questão que é o estoque da alimentação dos rebanhos. Como é que nós garantimos que haja permanentemente um estoque de segurança, de garantia dos rebanhos aqui na região.

Bom, eu queria dizer também para vocês que durante muito tempo o povo nordestino foi levado a acreditar, ou melhor, até não acho que o povo nordestino acreditava não, mas o resto do Brasil acreditava, que o problema aqui do Nordeste era o clima. E que porque tinha o clima não tinha saída. Eu acho que o problema não é o clima. O problema do Nordeste é a valorização do homem e da mulher pernambucanos, baianos e nordestinos. Valorizar significa perceber, e eu acho que nós provamos isso, que é possível combater a seca de outra forma. É possível combater a seca olhando a seca e percebendo que o homem e a mulher são capazes de vencer quando providenciam os instrumentos

corretos. E é isso que nós queremos. Sistema adutor, sim. Sistema adutor, sim. Proteção à pequena agricultura, sim. Garantia do milho, porque o governo federal vai garantir o milho. Se tiver que importar milho, vai importar milho e garantir milho aqui nessa região.

Eu queria dizer para vocês que em que pese tudo isso, nós estamos vendo uma mudança acelerada aqui na região. Pernambuco, eu acho, que é um novo Pernambuco nos últimos dez anos e, sem dúvida, o governador tem um grande papel nisso, e o governo federal, tanto com o Lula quanto na minha gestão, também tem. Nós aqui conseguimos uma questão fundamental. Nós conseguimos que a economia crescesse e que a indústria aqui também aumentasse a sua presença. Nós conseguimos fazer um conjunto de obras que fazem e mostram uma nova face para esse novo Nordeste.

Eu me refiro ao Porto de Suape, à Refinaria Abreu e Lima, à duplicação de estradas federais, o Gasene, a integração do São Francisco e eu queria dizer, tem gente que fica falando, não vai sair a Refinaria Abreu e Lima. São aves de mau agouro, aves de mau agouro que estão erradas, porque nós vamos fazer a Refinaria Abreu e Lima e logo, logo, ela vai estar processando seus 230 mil barris por dia e isso vai significar não só um ganho aqui para Pernambuco, mas para o Brasil, porque essa será a primeira, a primeira refinaria em 33 anos no nosso país.

Eu acredito que obras como o Atlântico Sul, a petroquímica do Nordeste aqui em Suape, tudo isso e as obras da Fiat, elas mostram um novo cenário, um cenário em que essa parceria tem resultado, tem dado resultados efetivos, melhorando aquilo que interessa para as pessoas. As pessoas querem ter um emprego, querem ter um salário certo no fim do dia, querem ter oportunidades, é isso que as pessoas querem.

E aí eu quero dizer para vocês uma coisa: todos esses investimentos que nós fizemos aqui em Pernambuco, se você juntar os investimentos federais e aqueles feitos pelas nossas estatais, nós chegamos a um volume extraordinário, um volume de R\$ 60 bilhões, aqui nós botamos R\$ 60 bilhões. Porque o governo coloca não só na forma de Orçamento Geral da União, mas coloca na forma de financiamento.

Hoje nós entregamos, aqui, tanto as retroescavadeiras como os ônibus escolares. Mas eu queria dizer para vocês que, além dos investimentos em infraestruturas e empresas, é importante destinar aos prefeitos um trio, um trio que é constituído por um caminhão-caçamba, uma retroescavadeira e uma motoniveladora. Todos os municípios menores de 50 mil habitantes vão receber, mas nós, nesse programa do dia 2 de abril – eu vou antecipar para vocês –, vamos estender também para os municípios do semiárido que tenham mais de 50 mil e estejam no semiárido.

Tem um cartaz ali falando: 10% para a educação. Da minha parte, eu considero que o futuro do Brasil passa pela questão da educação, passa por várias questões da educação, passa pelo curso técnico profissionalizante que nós estamos fazendo, em parceria com o Sistema S, criando 8 milhões de vagas pelo Brasil afora – além disso nós, aqui em Pernambuco, é bom que se diga, matriculamos 42 mil jovens no Pronatec –, passa pelas escolas técnicas estaduais, passa pelas novas universidades.

Nós prometemos 10 institutos federais, institutos técnicos federais até 2014. E nós iremos implantá-los. Entre eles, nós vamos implantar, aqui, todos os projetos já definidos. Eu queria lembrar que inclusive vamos implantar aqui em Serra Talhada um instituto federal de tecnologia e escola profissional. Agora, eu queria explicar para vocês uma

coisa. Nenhum governador, nenhum prefeito tem dinheiro suficiente para pagar professor no Brasil. E pagar professor no Brasil é essencial. Ninguém vai melhorar a educação sem dar uma nova importância e um novo status ao professor. Aonde que está o dinheiro? Não, não adianta me bater palmas, não adianta. Eles não têm de onde tirar, eles não têm de onde tirar o recurso, nem os governos estaduais. Por isso, nós mandamos para o Congresso Nacional, numa medida provisória, que todos os royalties do petróleo do governo federal, dos governos dos estados e das prefeituras fossem destinados à educação, porque esse país só vai para a frente se nós investirmos, de forma significativa, na educação. E aí não é só construir escola, construir escola faz parte. Aí é valorizar, valorizar aquele que ensina nossos filhos, nossos netos. É valorizá-los. Mas não é só valorizá-lo, é formá-lo melhor.

E eu quero dizer aqui para todos que nenhum país do mundo virou uma nação desenvolvida sem alguns requisitos. Primeiro, sem escola em tempo integral. Escola em tempo integral não é aquela que primeiro ensina matemática, português e uma língua e ciências de manhã e de tarde faz arte e faz esportes. Não é isso não. Escola em tempo integral faz português, matemática, ciências, um língua o dia inteiro. Em todos os países desenvolvidos é assim. Pode fazer também futebol e artes, mas isso é complementar, suplementar. Escola em tempo integral é para que nossos filhos sejam melhores do que nós. Que é o anseio de todo pai e de toda mãe, os seus filhos serem melhores que eles. Daí só tem um dinheiro de onde a gente pode tirar, e esse dinheiro é dos royalties do petróleo no Brasil. Por quê? Porque nós temos de fazer isso nos próximos dez anos, nós precisamos fazer isso nos próximos dez anos. Nos próximos dez anos nós temos de garantir que as crianças até oito anos de idade saibam fazer as contas de aritmética, saibam ler um texto simples e interpretar. Isso chama-se alfabetização na idade certa. O Brasil precisa que suas crianças tenham uma qualidade de educação que vai, progressivamente, atingindo a cada um de nós, as indústrias, a agricultura, aos serviços. Por isso, eu quero dizer para vocês que 10% da educação... eu não sei se são só 10[%], se no início é um pouco mais de 10[%] e depois vira 10[%]. Agora, eu sei de onde sai o dinheiro. O dinheiro sai de onde tem dinheiro, que é dos recursos originários da exploração do petróleo no nosso país.

Nós diminuimos a distância entre ricos e pobres. Todo mundo hoje pode se orgulhar disso. Você pega um avião hoje, e gente que nunca entrou num avião nos últimos dez anos, está lá sentada junto com todo mundo. Nós sabemos que a questão fundamental do nosso país é que diminuiu a distância. O que mudou no Brasil? Se perguntarem para vocês: o que mudou no Brasil? Sabem o que mudou no Brasil? Nós diminuimos as distâncias entre ricos e pobres, mas nós fizemos isso acelerando a renda dos mais pobres, que cresceu mais de 90%, enquanto a renda dos mais ricos também cresceu, mas cresceu menos, cresceu 16%. Essa é uma questão fundamental para um país como o nosso.

Nós também não seremos uma grande nação enquanto não acabarmos com a pobreza. Não seremos, não tem jeito. Aquela visão que excluía uma parte da população e uma parte do Brasil foi, nos últimos dez anos, enterrada. Foi isso que aconteceu no Brasil. Nós mudamos, completa e totalmente, o que vinha acontecendo.

E eu quero dizer para vocês que nós iremos mudar ainda mais. Nós iremos mudar a infraestrutura do país, que precisa ser mudada. E aqui eu vou antecipar aquilo que o ministro estava doidinho para anunciar, e ele tem razão de querer anunciar, porque uma parte ele sempre defendeu essa questão e eu acho que ele tem razão, que é a questão das ferrovias. Nós vamos fazer uma ferrovia por dentro do estado de Pernambuco.

O ministro defendeu porque tinha previsto uma ferrovia que nós vamos manter que sai de Salvador e vai até Recife, ou vai de Recife a Salvador. E a proposta do ministro era uma outra ferrovia, que saindo desse trecho, da Transnordestina, subiria por dentro do estado e chegaria a Petrolina. É Garanhuns-Petrolina, Parnamirim, Petrolina e depois Salvador. Você pode levantar e falar sua ferrovia. Não, eu vou deixar... aqui meu filho ... ô gente, ele está se fazendo... porque eu avisei a ele que eu ia chamar...

Ministro Fernando Bezerra: Pessoal, na realidade esse é um pleito antigo de Pernambuco, a gente brigou muito junto à equipe do setor de infraestrutura do governo federal e a presidenta Dilma nesta semana bateu o martelo. Além de lançar a concessão ferroviária que liga o Porto de Suape ao Porto de Aratu, que é essa ferrovia Recife-Salvador, nós vamos também ter a opção – que é um sonho antigo, sonho de mais de 60, 70 anos, que é pegar a linha em Parnamirim, a ferrovia desce para Petrolina, atravessa o São Francisco em Juazeiro e leva a ferrovia, que é a Centro Atlântica, de Juazeiro até sair em Salvador. Esse é o pleito que a gente lutou com apoio do governador Eduardo Campos, com apoio da presidenta Dilma, a gente está ganhando uma grande conquista, esta se chama a integração ferroviária do Nordeste.

Presidenta Dilma: E ela faz parte de uma decisão do governo federal de investir pesadamente em infraestrutura. Nós fizemos uma primeira parte de ferrovias, em torno de 10 mil quilômetros. O governo federal está licitando esses 10 mil quilômetros no qual está essa integração entre o porto de Aratu e o de Suape, Salvador e Pernambuco. Mas agora nós estamos entrando já na segunda fase, e nessa segunda fase está contemplada essa ferrovia da integração que eu chamo a integração do interior de Pernambuco com o restante do Nordeste.

E eu queria encerrar lembrando o nosso querido Ariano Suassuna. Em dois momentos da vida do Ariano Suassuna, ele disse, primeiro com uma indignação de poeta, que “o Brasil oficial devia se tornar a expressão do Brasil real”. O Brasil oficial sempre foi aquele que excluiu uma parte da população brasileira das oportunidades e do benefício do desenvolvimento. Por isso, coincidir o Brasil real e o Brasil oficial foi algo que eu acho muito importante dizer aqui para vocês que o governo do presidente Lula deu início, e eu tenho a honra de ter continuado.

E, depois, o Ariano, refletindo sobre a luta que nós travamos nos últimos 20 a 30 anos – eu não vou falar quanto tempo eu estou nisso, porque tem muitos anos, vocês vão ficar impressionados como eu estou velha –, mas ele reconheceu, naquela época, com grande realismo, mas não havia nenhuma rendição nesse reconhecimento, ele reconhecia que era muito difícil vencer a injustiça secular que dilacerava o Brasil em dois países, dois países distintos: de um lado, o país dos privilegiados e, de outro, o país dos despossuídos.

Eu acredito que os poetas, eles têm essa clareza de simplificar as coisas, de mostrar com lucidez e clareza qual é o caminho. E o nosso querido Ariano tem razão: é mais que

necessário que o Brasil oficial se torne o Brasil real, que no Brasil oficial, que é o Brasil do Palácio, entre aquele catador de papel. É fundamental que a política desse Brasil oficial tenha um governo que coloque: “país rico é país sem pobreza”. Porque no Brasil já teve época em que país rico era país que não se tratava da questão social. Se tratava só da questão econômica.

Eu quero dizer também que essa injustiça secular que dilacerou o Brasil, ela vem sendo superada, e isso que nós fizemos nesse ciclo é algo extremamente importante. E quero dizer para vocês que agora, em 2013, nós vamos acelerar ainda mais essa transformação. O Brasil vai continuar numa trajetória de estabilidade e de controle da inflação, mas de crescimento. Nós vamos continuar sendo um dos países com a menor taxa de desemprego do mundo, mas, sobretudo, nós vamos, cada vez mais, provar que o país só será um país forte, um país desenvolvido se nós tivermos a determinação, a coragem de continuar por esse caminho, e esse caminho é um caminho deste país complexo, deste país com tantas diferenças, deste país grande e democrático, deste país sem guerra. Somos uma das poucas regiões do mundo que há mais de 150 anos vivemos em paz com os nossos vizinhos. Mas, sobretudo, dessa capacidade de construir, democraticamente, uma coalizão para dirigir este país. Nenhuma força política sozinha é capaz de dirigir um país com esta complexidade. Precisamos de parceiros, precisamos que esses parceiros sejam comprometidos com esse caminho.

Nós todos aqui temos, talvez, a maior das energias para levar à frente a tarefa de sustentar nosso projeto de nação. Essa tarefa de sustentar o projeto de nação, ela tem uma fonte de força e de energia. Eu diria que tem duas fontes. Primeiro, é a força do povo que caminha junto com a gente nesse caminho, e, segundo, é o imenso amor pelo Brasil que esses nossos parceiros, todos, têm demonstrado na sua história.

Eu queria terminar pedindo a todos vocês que se levantassem e que nós disséssemos um “viva” em conjunto: viva Pernambuco! Viva! E viva o Brasil! Viva!

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante café da manhã em homenagem aos chefes de Estado e de Governo e empresários dos BRICS, oferecido pelo Presidente da África do Sul, Jacob Zuma
Durban-África do Sul, 27 de março de 2013**

Bom dia a todos.

Queria cumprimentar presidente Zuma, presidente Putin, presidente Xi Jinping, ministro Sharma, senhor Davies – ministro da Indústria e Comércio da África do Sul, senhoras e senhores ministros de Estado e senhoras e senhores empresários.

O Brasil saúda, com grande satisfação, o lançamento do Conselho Empresarial dos Brics. A criação desse Conselho complementa os nossos esforços, dos governos que integram os países Brics, para empreendermos a discussão dos principais temas globais. O Conselho é, sem dúvida, um mecanismo muito inovador e vai contribuir para a consolidação de uma comunidade de negócios entre nossos países. Essas relações já vêm existindo de forma espontânea, o Conselho permitirá que elas se expandam e ultrapassem esse padrão inicial. O Conselho surge num momento marcado por

profundas mudanças econômicas que tornam os países Brics, em particular, atores fundamentais para o futuro da economia mundial.

Pela primeira vez, em 2012, os países em desenvolvimento atraíram mais investimentos externos diretos do que os países desenvolvidos. Somente os países Brics receberam US\$ 263 bilhões em investimentos, o equivalente a 20% dos investimentos externos diretos. O Brasil ficou na quarta posição, recebeu em torno de US\$ 65 bilhões. Os países Brics, nós somos detentores de consideráveis reservas internacionais, que se situam na faixa de US\$ 4,5 trilhões. Resistimos à crise global, que afeta os mercados dos países desenvolvidos, com políticas que reforçam nossa capacidade e nossa estabilidade econômica, nossa capacidade de crescimento. Das 500 maiores empresas do índice da revista Fortune em 2012, 96 originavam-se nos países Brics. Nosso intercâmbio comercial com o mundo cresceu 482% nos últimos dez anos, alcançando a cifra de 6 trilhões. No mesmo período, as vendas intraBrics cresceram 944%, chegando ao montante de US\$ 282 bilhões. Nós também temos vendas intrabloco bastante significativas, por isso a importância do aprofundamento dos nossos laços econômicos e comerciais é uma realidade cada vez mais presente, presente para os países e para as empresas. No caso, presente para o Brasil e para as empresas brasileiras.

Acreditamos que os países Brics vêm participando de projetos de infraestrutura, de energia, na área da agricultura e na área da cooperação científica e tecnológica. Nós, da nossa parte, estamos procurando renovar e expandir a infraestrutura brasileira, e assim como a China tem um projeto de infraestrutura, o Brasil também tem um projeto bastante significativo, em torno de US\$ 250 bilhões. Várias empresas de outros países estão atuando no Brasil, eu queria citar a sul-africana Airports Company South Africa, que dá uma contribuição para a modernização e ampliação do aeroporto de São Paulo, como sendo uma dessas participações em andamento.

O Brasil, por sua vez, tem um programa de investimento em logística e energia que eu me referi, no montante de US\$ 250 bilhões, e pretende atrair parceiros para esse investimento que vai contar necessariamente com recursos privados, recursos privados nacionais, recursos públicos nacionais e também recursos internacionais. A crescente participação dos nossos países como destino de investimento mostra a importância desse Conselho como forma de ampliar e acelerar essa integração estratégica dos países Brics.

Nós nos distinguimos também porque temos aplicado modelos de desenvolvimento econômico com inclusão social. Para se ter uma ideia, com três anos de antecedência, a meta do desenvolvimento do milênio de diminuir pela metade a proporção de pessoas vivendo com menos de US\$ 1,25 por dia já foi alcançada. Segundo o PNUD, esse resultado em relação à pobreza extrema se deve, em boa medida, aos avanços das políticas econômicas e sociais dos nossos países. Em todos os países Brics ocorreu uma sensível redução das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. No Brasil, nós temos, num horizonte próximo, a superação completa da miséria, da pobreza extrema.

Nós temos consciência de que a superação da miséria é apenas um começo, o fim da miséria é apenas um começo, e isso vai exigir infraestrutura, bens, equipamentos, máquinas, vai exigir políticas públicas para que essas pessoas que saiam da pobreza se tornem cidadãos e consumidores. E nós sabemos também que isto amplia os nossos

mercados, os nossos mercados domésticos, e traz a eles também uma grande contribuição. Além de ser uma questão ética, é também uma questão econômica aumentar e ampliar os nossos mercados internos.

Nós, países Brics, apesar de estarmos em regiões diversas, termos histórias diferentes e enfrentamos, cada um, desafios próprios, nós temos muitas afinidades, a principal delas, talvez o elemento que nos une com maior vigor, são as responsabilidades que temos para com esse novo mundo que está surgindo. Nós temos responsabilidade com o presente e também é esse futuro cada vez mais concreto que aglutina os nossos países. Por isso, esse Conselho Empresarial, esse Fórum Empresarial dos Brics, e a sua visão generosa para a África tem um momento especial nesse V Fórum dos Brics. Nós apoiamos de forma determinada essas iniciativas porque, como eu disse, elas estão amparadas numa visão de futuro. O Conselho Empresarial dos Brics faz parte dessa visão do futuro, um futuro no qual nossos países vão ocupar papéis cada vez mais relevantes, um futuro no qual investir em infraestrutura, ter condições de melhorar a agregação de valor tanto na agricultura quanto na indústria, cooperar na área de ciência e tecnologia, cooperar na área de educação e, sobretudo, estreitar cada vez mais os nossos vínculos, vai definir, eu tenho certeza, os rumos da história.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante sessão de trabalho da V Cúpula dos Brics
Durban-África do Sul, 27 de março de 2013**

Eu queria, primeiro, cumprimentar e agradecer ao presidente Jacob Zuma, ao governo e ao povo sul-africano pela generosa hospitalidade e pela organização dessa V Cúpula dos BRICS. É muito importante que esse encontro se realize no Continente Africano. Nós, brasileiros, temos... o governo brasileiro e o povo brasileiro tem noção da importância que o Continente Africano teve na constituição da própria nação brasileira.

Queria também saudar meus colegas chefes de Estado aqui presentes: o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin; o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, e o presidente da República Popular da China, Xi Jinping, a quem eu cumprimento de forma especial por ser a primeira cúpula internacional na qual participa como a nova liderança chinesa. Seja bem vindo presidente Xi Jinping.

Em Durban, nós estamos no 5º Fórum dos Brics. É um ciclo de reuniões que nos unificou e que já se realizou em cada um dos países membros. Portanto, temos condições de fazer um balanço do que acumulamos até agora, das conquistas e planejar o nosso futuro.

Nós temos um sólido patrimônio de realizações. Os Brics foram criados diante da necessidade de nos reunirmos para fazer face à grave crise que se iniciou nos anos 2007-2008. Hoje, mesmo aqueles mais céticos reconhecem a contribuição que o grupo Brics ofereceu, seja no debate dos temas mais candentes da economia internacional, seja por ter colocado na ordem do dia a importância do crescimento da inclusão social e da preservação e conservação do meio ambiente, tais quais nós definimos na Conferência do Clima Rio+20.

Em nossa diversidade os países do Brics estão unidos pela capacidade de enfrentar grandes problemas mundiais, pelo fato de serem países continentais com populações elevadas, com grandes desafios pela frente. Essa comunhão de similaridades também contempla uma ampla diversidade e uma ampla diferença que permite que as nossas economias sejam complementares. E após esses cinco anos de intensa cooperação, nós somos uma instituição que reúne quase a metade da população do planeta, a quarta parte do PIB global, 4,5 trilhões em reservas internacionais.

Temos força suficiente para responder a responsabilidade que pesa sobre nós, a responsabilidade de suprir as deficiências que nossas populações, nos últimos séculos, foram condenadas. E ao mesmo tempo, avançar no rumo do desenvolvimento e do crescimento, e muitas vezes substituindo em dinamismo as economias mais avançadas.

Hoje, nós temos a honra de ter a presidência do G-20 sendo constituída por um dos países integrantes do Brics, a Federação Russa, que certamente tem todas as condições para levar a pauta do crescimento, do emprego, da infraestrutura para a reunião dos 20 países que se agrupam no G-20, para esse fórum de cooperação econômica.

Embora o cenário de 2013 seja um pouco mais promissor do que o de 2012, é visível que muitos dos países desenvolvidos e seus problemas permanecem comprometendo, principalmente, o bem-estar de suas populações, ao evidenciar taxas bastante significativas de desemprego notadamente entre os jovens.

Os países Brics atuam juntos, em prol do crescimento inclusivo, de um crescimento que garanta o bem estar de suas populações, que torne as pessoas e os integrantes dos nossos países o centro do desenvolvimento. Para isso, eu tenho certeza que a presidência russa do G-20 vai impulsionar mais uma vez a agenda fundamental da superação da crise econômica.

Nós defendemos também instituições multilaterais de governança econômica e política, tais como o Conselho de Segurança Nacional e o Fundo Monetário Internacional, por exemplo. E, nesses fóruns é importante que reflita-se o peso específico dos países Brics e dos países em desenvolvimento em geral, para que a representação e a governança sejam mais democráticas.

Nesta cúpula nós aprofundamos várias questões. Entre elas destaca-se na agenda da cooperação um passo à frente com contornos concretos como duas das iniciativas importantes que são: o banco Brics e o arranjo contingente de reservas. Além disso, a ênfase dada na questão da infraestrutura logística, energética e de conexão de comunicação dada pela agenda dos Brics mostra claramente o nosso compromisso com o desenvolvimento cooperado dos nossos países e também com a expansão da atividade econômica internacional.

Nós estamos construindo mecanismos que nos ajudarão a enfrentar os desafios colocados a cada uma de nossas economias. Esses desafios – repito mais uma vez – consistem, sinteticamente, no crescimento econômico, na inclusão social e na proteção do meio ambiente.

Nós, sem sombra de dúvida, não podemos permitir que os problemas dos países avançados criem obstáculos para o crescimento econômico de países como os nossos. Nosso caminho é encontrar novas soluções que garantam um crescimento mais vigoroso dos países emergentes, de modo a assegurar a geração de empregos de qualidade,

utilizando a ciência, a tecnologia e a inovação e, ao mesmo tempo, o aumento do bem-estar dos nossos cidadãos, que são ainda bem distantes do bem-estar das economias avançadas. Ao fazer isso, estamos também dando uma grande contribuição para a recuperação da economia internacional, devido ao dinamismo dos nossos países e das nossas economias.

Hoje temos de ter em mente que se as economias avançadas se contraem, devemos fazer todo o esforço para ampliar as nossas próprias economias, os nossos próprios mercados. Se faltam investimentos nas economias avançadas, se faltam oportunidades de investimento, vamos ampliar os nossos próprios investimentos; e se há escassez de financiamento vamos criar fontes de financiamento de longo prazo. Temos de contar bastante com nossos mercados internos, explorar nossas afinidades e termos presente a importância do mercado externo e de políticas não-protetionistas assumam a forma que assumirem.

Desde o ano passado, a economia brasileira vem se recuperando, depois de um período de desaceleração em 2011 e 2012. Quero dizer aos senhores que não foi um crescimento espontâneo, mas foi um crescimento fruto do resultado de uma série de medidas de estímulo fiscal, de estímulo tributário e de estímulo monetário, foi resultado de uma determinação da vontade política do governo brasileiro, que olhou para a situação internacional e para a situação doméstica, e se propôs e se dispôs a impedir que os efeitos danosos da desaceleração internacional atingisse, de forma mais abrupta e crítica, a economia brasileira. Para isso, nós contamos com um mercado interno forte e consolidado. Resultado, também, do menor nível de desemprego de toda a história brasileira com as ações sociais do governo e com um grande programa de infraestrutura com ênfase nas áreas de transporte, energia e comunicação.

Se há uma afinidade entre todos os Brics é a consciência da importância para os nossos países do investimento em infraestrutura. Seja infraestrutura econômica, logística - como eu disse - infraestrutura social. O investimento em infraestrutura, além de ser uma alavanca na inclusão social, é um excelente instrumento para nossa competitividade reduzindo custos, ampliando a capacidade produtiva, eliminando gargalos, sendo, portanto, um importante mecanismo anticíclico de estímulo às economias.

É por isso que constituímos o Banco do Desenvolvimento dos Brics, para viabilizar o financiamento necessário a esses investimentos de centenas de bilhões de dólares, para viabilizá-lo como uma das fontes de financiamento de longo prazo. Um banco talhado para as nossas necessidades.

Além disso, frente ao quadro mais conturbado do sistema financeiro, temos de estreitar laços e criar mecanismos de apoio e sustentação mútuos. É também esse o sentido do acordo contingente de reservas entre os Bancos Centrais dos Brics que também estamos constituindo. É um mecanismo de estabilidade que, em momentos de dificuldade, pode criar linhas recíprocas de crédito entre nossos países, melhorando a liquidez, ajudando a prevenir crises e fortalecendo a solidez do mercado financeiro internacional.

As lições que tiramos dessas reuniões dos Brics e desta reunião em particular, é que devemos ter o otimismo e o dinamismo e sempre reiterar a confiança, e mantermos uma atitude contra o pessimismo e a inércia que muitas vezes atinge outras regiões do

mundo. Vamos responder a essa crise internacional com vigor, mantendo a determinação de continuar gerando empregos e combatendo a pobreza em nossos países.

Para encerrar, eu gostaria de reiterar que para o Brasil é particularmente gratificante participar da Cúpula dos Brics aqui na África, uma Cúpula que também contempla a África, porque o Banco dos Brics, por exemplo, tem por objetivo não só uma ação intra-Brics, como uma ação junto aos países em desenvolvimento.

Participar dessa Cúpula dos Brics aqui na África, e sobre a África, é, para nós, brasileiros e latino-americanos, de uma importância especial. A América Latina e a África eram, há milhões de anos, um só continente que foi separado pela ação da natureza, e o que a ação da natureza separou, a ação humana, a ação dos homens e das mulheres dos Brics, a ação dos homens e das mulheres da África e da América Latina podem unir.

Desafiando cétricos, a África é hoje uma região em processo de transformação política e econômica, que vem construindo sua estabilidade, um continente a cada dia mais rico em possibilidades e realizações. Segundo dados internacionais, dos 10 países com maior crescimento previsto até 2015, sete são africanos, o que é uma ótima notícia para o mundo e para a redução das desigualdades entre as regiões do mundo.

Estamos unidos – Brics, América Latina e África – em um grande projeto comum de crescente aproximação e de objetivos compartilhados, uma parceria entre iguais, que se constrói no respeito mútuo, voltada para o desenvolvimento e o bem-estar de seus povos, uma parceria que abandonou e abandona as agendas ocultas, cuja característica – e nós conhecemos isso muito bem – era utilizar a ajuda econômica como instrumento político.

Estou certa de que o século XXI será de afirmação do mundo em desenvolvimento. Nós vamos reduzir a distância econômica e social que ainda nos separa dos países mais avançados. Seremos, Brics, África e América do Sul, protagonistas decisivos deste novo cenário histórico de uma cultura de paz, de solidariedade, de justiça social e de cooperação fraterna. Alegro-me muito pensar que poderemos fazê-lo juntos.

Muito obrigada

Declaração à imprensa da Presidenta da República, Dilma Rousseff, após cerimônia de assinatura de atos Durban-África do Sul, 27 de março de 2013

Quero, mais uma vez, agradecer ao governo sul-africano pela organização da V Cúpula dos Brics e pela calorosa acolhida a nós dispensada. Estamos aqui, nesta bela Durban, dando mais um passo importante na consolidação dos Brics, que se afirma e se consolida como uma força importante no cenário internacional. Dando mais só um número, eu daria o exemplo do comércio intra-Brics, que cresceu a extraordinária soma de 944% nos últimos 10 anos, elevando-se de US\$ 27 bilhões para US\$ 283 bilhões. Isso ainda é pouco diante do nosso potencial. Nossos países, eles têm contrabalançado os efeitos da continuada crise econômica-financeira internacional, tanto pela via do comércio quanto dos investimentos. Demos passos importantes hoje para a criação de um banco de desenvolvimento, que tem de ter um *funding* compatível com o seu desafio. É nossa contribuição para a economia global em um dos seus aspectos mais decisivos, o do

financiamento do desenvolvimento. Lançamos hoje, também, os trabalhos para a criação de um arranjo contingente de reservas, mecanismo destinado a fortalecer a cooperação e a interação econômico-financeira dos Brics.

Compartilhamos nossas visões sobre grandes desafios que nos são comuns, ligados ao desenvolvimento sustentável, à inclusão social, à competitividade industrial e à paz e a segurança. Seguimos unidos na defesa de reformas das estruturas de governança global. É necessário, urgentemente, atualizá-las e torná-las mais legítimas e representativas do mundo de hoje. O ano de 2013 é central para se implementar as reformas do Fundo Monetário, para adequá-las à nova realidade da economia mundial. Concordamos em trabalhar juntos para implementar os resultados da Conferência do Rio+20: desenvolver, crescer, incluir e proteger, em especial no que se refere ao estabelecimento dos objetivos de desenvolvimento sustentável.

Devemos ampliar nossa agenda de cooperação para as áreas de defesa, para o combate ao crime organizado e ao tráfico de drogas – e desde agora eu me congratulo com o presidente Putin pela reunião que ele vai organizar em Moscou sobre as medidas anticorrupção e previdência social. Registro, em particular, a realização, primeiro, do Fórum Empresarial e, depois, do Fórum Acadêmico. Esses dois fóruns mostram que nossos mecanismos de cooperação devem ser mais do que os governos se aproximando, mas também empresários, acadêmicos e, sobretudo, as nossas sociedades, através de atitudes e de ações no que se refere a iniciativas culturais.

Fico muito satisfeita de que essas decisões que fortalecem os Brics e consolidam o seu papel no âmbito global tenham sido formalizadas aqui em solo africano. Essa é a segunda vez que venho à África em 2013, há pouco mais de um mês estive em Malabo participando da Cúpula dos países da América do Sul com a África. Em breve, participarei em Adis Abeba das comemorações dos 50 anos da União Africana. A presença de expressivas lideranças africanas aqui em Durban, com quem nos reuniremos na tarde de hoje, reforça a dimensão da parceria do Brics com os países em desenvolvimento e com a África, em particular, na área da infraestrutura. Nossas deliberações aportarão elementos sólidos para o desenvolvimento de uma parceria dos Brics com a África baseada na solidariedade e no respeito mútuo.

Quero ressaltar, por fim, que 2014 será um ano especial no Brasil. Não só pela Copa do Mundo, mas também, e aqui nesta reunião, sobretudo, por sermos a próxima sede da Cúpula dos Brics, e muito me alegra a perspectiva de recebê-los em meu país. Estejam certos de que nosso empenho e nossa determinação em reforçar o patrimônio que nós conquistamos até hoje, esse patrimônio de realizações que acumulamos, será honrado nessa VI Cúpula a se realizar no Brasil. Eu queria agradecer, mais uma vez, aos demais presidentes e primeiro-ministro que integram a Cúpula dos Brics, e dizer que, mais uma vez, demos passos importantes em direção ao aprofundamento da nossa cooperação no âmbito dos países Brics.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o Fórum de Diálogo Brics/África
Durban-África do Sul, 27 de março de 2013**

Queria cumprimentar os senhores presidentes Jacob Zuma, Vladimir Putin, Xi Jinping e o primeiro-ministro Manmohan Singh, integrantes do grupo Brics.

Queria cumprimentar os chefes de Estado aqui presentes, a começar de todos os presidentes e primeiros-ministros africanos que comparecem a este Fórum Brics/África.

Queria cumprimentar também o excelentíssimo senhor Hailemariam Desalegn, primeiro-ministro da Etiópia e presidente da União Africana,

Queria cumprimentar a senhora Nkosazana Dlamini Zuma, presidenta da Comissão da União Africana,

Queria cumprimentar também os ministros e outras autoridades de Estado aqui presentes,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que reencontro agora, em Durban, muitas das lideranças com as quais estive em visitas bilaterais e encontros multilaterais, e em Malabo, na última 3ª Cúpula América do Sul-África, em fevereiro. Por isso, agradeço ao presidente Zuma a oportunidade de discutir o tema da infraestrutura, central para o desenvolvimento dos nossos países, países do Brics e países da África.

Nós temos certeza de que quando melhoramos o transporte, as comunicações, o fornecimento de energia logística, nossos países ganham em crescimento econômico e ganham também em bem-estar da sua população. Nós sabemos que na África, como na América do Sul e em várias partes do mundo, os organismos regionais têm papel primordial na expansão de projetos que contribuem para a estruturação econômica dos nossos países.

Passos importantes estão sendo dados, em particular pela iniciativa presidencial dos campeões em infraestrutura e o Programa para o Desenvolvimento da Infraestrutura na África, ambos no contexto da nova parceria para o desenvolvimento da África.

Contrastando com o cenário internacional de crise, a África vive grande dinamismo econômico. Dos dez países com maior crescimento previsto até 2015, sete são africanos. Como grupo, o Brics é o segundo maior parceiro comercial da África, e de longe aquele com maior ritmo de crescimento. O comércio Brics-África aumentou 10 vezes em uma década, tendo ultrapassado os US\$ 330 bilhões em 2012.

Mas nossa parceria pode ir muito além, e vai muito além do comércio. Para o Brasil é fundamental colocar os investimentos, a cooperação técnica, a transferência de tecnologias, inclusive as tecnologias sociais, e outros instrumentos de colaboração a serviço do desenvolvimento local dos países africanos.

Nesta reunião estamos discutindo como podemos aplicar essa parceria entre os Brics e a África. Devemos construir juntos muitas pontes – marítimas, aéreas, culturais, educacionais, turísticas, de investimentos e comerciais –, que são necessárias para que haja uma maior aproximação entre nossas sociedades.

O Brasil é um país que tem compromisso com a África, porque a sua nação foi integrada por um componente africano muito forte. Aliás, nós somos o maior país de população

africana fora da África. Por isso, temos tido um grande comprometimento no sentido de ampliar o nosso relacionamento.

E eu quero agradecer os enriquecedores comentários feitos pelos líderes africanos que falaram até agora, e dizer que nós temos consciência que a África é um continente com abundantes riquezas minerais, com abundantes recursos hídricos, com potencial energético e biodiversidade, além de uma cultura vibrante e um povo jovem e determinado a forjar caminhos próprios de desenvolvimento. Essa consciência é muito importante para que possamos forjar uma parceria entre iguais, uma parceria em que todos ganhem, uma parceria que seja o oposto do que fizeram em nossos continentes nos últimos séculos.

Passos significativos vêm sendo dados por grande parte de nossos países, no sentido de aproveitar todo esse potencial em setores diversos. Parceria na agricultura onde inclusive nós, o Brasil, temos essa similaridade imensa com a África, por termos feito, há alguns milhões de anos atrás, parte de um só continente; parceria na área de energia, na área de mineração. Há avanços notáveis também, eu acho, nas políticas, nas parcerias nas políticas de educação, saúde, nas políticas sociais e de segurança alimentar.

Eu acho que essa oportunidade que se apresenta hoje, diante de nós, na qual o grupo Brics está disposto a oferecer sua parcela de contribuição para a superação de todos esses desafios, é um momento estratégico. Nós temos uma experiência acumulada no enfrentamento de carências em infraestrutura, que poderá contribuir para nortear nossos esforços conjuntos.

O Brasil tem empresas brasileiras que trabalham aqui na África, no setor de construção civil. O Brasil também tem estabelecido parcerias, no sentido de financiamento, como aquela que nós assinamos entre o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o nosso BNDES, e o Banco Africano de Desenvolvimento.

Nós queremos compartilhar com os parceiros africanos a experiência de implementação de nossos programas sociais, porque até há pouco tempo o Brasil era um país cortado por uma profunda desigualdade social, programas esses que tiveram comprovado êxito na promoção da inclusão social e que abrangem desde distribuição de renda, geração de emprego e acesso a serviços públicos como eletricidade e água, e serviços básicos como saúde e educação.

Eu queria dizer que nesse sentido uma grande iniciativa foi tomada, com essa criação do Banco de Desenvolvimento dos Brics que se abre para parcerias também com países em desenvolvimento, sobretudo aqui na África. E eu queria dizer também, antes de finalizar, como nós todos estamos dispostos a seguir explorando mecanismos inovadores que permitam ampliar nossa cooperação com a África.

Eu estou certa que o século XXI é, de fato, um século em que a grande novidade será uma presença efetiva e cada vez mais robusta da África, no cenário econômico, político e cultural, no mundo. Nós, brasileiros, temos perfeita consciência da grande contribuição que tem, no nosso país, essa parcela da nossa população miscigenada, que trouxe para o Brasil não só a capacidade de ter uma relação muito otimista diante da vida, mas trouxe para o Brasil também uma grande capacidade de trabalho, uma grande determinação, e integra o fundo da nossa cultura.

Mais uma vez, eu queria agradecer e dizer que este é um momento especial. Acho que a parceria Brics-África expande a nossa capacidade de transformar o mundo.
Obrigada.